



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas



NATALIA MORENO SEXTO

**GESTAR E PARIR: DESLOCAMENTOS SOBRE O CORPO,
MIDIATIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS**

Três Lagoas - MS

2026



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Campus de Três Lagoas



NATALIA MORENO SEXTO

**GESTAR E PARIR: DESLOCAMENTOS SOBRE O CORPO,
MIDIATIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de concentração: Estudos Linguísticos), do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para obtenção de título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono

Três Lagoas - MS

FEVEREIRO/2026

NATALIA MORENO SEXTO

**GESTAR E PARIR: DESLOCAMENTOS SOBRE O CORPO,
MIDIATIZAÇÃO E OS LETRAMENTOS**

BANCA EXAMINADORA

Presidente Orientador: Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Queila Barbosa Lopes
Universidade Federal do Acre (UFAC)

Suplente: Prof.^a Dr.^a Icléia Caires Moreira (UFMS)

Suplente: Prof.^a Dr.^a Sandra Mari Kaneko Marques (UNESP)

**Três Lagoas
FEVEREIRO/2026**

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me deu a vida, os caminhos e as oportunidades, me guiou e nunca me deixou só.

À CAPES, pelo auxílio financeiro, imprescindível para o desenvolvimento desta dissertação e demais atividades acadêmicas.

Ao Prof. Dr. Fabrício Tetsuya Parreira Ono, meu orientador, a quem considero uma celebridade, que viu através do que estava para ser visto em mim lá em 2019, me acompanhou na caminhada acadêmica, incentivou e possibilitou minhas maiores conquistas. Com o Fabrício, alcei desde os primeiros aos mais atuais voos, sempre acompanhada de seu bom humor e carinho, sou eternamente grata.

Às professoras Ana Paula Duboc e Icléia Caires Moreira, que se dispuseram a compor a minha banca de qualificação e fizeram apontamentos e orientações muitíssimo pertinentes. Sou grande admiradora das pessoas que são e dos trabalhos que exercem com maestria.

Às professoras Celina Aparecida Garcia de Souza Nascimento e Queila Barbosa Lopes, membros da minha banca de defesa, pelo aceite e pelos apontamentos. Ambas fizeram parte da lapidação desta dissertação e de um momento grandiosíssimo em minha vida.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - campus de Três Lagoas, e do curso de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade e câmpus, a partilha e entrega de vocês nas aulas e conversas me contagiaram e incentivaram para que chegasse até aqui.

Aos professores do Instituto Federal de São Paulo - campus Presidente Epitácio, cuja expertise e amizades cultivadas me causaram enorme admiração e motivação.

À minha família de berço, por ter me dado todas as oportunidades, experiências, inspirações e incentivo. Vocês são parte de quem eu sou, e eu os amo para sempre.

À minha rede de apoio, em especial à minha cunhada Carolina, que cuidou do meu filho e me incentivou para que eu pudesse estudar e desenvolver este trabalho. Sem vocês, nada disso seria possível.

Ao meu marido Leonardo, meu maior incentivador e admirador, que acompanhou de perto e vibrou toda e cada conquista minha. O Léo tomou conta do nosso filho e da nossa casa, sozinho, por diversas vezes, para que eu pudesse estudar, cuidou de mim e das minhas

responsabilidades quando eu não pude, leu e releu cada parágrafo deste texto incontáveis vezes. Você é meu maior presente, eu te amo.

Ao meu filho, Kevin, sem o qual eu não estaria aqui hoje, escrevendo esta pesquisa. Ser sua mãe me modificou de maneiras inimagináveis, despertou o melhor em mim, me motivou a ser minha melhor versão. Eu te amo incondicionalmente!

À todas(os) as(os) amigas(os)/colegas de vida, de perto, de longe, de graduação e de pós-graduação, com os quais vivi momentos únicos, tomei bons cafés e ri à beça.

RESUMO

Pensar a sociedade brasileira na contemporaneidade, a partir das lentes de uma mulher, (nascida nos anos 2000, mãe, esposa, trabalhadora do SUS, entre outros) professora e estudante de línguas e Linguística, por vezes é equivalente a pensar na ubiquidade proporcionada pelas mídias digitais (Han, 2014; Faustino; Lippold, 2023), na espetacularização da vida (Moraes, 2006; Gregolin, 2003) e no (in)sucesso do capitalismo/modernismo (Mignolo, 2008; Quijano, 2005). Essas temáticas, quando estudadas no âmbito do gestar e do parir, me trouxeram a esta pesquisa, com a qual problematizo como nossos corpos são/podem ser afetados pelo discurso de uma sociedade midiaticizada e os rastros coloniais - os quais, tanto um quanto o outro, surgem de/seguem uma lógica neoliberal - e a força dos letramentos na desconstrução de verdades postas. Para tanto, almejo o sonho da pesquisa transdisciplinar (Japiassu, 2016), indisciplinar e transgressiva (Moita Lopes, 2006; Pennycook & Makoni, 2020), recorrendo a um arcabouço teórico que transita entre Antropologia (Koury, 2016), Linguística (Duboc, 2014; Souza, 2011; Ono, 2018), estudos da Filosofia e da Sociologia (Foucault, 1977; Palermo, 2019), literatura médica (Camacho, 2010; Scheifer, 2013) e a leis e documentos oficiais. A dissertação tem por objetivos específicos: 1. verificar como o discurso das mídias e de blogueiras constrói uma "vontade de verdade" sobre gestação e parto, associando-os ao consumo, ao luxo e à medicalização; 2. analisar como a universalização do saber médico eurocêntrico e a lógica capitalista transformam o corpo feminino em uma "máquina" e o parto em uma "linha de produção", marginalizando saberes ancestrais e fisiológicos; e 3. trazer visibilidade às questões que envolvem a mulher grávida e parturiente. Com isso, objetivo, também, propor deslocamentos por meio de leitura crítica, resistência, retomada de poder sobre o corpo que pare e um movimento de de(s)colonizar do parir. Para tanto, a pesquisa se propõe interpretativista (Moita Lopes, 1994), seguindo uma metodologia hermenêutica-fenomenológica (Bicudo, 2018; Melo, 2016) com nuances autoetnográficas (Ono, 2018; 2025), tendo em vista que o fenômeno observado e os fatores que agem na construção de significação dos sujeitos são subjetivos e perspectivados. O corpus, composto por imagens retiradas, principalmente, de redes sociais de blogueiras, está disposto e é analisado ao longo dos capítulos 2 e 3. A análise do corpus resulta em discussões e reflexões que tangem, especialmente, ao corpo, à midiaticização e à espetacularização da vida, e caminham para a valorização das teorias dos letramentos, bem como para a pavimentação de presentes/futuros outros, assentados em experiências configuradas por privacidade e criticidade.

Palavras-chave: Gestar e parir; midiaticização; espetacularização; letramentos; experiência.

ABSTRACT

To think about Brazilian society in the present day through the lenses of a woman, (born in the 2000s, a mother, wife, public health worker within the SUS system, etcetera) teacher, and student of Languages and Linguistics - is, at times, equivalent to reflecting on the ubiquity of digital media (Han, 2014; Faustino & Lippold, 2023), the spectacularization of life (Moraes, 2006; Gregolin, 2003), and the (un)success of capitalism/modernity (Mignolo, 2008; Quijano, 2005). These thematics, when studied in the scope of pregnancy and childbirth, have led me to this research, through which I seek to problematize how our bodies are/can be affected by the discourse of a mediatized society and by colonial traces - both of which emerge from/reproduce a neoliberal logic - and the strength of the literacies in the deconstruction of stated truths. In this regard, I pursue the aspiration of a transdisciplinary (Japiassu, 2016), undisciplinary, and transgressive research approach (Moita Lopes, 2006; Pennycook & Makoni, 2020), drawing on a theoretical framework that spans Anthropology (Koury, 2016) and Linguistics (Duboc, 2014; Souza, 2011; Ono, 2018), as well as Philosophy and Sociology (Foucault, 1977; Palermo, 2019), medical literature (Camacho, 2010; Scheifer, 2013), and official laws and policy documents. The dissertation has the following specific objectives: 1. to verify how the discourse of the media and bloggers constructs a "will to truth" about pregnancy and childbirth, associating them with consumption, luxury, and medicalization; 2. to analyze how the universalization of eurocentric medical knowledge and capitalist logic transform the female body into a "machine" and childbirth into a "production line," marginalizing ancestral and physiological knowledge; and 3. to bring visibility to the issues involving pregnant and parturient women. Through this, I aim to propose shifts through critical reading, resistance, and the reclaiming of power over the birthing body, toward a de(s)colonial movement of childbirth. This research follows an interpretivist perspective (Moita Lopes, 1994), employing a hermeneutic-phenomenological methodology (Bicudo, 2018; Melo, 2016) with autoethnographic nuances (Ono, 2018; 2025), considering that both the observed phenomenon and the factors influencing the construction of meaning are subjective and perspectival. The corpus, composed mainly of images taken from the social media of female bloggers, is presented and analyzed throughout chapters 2 and 3. The analysis of the corpus results in discussions and reflections that particularly concern the body, mediatization, and the spectacularization of life, while moving toward the appreciation of literacies theories and the paving of alternative presents and futures grounded in experience, privacy, and critical awareness.

Keywords: Pregnancy and childbirth; mediatization; spectacularization; literacies; experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Monte Alto.....	1
Figura 2 – Rizoma.....	13
Figura 3 – Trandisciplinarizando em contra-mão.....	15
Figura 4 – Consulta de pré-natal.....	17
Figura 5 – Opção <i>parto</i> cesárea.....	23
Figura 6 – Cesariana pois: bebê enorme.....	25
Figura 7 – A novela mexicana do parto.....	26
Figura 8 – <i>Please the crowd</i>	29
Figura 9 – O pós-“parto” milagroso.....	32
Figura 10 – Corpo aqui, mente ali.....	36
Figura 11 – Tentativa de parto normal.....	38
Figura 12 – Sujeira?.....	39
Figura 13 – Somente o necessário.....	44
Figura 14 – Decor, check.....	47
Figura 15 – Com quantas mãos se faz um parto?.....	49
Figura 16 – Preparação para o parto	58
Figura 17 – Folia das gestantes.....	59
Figura 18 – Peso/2.....	61
Figura 19 – Trabalho em equipe.....	63
Figura 20 – Culminância.....	65

SUMÁRIO

1	NOVE MESES EM ALGUMAS PÁGINAS.....	1
2	PRIMEIRO TRIMESTRE: A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO.....	9
2.1	Eu, linguista.....	10
2.1.1	Pulando o muro disciplinar.....	14
2.2	Pré-natal: perspectiva metodológica.....	16
2.3	A dor do parto e a roda do dinheiro cesarista	21
3	SEGUNDO TRIMESTRE: TEORIA E REALIDADE.....	28
3.1	O nascimento na contemporaneidade.....	29
3.2	Corpo descorporificado.....	35
3.3	Influência, marketing e sociedade da exposição.....	42
4	TERCEIRO TRIMESTRE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	51
4.1	Subjetividade e os letramentos.....	51
4.2	Intervenção <i>contraintervencionista</i>.....	56
5	O ATO FINAL.....	65
	REFERÊNCIAS.....	68
	APÊNDICE A.....	76
	APÊNDICE B.....	82
	MEMORIAL.....	85

1: NOVE MESES EM ALGUMAS PÁGINAS

Figura 1 - Monte Alto



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2023

Texto alternativo: No centro da foto, há uma mulher grávida e é possível ver apenas seu tronco. Ela está de calça jeans, com zíper e botão abertos, com uma mão sobre a barriga desnuda, e a outra mão segurando um buquê de flores coloridas. O fundo é iluminado num tom de off white.

E neste dia, a horas de véspera, houvemos vista de terra, isto é, primeiramente d'um grande monte, mui alto e redondo, e d'outras serras mais baixas a sul dele e de terra chã com grandes arvoredos, ao qual monte alto o capitão pôs nome o Monte Pascoal e à terra a Terra de Vera Cruz. (Caminha, 2010, p. 2)

Em sua carta, Pero Vaz de Caminha (2010) relata ao rei de Portugal o “descobrimento” das terras do Brasil. Temos, já tão logo, um marco inicial de dominação, futuras transgressões e a construção de toda a história de uma nação com base em uma versão estrangeira dos fatos. Tal qual a Terra de Vera Cruz, vejo que, hoje, gestação e nascimento também são um território ardiloso, no qual residem disputa, controle e imposição. Passar por uma gravidez, pela

ansiedade pelo parto e, por fim, pelo nascimento de meu filho, foram experiências que levantaram em mim inquietações relacionadas aos fatores e discursos que circundam o corpo que pare e os nascimentos no Brasil. Enquanto estava grávida, encontrei ao meu dispor um mar de informações e desinformações sobre gestação, pré-natal, partos normais, cirurgias cesarianas, além de vídeos e mais vídeos de como os nascimentos atuais devem ou não devem ser, por meio, principalmente, das mídias sociais.

Passei a caminhar em um território novo, constituído por interditos e discursos de verdade que remontavam ecos discursivos em mim (Foucault, 1971). Todos os caminhos me levavam a chás de revelação de gênero, cirurgias cesarianas, contratação de fotógrafa(o) e lembrancinhas para a maternidade, por mais que, no fundo, não fossem essas as minhas maiores preocupações ou desejos. Hoje, acredito que estava imersa em uma vontade de verdade externa, que convergia com coerção midiacentrada, desinformação e giro de capital, afinal “esta vontade de verdade, por fim, apoiando-se numa base e numa distribuição institucionais, tende a exercer sobre os outros discursos — continuo a falar da nossa sociedade — uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento.” (Foucault, 1971, n.p).

Em um contexto em que os principais atuantes, hoje, são instituições e serviços particulares, e sujeitos atravessados pelo alto valor simbólico (Bordieu, 1989) de suas profissões - influenciadores digitais, médicos - é difícil, se não, considerado desrespeitoso, questionar o que nos é proposto ou exposto como a verdade. No entanto, não é minimamente estranho que, ao longo dos anos, precisamos gastar cada vez mais dinheiro, contratar mais profissionais e serviços, expor para cada vez mais pessoas um momento, a meu ver, íntimo, como o nascimento de um filho? Por que precisamos de cada vez mais cirurgias, se nosso corpo sabe parir? Se, em nosso país, são depreendidos esforços, como a criação da Rede Cegonha (2011), reestruturada em Rede Alyne (2023), com o intuito de promover acesso ao pré-natal, informatividade, humanização dos partos e bem-estar materno-infantil, na saúde pública, por que é que os números de cesarianas realizadas sobem, junto aos de violência obstétrica, quando os de partos normais e assistências humanizadas caem?

A saber, parto normal é aquele que “ocorre entre 37 e 42 semanas de gestação, com início espontâneo do trabalho de parto, em pacientes com risco habitual que tenham fetos em apresentação cefálica fletida e que resulte em mãe e recém-nascido em boas condições.” (Ministério da Saúde, 2022). As estatísticas afirmam que, em nosso país, a grande maioria das mulheres, especialmente aquelas atendidas em hospitais particulares, têm preferido realizar, ou são levadas a escolher, a cesariana – uma cirurgia de grande porte com potenciais riscos à mãe e bebê em curto e longo prazo (Conselho Nacional de Saúde, 2021). Diante do exposto, destaco

que o parto e a assistência ao parto passaram por diversas transformações ao longo do tempo. O que antes era visto como um evento natural do ser humano, que remetia à feminilidade e ancestralidade com a presença de parteiras e outras mulheres, deu lugar a um evento controlado e colonizado pelo saber médico eurocêntrico.

Vejo essa transformação como um dos tantos resquícios trágicos do processo de colonização das Américas, a mais uma área por onde se espraia a colonialidade do poder (Quijano, 2005). Com a hierarquização do trabalho e a racialização da população, plano executado com maestria após a invasão do nosso continente, foi se construindo ao longo dos anos o sistema-mundo como o vemos hoje, capitalista e euaeurocentrado (Walsh, 2010). Neste, o que merece valor econômico e político, o que é moderno e deve ser implementado é o que se relaciona/ parte da Europa, enquanto o que é conhecimento/costume ancestral, indígena, negro, é tido como inferior e atrasado. Assim, de 1500 aos dias atuais, fomos forjados com base em conhecimentos “universais”, eleitos de maneira assimétrica e excludente, desconsiderando subjetividades e culturas que não as impostas, ainda hoje, pelos países dominantes. A universalização do saber da medicina, como tal, contribui para a medicalização dos partos e inserção de uma relação de consumo/lucro no nascimento, que normaliza, por exemplo, a prática da cesariana, e invalida formas mais naturais de se parir, desconsiderando uma gama de conhecimentos e documentos que deveriam nortear o evento.

De modo a diminuir a alta das cesárias e prezar pelo bem-estar físico e psicológico da parturiente para um bom parir, surgiu o movimento de humanização da assistência ao parto (Brasil, 2020), veemente apoiado principalmente por mulheres, sejam elas médicas, enfermeiras obstetras, doulas ou simplesmente mães. No entanto, a vivência do meu parto, ou a luta por ele, me mostrou que existe uma batalha sendo travada no tocante aos nascimentos, e que a melhor amiga e a pior inimiga das mulheres nesta guerra é a língua, uma vez que a efetivação do poder de escolha da parturiente para o desenrolar de sua gestação e do nascimento de seu filho, atualmente, depende do tipo de informação da qual ela se muniu, da qual ela se constitui como sujeito no coletivo social. Isto posto, tenho como objetivo geral, com esta pesquisa, problematizar a influência dos discursos midiáticos nas vias de nascimento, sendo os objetivos específicos: 1: verificar como o discurso midiático e das blogueiras constrói uma “vontade de verdade” sobre o parto, associando-o ao consumo, ao luxo e à medicalização; 2: analisar como a universalização do saber médico euroeuacêntrico e a lógica capitalista transformam o corpo feminino em uma "máquina" e o parto em uma "linha de produção", marginalizando saberes ancestrais e fisiológicos; e 3: trazer visibilidade às questões que circundam a mulher grávida e

parturiente. Com isso, proponho deslocamentos baseados nos letramentos, na resistência e retomada de controle sobre o corpo que pare e um movimento de de(s)colonizar o parir.

Há de se lembrar que com o advento da medicina e da modernidade, muitas vidas são salvas no evento do nascimento, visto que existem necessidades reais para a realização da cirurgia. No entanto, as atuais taxas exorbitantes de realização de cesárea no país indicam muito mais do que cirurgias necessárias: a desinformação pode levar à perda do poder de escolha, do poder sobre o próprio corpo e sobre os fatores que envolvem esse evento único, que é o nascimento de um filho. É aí que minha pesquisa toma corpo: na seara da Linguística Aplicada, ao tomar essa questão como um fenômeno, pretendo descrever as minhas interpretações e compreensões sobre o mesmo, a partir de uma metodologia hermenêutica-fenomenológica (Bicudo, 1994; 2018; Melo, 2016), atravessada por nuances autoetnográficas (Ono, 2018; 2025). Para tanto, dividi o trabalho da mesma forma que se divide uma gestação, em três trimestres, numa tentativa de alinhar as hipóteses e perspectivas teórico-metodológicas aqui dispostas, à realidade dos trimestres vivenciados pela gestante.

Ancorado em conceitos e pensamentos decoloniais (Ballestrin, 2013; Castro-Gomez, 2005; Mignolo, 2005; 2008; Palermo, 2019; Quijano, 2005), em trabalhos que abordam os midiacentrismos (Crary, 2023; Faustino e Lippold, 2023; Gregolin, 2003; Han, 2014; 2018; 2019;), nas teorias dos letramentos (Duboc, 2014; Luke, 2018; Souza, 2011; Monte Mór, 2013; 2000; Takaki, 2023), e em bibliografia das ciências médicas e da enfermagem (Camacho *et al.*, 2010; Conitec, 2016; Ministério da Saúde, 2022; Rattner, 2005; Sanfelice *et al.*, 2014; Vendrúsculo e Kruehl, 2015), este trabalho almeja o (re)pensar, o (re)posicionar, e a (re)tomada do controle dos corpos, especialmente os femininos. Para tanto, me lanço, aqui, numa tentativa de traçar um caminho de fuga do *status quo*, ao expor uma compreensão para os seguintes questionamentos: existem leis e diretrizes que regulamentam os partos e cesarianas? Se existem, por que ouvimos falar tanto sobre partos ruins e experiências traumáticas com o nascer? Quais são os fatores, para além das indicações reais, que levam grande parte das mulheres a terem seus filhos por cesárea?

Diante disso, trabalho com duas hipóteses: a primeira, de que o discurso midiático, de mãos dadas com o capitalismo colonial/moderno (Quijano, 2005), atua na construção dos sujeitos, no caso, aqui, das gestantes, com vistas ao consumo/lucro, tendo como resultado uma padronização de escolhas e comportamentos, como a realização de cirurgias cesarianas, mesmo quando não indicadas. E a segunda, de que os Letramentos, quando colocados em prática, tanto dentro como fora da sala de aula, podem colaborar para a desconstrução e deslocamentos de certas verdades que envolvem os corpos e os nascimentos, empoderando as mulheres e

devolvendo a elas o poder de escolha. Desta forma, busco partilhar da minha visão particular, enquanto mãe, profissional da área da saúde e pesquisadora da área das Linguagens. Sugiro, inicialmente, que a ideia de dor insuportável que envolve o parto normal, aterrorizando e afastando as grávidas de sua ancestralidade, provém de uma construção cultural, social, textual e midiática que atua no imaginário da população via jogos de interesses capitalistas. Vejo que esse conjunto de ações coercitivas toma da mulher o seu próprio corpo, sua força e potência:

Neste modelo, o corpo da mulher é compreendido como máquina e a assistência prestada como linha de produção. O hospital, por sua vez, torna-se a fábrica, o corpo da mãe a máquina e o bebê representa o produto de um processo de fabricação industrial. A obstetrícia passa a desenvolver ferramentas e tecnologias para a manipulação e melhoria do processo inerentemente defeituoso do nascimento, caracterizado pelo sistema de linha de montagem industrial. (Sanfelice *et al.*, 2014)

Proponho que os rastros coloniais, a posição do sujeito e as relações de poder e saber (Mignolo, 2009), bem como os letramentos - ou a falta deles - atuam diretamente sobre o sujeito no que diz respeito à formação de sua opinião quanto ao nascimento, trazendo à tona a necessidade de um repensar, um (re)posicionar no/com o mundo. Em conformidade com as teorias dos letramentos, reforço que não mais nos cabe tomar os sentidos e significados como dados, prontos e incontestáveis. Portanto, busco salientar a necessidade de se questionar criticamente a infinidade de informações a que temos acesso, que se encontram nos textos, telas e falas que nos cercam, uma vez que

É nessa relação com a economia política transnacional que governos, corporações, e instituições educacionais se esforçam para mediar esses fluxos - isto é, para controlar e censurar, taxar, regular e capitalizar quem tem acesso a fluxos de informações, e quais textos e discursos são traduzíveis em valor e status cultural e econômico, poder e funcionalidade. (Luke, 2018, tradução minha).

Para tanto, esta dissertação está dividida em três trimestres, tal qual uma gestação: primeiro, A Descoberta do Novo Mundo, segundo, Teoria e Realidade, e terceiro, Reta Final. O primeiro trimestre se divide em 3 seções e uma subseção. Na seção 2.1, “Eu, Linguista”, trago uma breve historicização do meu ser e o que me trouxe até aqui, bem como as principais concepções da corrente teórica a qual me filio, a Linguística Aplicada. Na subseção 2.1.1, “Pulando o muro disciplinar”, vi a necessidade de explicar sobre os anseios a transdisciplinaridade/indisciplinaridade da pesquisa em curso. Em 2.2, “Pré-natal: perspectiva metodológica”, faço um convite ao início das consultas de pré-natal, para que possamos caminhar tal qual uma gestante rumo ao nascimento. Abordo a metodologia a ser utilizada, as perguntas motivadoras e a organização dos recortes. Já na em 2.3, “A dor do parto e a roda do

dinheiro cesarista”, busco explicar, recorrendo à literatura devida e utilizando os termos estabelecidos, o que exatamente é um parto normal e o que é uma cirurgia cesariana, mostrando, também, como a mídia atua na construção desses conceitos no imaginário da população.

Com isso, passo ao segundo trimestre, no qual relaciono exemplos de nascimentos atuais ao arcabouço teórico decolonial e dos midiacentrismos, buscando deixar o meu gesto de interpretação em face do processo analítico, que delineia como colonialidades, interesses capitalistas voltados ao lucro e a vivência na sociedade globalizada podem corromper, influenciar e até mesmo enganar os envolvidos nos nascimentos, em especial a mulher que pare. O segundo trimestre está dividido em três seções: 3.1, “O nascimento instagramável”; 3.2, “Corpo descorporificado”; e 3.3, “Influência, marketing e sociedade da exposição”. Na primeira, trago o que se espera para os nascimentos, com base nas diretrizes oficiais do Ministério da Saúde (2015) e da Conitec (2016), e alguns exemplos de como estes têm sido, por meio de recortes de postagens de *influencers* famosas hoje. Em 3.2, relaciono recortes de postagens do Instagram, feitas por blogueiras famosas na atualidade, que tratam dos nascimentos de seus filhos, à questão da descorporificação e ciborguização dos corpos. Discorro sobre presença, relação corpo/mente e deiscência do corpo, convidando ao acordar e trazer o corpo de volta, em especial no parto, mas, também, na vida em geral.

Na seção seguinte, recorro a Han (2014; 2018; 2019), Cesarino (2022), entre outros pensadores que discorrem acerca da internet e seus desdobramentos na sociedade contemporânea. Com isso, afirmo que, conforme minha compreensão, particular e com vistas à pluriversalidade, também o momento do parto/nascimento vem sendo tomado pela exposição, por futilidades e marketing lucrativo, tirando o espaço da intimidade e da informação, do que penso ser realmente necessário para que se valorize o bem-estar e a conexão entre mãe-bebê e família. Enfim, o Terceiro Trimestre, tal qual na gestação, vem para desacelerar o ritmo, dando espaço às relações entre o fenômeno, os sujeitos e os letramentos. Em 4.1, “Subjetividade e os Letramentos”, trato da composição das subjetividades dos sujeitos em tempos “pós-coloniais”, e da força dos letramentos para promover deslocamentos em nossos modos de saber-viver-pensar (Ballestrin, 2013; Mignolo, 2008), trazendo à baila Castro-Gómez (2005), com a “invenção do outro”, Duboc (2019) e sua interpretação bakhtiniana da refração da linguagem, bem como Paulo Freire (1996), de Souza (2019), dentre outros, para tratar dos letramentos.

Busco, com esta seção, desenvolver a ideia de que somos todos atravessados pela sistemática colonial e capitalista, a qual respinga e age em aspectos diversos de nossas vidas, tal qual parto e nascimento. Assim, recorro aos Letramentos como quem recorre a uma aspirina para curar uma dor de cabeça - acredito que a aplicação e a expansão dos Letramentos têm

grande potencial de pavimentar outros/novos caminhos para a nossa sociedade, que convirjam com empoderamento, humanização e presença. A seção 4.2, “Intervenção anti-intervencionista”, apresenta a contracorrente aplicada para a composição de propostas para os letramentos e subjetividades. A intenção é mostrar possibilidades e atuações já existentes, dando visibilidade aos trabalhos realizados, traçando um paralelo entre o pluriversal e os paradigmas hegemônicos.

As conclusões ou considerações finais podem ser encontradas em 5, “O Ato Final”, que, alegoricamente, demonstra o limite desta proposta de trabalho. O rompimento da bolsa e o início do trabalho de parto representam a passagem, da fase de gestação e preparação para o parto, para o acontecimento, parto e nascimento. É nesse entremeio que irrompem as asserções aqui propostas, onde tudo o que foi concretado tem sua culminância e termina. Assim, nesta parte do texto, concluo, tal qual uma mulher grávida, o trabalho que me propus a fazer, retomando os principais tópicos abordados nos demais capítulos, e encaminhando para um convite ao despertar dos corpos, à composição decolonial e crítica das subjetividades, e ao deslocar das perspectivas, mirando a construção de outros presentes/futuros possíveis.

Este trabalho se volta, especialmente, ao público acadêmico das áreas das linguagens. Dentre estudantes, professores e pesquisadores, espero que a discussão aqui levantada faça refletir, tanto teoricamente quanto holisticamente, o modo de se fazer ciência, o espaço crescente para a pesquisa e o ensino (com vistas ao) transdisciplinar, e a relevância das teorias dos Letramentos Críticos, aliadas no combate ao midiacentrismo e à colonialidade. Ainda, considerando que o nascimento é um fenômeno que nos cerca e nos atravessa, espero que a leitura do texto, mesmo que para fins acadêmicos, seja frutífera e útil para os nascimentos que ainda hão de acontecer. Seja para as protagonistas, as mães, ou para parceiros(as), acompanhantes e afins, figuras essenciais quando iniciado o trabalho de parto, saliento a importância da busca pela informação, e a necessidade de se buscar compreender e apoiar os pais em suas decisões, de modo a garantir o melhor nascimento possível para mãe-bebê e família, longe de desconfortos e violências.

Finalmente, espero poder colaborar com o rol de pesquisas em Linguística Aplicada, chamando a atenção para a diversidade de possibilidades de objetos de pesquisa na área, bem como para os métodos aqui utilizados, tão frutíferos e democráticos para a construção de um saber científico pluriversal (Grosfoguel, 2008). Também espero que seja possível alimentar discussões com relação ao corpo da mulher, seu espaço e sua voz da gestação ao parir, bem como sobre o tipo, a quantidade e a qualidade de discursos recorrentes na mídia sobre parto. Ao trazer uma abordagem decolonial ao tema, objetivo colaborar com os estudos acerca da

colonialidade de gênero, especialmente em se tratando da América Latina, mais precisamente do panorama brasileiro. Além disso, honrando meu título de licenciada, espero que, de alguma forma, os temas aqui levantados cheguem às salas de aula do país.

2: PRIMEIRO TRIMESTRE

A DESCOBERTA DO NOVO MUNDO

A recente descoberta de uma gravidez traz consigo um novo mundo: uma nova configuração de família, um bebê desconhecido a crescer em um ventre, consultas com um(a) médico(a) obstetra, uma grande variedade de exames a serem feitos com uma certa frequência, um ambiente a ser preparado para a recepção daquele bebê, entre outras particularidades. Camacho, Vargens, Proganti e Spíndola (2010) afirmam que as alterações que ocorrem durante a gravidez talvez sejam as maiores que o ser humano pode sofrer, e que gestação e nascimento são eventos psicossociais com profundo impacto na vida dos envolvidos. Isto porque, ao longo das (possíveis) 42 semanas de uma gravidez, um espaço curto de tempo, são inúmeras as adaptações bioquímicas - praticamente todos os hormônios do organismo materno são afetados - fisiológicas, que podem ser sutis ou marcantes, e anatômicas pelas quais passa o corpo da mulher, as quais estão inter relacionadas com transformações de autoimagem e autoestima femininas (Camacho et al., p. 115, 2010).

O primeiro trimestre de uma gestação, que compreende os três primeiros meses ou 13 semanas, traz consigo variados sintomas, como náuseas, tontura, cansaço e sonolência, bem como ansiedade com as grandes mudanças que estão e continuarão a acontecer. Depois de descobrir uma gravidez, nós (me coloco nessa) vemos tudo aquilo que nos constituía com outro olhar. Há de vir ao mundo um ser que nos chamará de mãe. Surgem questionamentos – será que vou dar conta? Será que era a hora? – e a sensação de que sua vida mudará para sempre. Essas transformações já aparecem no corpo e na mente, do mais visível umbigo estufado ao mais invisível pensamento e sentimento cheios de influências hormonais. O primeiro trimestre, tanto neste texto quanto em uma gestação, pode (e deveria, como defendo ao longo de minha dissertação) ser momento de encontro com a informação e preparação para o que está por vir, onde se inicia a construção da posição sujeito mãe – ou da dissertação – que vai nascer para além da mulher que já existe.

Desta forma, este capítulo aborda questões iniciais, envolvendo identidade, perspectiva, possibilidades para o parir, e a realidade contemporânea, que estão divididas em três seções. Na primeira, busco marcar meu lócus enunciativo e minhas motivações de pesquisa, bem como as correntes teóricas as quais me filio. Na segunda seção, discorro acerca da metodologia de pesquisa utilizada, para então, na terceira parte, abordar as vias de nascimento e a problemática do excesso de cesarianas no Brasil. Ressalto que, mesmo sem querer ou saber, este trabalho foi atravessado por nuances autoetnográficas até antes de ser escrito.

No caso, vivenciei a “escolha” de esperar 39 semanas e 4 dias de gestação, para que, finalmente, no dia 15 de setembro de 2023, às 10:23h da manhã - depois de 8 horas de trabalho de parto - Kevin viesse ao mundo em um parto normal, na sala de minha casa, direto para os braços do papai e então para meu colo. Ter tido a oportunidade de passar por essa experiência única e transformadora, graças aos meus diversos privilégios, às profissionais que me acompanharam e às informações as quais tive acesso, me abriu os olhos para a multiplicidade de fatores que atuam nas formas de nascimento desde muito antes do teste positivo de gravidez. O ano de 2023 também foi o ano em que concluí a graduação em Letras, e uma ínfima gota de coragem, uma dose enorme de incômodo, junto a um empurrão de um professor, me trouxeram à escrita desta dissertação.

Assim, na seção seguinte, como em um diário, discorro acerca das minhas experiências, dos encontros, desencontros, aprendizados, leituras e vivências que me trouxeram até aqui e que me formaram linguista. Busco mostrar o lado humano desta pesquisa, já que quem a escreve tem um rosto, um corpo e uma mente que não se desmembra e nem pode ser apagada ao longo dessas páginas, até porque tudo que aqui se diz, parte de um lugar muito específico e vivo. A próxima seção é, também, lugar de encaixes: as investigações e propostas aqui defendidas estão enquadradas nos limiares da Linguística Aplicada, teoria pertencente à Linguística que se propõe alinhada à ação política e à construção de outros futuros possíveis. Por fim, também devo mostrar, a seguir, que esta teoria linguística, bem como a pesquisa aqui disposta, busca e defende a (polêmica e controversa) transdisciplinaridade.

2.1 EU, LINGUISTA

Eu pareço andorinha
 Querendo fazer verão
 Uma gota de água doce
 Querendo ser ribeirão
 Uma semente caída
 Querendo ser plantação
 Mas olhando pro deserto
 Eu sou apenas um grão
 (Abadá Capoeira)

Observar o mar aberto da beira de uma praia me traz a sensação de pequenez. Pensar nas constelações, nas inúmeras galáxias que existem em nosso universo também. Ou, ainda, imaginar a quantidade de dissertações nos repositórios das universidades - quem vai ler o que tenho para dizer? Ainda assim, não sai de mim a vontade de dizer. De tentar. De fazer. Neste capítulo, portanto, lanço uma tentativa de me capturar, registrar (pela escrita, já que não sou de tantas fotografias), e mostrar - especialmente para mim mesma - como cheguei até aqui, por quê estou fazendo o que estou fazendo e com que direito, com base em quê e em quem. Adianto que, ler Ono (2025), me fez perceber que a proximidade com certos pressupostos teórico-filosóficos não é bem uma escolha, mas um “*way of life*” que nos leva a determinados lugares. Enfim, vamos começar do - quase - começo.

Sou a filha mais nova de três filhos de uma mãe professora e mestra, também na área de Letras. Sou filha do meio dos cinco filhos do meu pai. Por muitos anos, fui aluna bolsista em escolas particulares nas quais minha mãe dava aula. Entre 2016 e 2018, cursei meu ensino médio no Instituto Federal de São Paulo, campus de Presidente Epitácio, minha cidade natal. Nesta época, lembro que me deslumbrava com o currículo e a vida de alguns professores, tão jovens e já mestres e doutores, ou cursando o doutorado, e viajando para praias, cidades grandes, por vezes outros países. Com a voz da minha mãe ecoando no fundo da minha mente, somada à admiração pelos professores-pesquisadores, pensava que meu único e melhor caminho possível era a faculdade pública e a continuidade dos estudos. Mal sabia eu que estaria aqui hoje, fazendo exatamente o que imaginei para mim, com adicional e bônus - um marido, um filho, uma boa casa e bons empregos.

Antes de ingressar no curso de pós-graduação a nível de mestrado, cursei a faculdade de Letras com habilitação em inglês, também na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no campus de Três Lagoas. Não era o sonho da família que eu me tornasse professora, como minha mãe e tias. Depois de perceberem que era um caminho sem volta, mudaram a fala: “que seja para fazer mestrado e doutorado e dar aulas em uma universidade.”. Como todo bom jovem adulto, não listei em meus planos ingressar no mestrado após a faculdade, nem tinha projetos ou me identificava (ou não sabia que me identificava) com correntes teóricas na Linguística ou na Literatura. Tentei contrariar as expectativas postas sobre mim, mas que bom que não deu certo, afinal, aqui estou.

Hoje, percebo que as teorias com as quais me alinho sempre estiveram ali, e foram alvo de meu interesse: nas aulas de Didática do Ensino da Língua Inglesa, me foram apresentados autores diversos que trabalham com Letramentos e ensino sob um viés mais atual e decolonial (Kumaravadivelu, 2001, 2012; Monte Mór, 2013, 2000; Menezes de Souza, 2011; Duboc, 2014,

2019; Santos e Ifa, 2013, e New London Group, 2010). Mais adiante no curso, cursei uma disciplina intitulada Linguística Aplicada, e conheci Moita Lopes (2009) e textos que tratavam de ideologias, discursos e práticas multilíngues. Ao longo de toda a graduação, também li muito e ouvi muito sobre Paulo Freire e sua teoria do Letramento. Disciplinas de linguística *hard* e literatura também foram aproveitadas e serviram para me mostrar a vastidão e a importância de todo e cada estudo em Letras.

Sempre tive afinidade pelas humanidades, pelo social, ideológico e político, o que fez com que certos textos, autores e, também, professores, me marcassem. Entretanto, a chave só virou quando conheci realmente a Linguística Aplicada (LA) e as infinitas possibilidades que ela nos traz. Ingressar em um mestrado só me pareceu uma opção e um desejo, quando foi possível vislumbrar o fazer científico atrelado à vida real, às minhas experiências culturais, sociais e históricas. Dentro da LA encontrei uma vertente linguística que entende a língua como meio/intermédio/fim/culpada para todo e qualquer acontecimento da vida humana, o que permite que a vida faça sentido na pesquisa, e que a pesquisa tenha razão de existir para a vida.

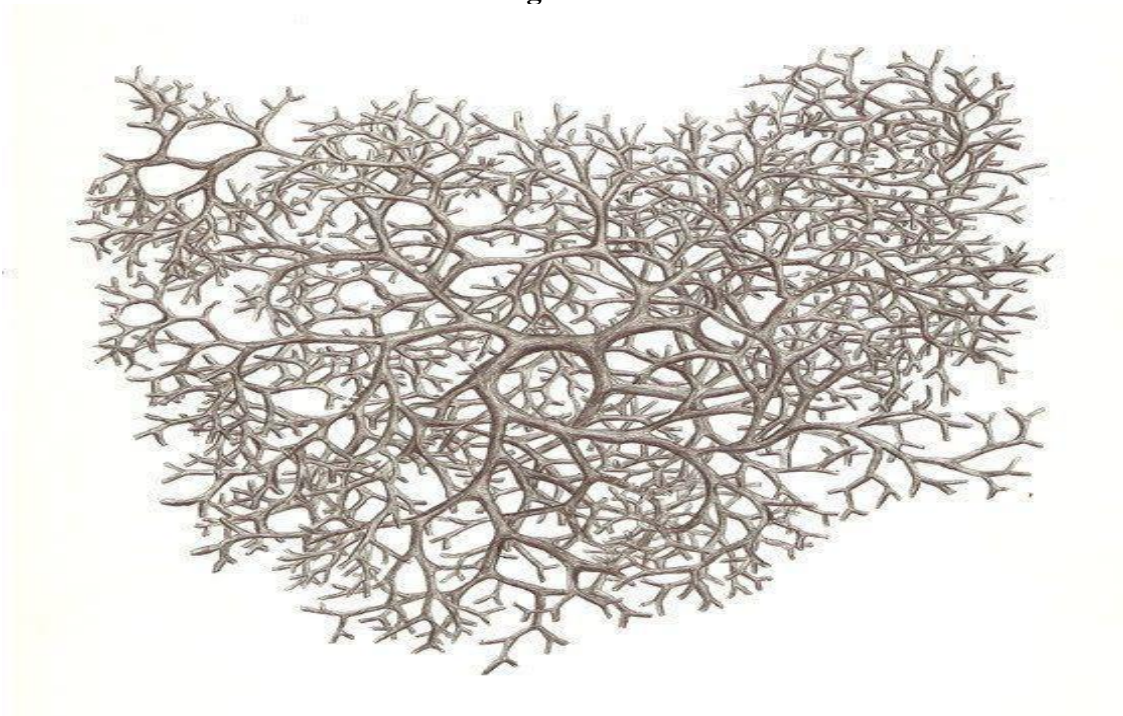
Meu primeiro contato com a LA ocorreu com o intuito de aprender a ensinar línguas. Como explana Moita Lopes (2006), Cavalcanti (1986) e Menezes; Silva e Gomes (2009), o panorama histórico da Linguística Aplicada aponta para o equacionamento da mesma com aplicação de teorias linguísticas à prática de ensino de línguas maternas e estrangeiras, voltada para questões de métodos e técnicas, bem como produção de material didático. No entanto, apesar dessa versão mais restrita da LA, sabemos que existem outras preocupações e visões mais amplas de pesquisa dentro desse campo

Eu diria que existem três visões: ensino e aprendizagem (ex. trabalhos sobre estratégias de aprendizagem de língua estrangeira), aplicação de linguística (ex. investigações sobre os princípios e parâmetros da gramática gerativa na interlíngua de aprendizes de língua estrangeira) e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social (ex. estudos sobre identidade). (Menezes; Silva e Gomes, 2009)

Além do mais, o percurso de pesquisa em LA vai de encontro com a pesquisa tradicional, buscando reinventar a vida social a partir da reinvenção, também, das formas de produzir conhecimento (Moita Lopes, 2006). Desta forma, a pesquisa parte de uma questão específica de uso de linguagem, para a busca multidisciplinar (à época do texto referência, transdisciplinar atualmente) de subsídios teóricos que embasam uma análise da questão na prática, e é finalizada com sugestões de encaminhamentos (Cavalcanti, 1986). Temos, assim, a configuração de uma área imensamente produtiva, comprometida com os mais diversos contextos sociais e com novas formas e perspectivas de fazer ciência, de maneira transdisciplinar, ou indisciplinar -

sobre as quais discorro um pouco mais à frente - política e rizomática (Deleuze; Guattari, 1995), conectando diferentes níveis e perspectivas do saber para a formação de um conhecimento holístico.

Figura 2 - Rizoma



FONTE: PINTEREST

Texto Alternativo: A imagem é composta por um amontoado de raízes de planta, umas conectadas às outras de várias maneiras aleatórias. Não se consegue determinar onde começam, apenas algumas extremidades.

Isso posto, ressalto que compactuo e procuro corroborar uma LA que se interessa na mudança e na construção de alternativas para o presente, tendo em vista que as verdades postas para nós, sobre as coisas do mundo e sobre quem somos, estão sendo questionadas ou estão em crise, como propõe Moita Lopes (2009). Na contracorrente do pensamento iluminista, que cinde corpo sensível e mente pensante, e do ideal positivista de padronizar e controlar as práticas sociais, almejando neutralidade e objetividade no fazer científico, a pesquisa em LA parte da proximidade crítica entre pesquisador e suas teorizações. Isso significa dizer que é impossível separar as condições que constroem o sujeito do conhecimento que ele produz, e que, portanto, “(...) não parece fazer mais sentido realizar pesquisa com base em teorias que o descorporificam e essencializam, apagando sua história, classe social, gênero, desejo, raça, etnia etc. ou mantendo-o em espaços fechados e previamente determinados.” (p. 37).

Ainda, há de se considerar que, fazer pesquisa na área da Linguística Aplicada, significa dar as mãos para a ação política, agregando como objetivo, para além da inteligibilidade sobre o papel da linguagem nos problemas sociais (Moita Lopes, 2006), a construção de alternativas para compreender o mundo contemporâneo e a produção de uma agenda anti-hegemônica. Construo, portanto, verdades contingentes, que refletem minhas visões, ideologias e valores particulares, em busca de questionar e desestabilizar certas práticas sociais naturalizadas e colaborar na construção de alternativas para a realidade em questão. Assim, partindo de um eu indivisível e inevitavelmente parcial, minha pesquisa reflete minha vivência e uma ânsia pela mudança da realidade, e não encontrei lugar melhor se não a LA, para expor, compartilhar minhas inquietações e, talvez, mover alguns grãos de areia.

2.1.1 Pulando o muro disciplinar

A Linguística Aplicada INdisciplinar não se prende a/não se confina a limites disciplinares nem tampouco teóricos, metodológicos ou analíticos. Além disso, constrói como questão de investigação tópicos normalmente desprezados e considerados ilegítimos. Especialmente, interessam questões que focalizem a vida social por meio do estudo da linguagem e práticas de significação que sejam fonte de sofrimento humano. Isso não quer dizer que é o mundo do vale tudo. Ao contrário, é um campo muito bem teorizado e fundamentado metodológica e analiticamente. (Moita Lopes, 2015, p. 334)

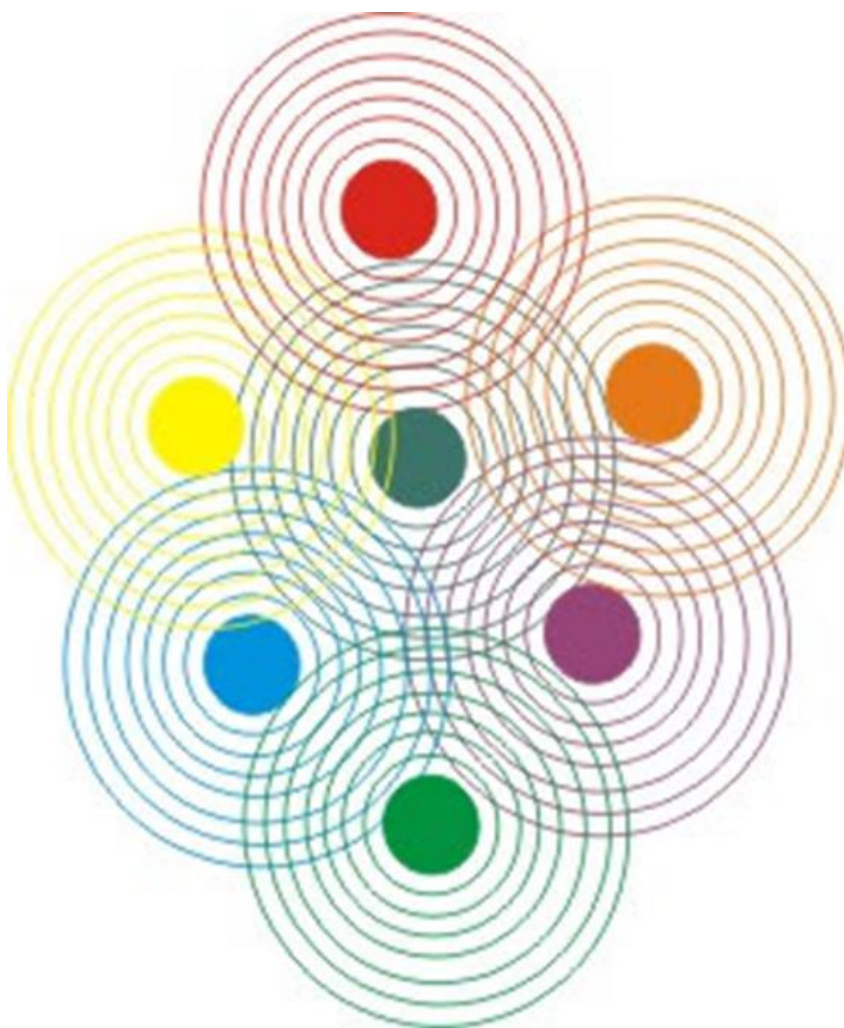
Para que se faça valer o desejo por um fazer científico com vistas a mudanças na vida, é imprescindível que os conhecimentos mobilizados para tal sejam articulados, contextualizados e voltados ao pluriversal (Grosfoguel, 2008). Isso significa dizer que a produção acadêmica na LA deve dar cabo da complexidade do mundo contemporâneo, e, para tanto, deve se servir de áreas para além do nicho da linguagem, buscando teorias para corroborar questões culturais, sociais, econômicas e tecnológicas (Moita Lopes, 2006; Kumaravadivelu, 2006; Scheifer, 2013). É neste diálogo entre teorias, no pensar para além das fronteiras das áreas de investigação, que reside a LA Indisciplinar, de Moita Lopes (2009) e Pennycook e Makoni (2020); transdisciplinar, da qual fala Japiassu (2016) e Scheifer (2013); e transgressiva, nos termos de Pennycook (2006).

Ressalto que, a priori, pensei que esta dissertação seria calcada em teorias linguísticas e literatura médica - o básico e necessário para se compreender o fato. No entanto, o aprofundamento teórico e ontoepistemológico decorrentes de orientação e estudos bibliográficos nas disciplinas do curso de pós-graduação me trouxeram ao sonho transdisciplinar (Japiassu, 2016). O fato de partir de uma relação com o corpo - *bring the body back and marking the unmarked* (Menezes de Souza, 2018; 2019) - essencialmente feminino,

para estudar os discursos que o atravessam, a partir de um pensamento decolonial, no que concerne ao parir, me impede de utilizar apenas uma e outra área do saber. Eu estaria reduzindo um fenômeno complexo e multifatorial à uma análise simplista e fragmentária. Assim, concordo que é urgente

ver e avaliar um problema sob todos os seus ângulos e em todas as suas dimensões, implicando a construção de uma visão ao mesmo tempo transcultural e trans-histórica permitindo-nos compreender o mundo atual em sua complexidade e o ser humano em suas ambigüidades e contradições. (Japiassu, 2016, p. 3)

Figura 3: Transdisciplinarizando em contra-mão



FONTE: NASCIMENTO, S/D

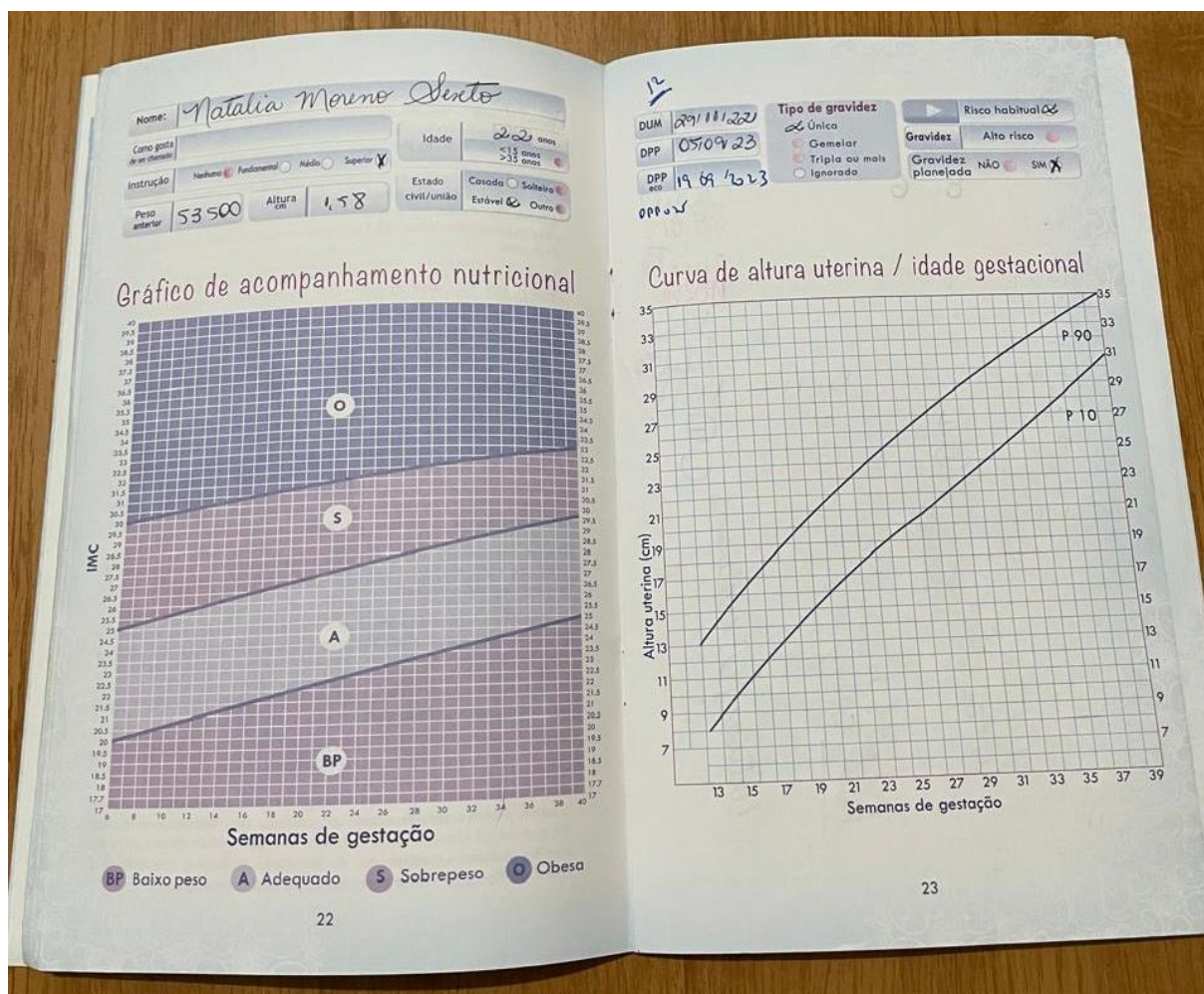
Texto Alternativo: imagem de vários círculos coloridos envoltos por várias circunferências concêntricas. Os círculos e suas circunferências estão sobrepostos, uns “se inserem” nos outros.

Em consonância com Japiassu (2016), acredito que devemos caminhar rumo a um conhecimento que contextualiza o singular e concretiza o global, relacionando-o com suas partes, cabível em um mundo heterogêneo de sentidos pluriversais. Vejo que disciplinas estanques e pesquisadores fechados em suas cúpulas constituem um obstáculo ao avanço dos saberes, e que o gosto pela transdisciplinaridade alimenta a vontade pela combinação de perspectivas, pela necessidade de se ultrapassar saberes adquiridos e caminhos já percorridos, levando à produção coletiva de saberes novos. No entanto, compreendo que a execução, a realização da transdisciplinaridade é um sonho que requer muitas elaborações, e na imprevisibilidade da execução desta pesquisa, na qual me encontro em um contínuo refazer, realinhar, reterritorializar (Scheifer, 2013), sei onde quero, mas não sei onde irei chegar.

Com isso, na seção seguinte, abordo a perspectiva metodológica utilizada para organizar este trabalho e a diversidade de temas aqui costurados. A imprevisibilidade não impede - não deveria impedir - a sistematização do conhecimento proposto, tanto aqui, quanto na gestação. Assim, a próxima parte funciona como *deveria ser* uma abertura de pré-natal: você será informada sobre os métodos aqui existentes, no caso, trago a abordagem hermenêutica fenomenológica e nuances autoetnográficas; sobre as técnicas a serem utilizadas, como análise de recortes de mídias sociais; e sobre os procedimentos aos quais serão submetidos os bebês - ou recortes, como preferir. Também é o momento de colocar os questionamentos e ansiedades na mesa, ou as perguntas motivadoras da pesquisa no corpo do texto.

2.2 PRÉ-NATAL: PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Figura 4: Consulta de pré-natal



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2025

Texto alternativo: fotografia de uma caderneta de gestante aberta sobre uma mesa, nas páginas 22 e 23. Acima, à esquerda, constam dados cadastrais preenchidos à caneta: lê-se Natalia Moreno Sexto em “nome”, 22 anos em “idade”, está marcado “superior” em “instrução”, 53 500 em “peso anterior”, 1,58 em “altura” e marcado “estável” em estado civil. Acima, à direita, também preenchidos à caneta, constam DUM (data da última menstruação), DPP (data provável do parto), DPP eco, tipo de gravidez e especificação de risco habitual ou alto risco, e planejada ou não planejada. Abaixo, à esquerda, existe um gráfico de acompanhamento nutricional, e à direita, um gráfico que aponta curva de altura uterina/idade gestacional.

Antes de adentrar a seara dos pressupostos filosóficos que regem a metodologia aqui utilizada, é importante que se compreenda melhor sobre o pré-natal da gestante. As consultas de pré-natal devem ser iniciadas pela mulher grávida assim que se descobre uma gravidez, preferencialmente até a 12ª semana de gestação. Objetiva-se, com tais consultas, assegurar o desenvolvimento saudável da gestação, diminuindo riscos à gestante e ao bebê, bem como avaliar aspectos psicossociais e realizar atividades educativas e preventivas por parte dos profissionais de saúde (Ministério da Saúde, s/d). Os intervalos entre as consultas de pré-natal são pré-estabelecidos, sendo a recomendação da OMS o mínimo de 6 consultas ao todo. Vale

salientar que o pré-natal também é para o parceiro, de acordo com a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem (PNAISH), com vistas a incluir o homem na paternidade consciente e ativa e promover ações de saúde para este público (Ministério da Saúde, s/d; Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais, s/d).

Esse serviço, fornecido pelo gratuitamente pelo Sistema Único de Saúde, o SUS, garante ao casal grávido: caderneta de gestante; calendário de vacina e suas devidas orientações; solicitação de exames de rotina; agendamento de consultas médicas para pesquisa de fatores de risco; bem como encaminhamento a atividades educativas, como o Grupo de Gestantes, que ocorre mensalmente nas Unidades de Saúde da Família. Além disso, um pré-natal integral também conta com, no mínimo, uma consulta odontológica, tendo em vista a relação entre as alterações físicas e psicológicas nas condições de saúde bucal da gestante (Secretaria do Estado de Saúde de Minas Gerais, s/d). Assim, essas consultas, quando bem feitas, pelas mãos de profissionais realmente comprometidos com a saúde e bem estar de seus pacientes, e com gestantes interessadas em saber sempre mais, encaminham para gestação, parto e nascimento humanizados e construção de relação de confiança e respeito entre os profissionais de saúde e as mulheres.

Conforme o Ministério da Saúde (2016), por meio do site da Biblioteca Virtual em Saúde, a assistência ao pré-natal compreende:

- parto como um processo natural e fisiológico que, normalmente, quando bem conduzido, não precisa de condutas intervencionistas;
- respeito aos sentimentos, emoções, necessidades e valores culturais;
- disposição dos profissionais para ajudar a mulher a diminuir a ansiedade e a insegurança, assim como o medo do parto, da solidão, da dor, do ambiente hospitalar, de o bebê nascer com problemas e outros temores;
- promoção e manutenção do bem-estar físico e emocional ao longo do processo da gestação, parto e nascimento;
- informação e orientação permanente à parturiente sobre a evolução do trabalho de parto, reconhecendo o papel principal da mulher nesse processo, até mesmo aceitando a sua recusa a condutas que lhe causem constrangimento ou dor;
- espaço e apoio para a presença de um(a) acompanhante que a parturiente deseje;
- direito da mulher na escolha do local de nascimento e corresponsabilidade dos profissionais para garantir o acesso e a qualidade dos cuidados de saúde.

Com isso, vamos abrir seu pré-natal? Depois de compreender do que se trata; ter sido feita a anamnese inicial (Muñoz, 2024) - ou breve entrevista para se obter a história clínica completa da gestante, ou, ainda, no caso da pesquisa aqui disposta, ter conhecido parte da pessoa que vos fala e corrente linguística a qual me filio - passamos a um diálogo mais aberto, trazendo à baila possíveis dúvidas, angústias e ansiedades. Nesta seção/consulta que se inicia, não serão obtidas respostas ou certezas - estas são construções que fogem à minha capacidade ou interesse

- mas serão expostas algumas questões iniciais, referentes à perguntas motivadoras, metodologia de pesquisa e procedimentos para com os dados obtidos. Adianto que me alinho à ideia de que “Nenhuma investigação ou estudo tem um começo: é enlaçado pela pergunta, pela dúvida, no sentido de não aceitar o dito como verdade, pelo prazer em ler e discutir certos assuntos. Quando nos damos conta, já estamos dentro. Estando dentro, vai-se caminhando.” (Bicudo, 2018, p. 247).

Este trabalho surgiu do incômodo, da dificuldade em aceitar o que está posto como o caminho e a verdade para os corpos, as gestações e o parir. Desde a minha gravidez, lá em 2023, essas perguntas me rondam: existem leis e diretrizes que regulamentam bons partos e cesarianas? Se existem, por que ouvimos falar tanto sobre partos ruins e experiências traumáticas com o nascer? Quais são os fatores, para além das indicações reais, que levam grande parte das mulheres a terem seus filhos por cesárea? Busco, com esta dissertação, expor minha perspectiva da situação por meio da abordagem hermenêutico-fenomenológica, com base em Ricoeur e Bicudo. Tal abordagem, caracterizada como instrumento metodológico do discurso, epistemológico, ontológico e pedagógico, propicia ao pesquisador “descrever e interpretar o fenômeno onde se coloca como ser atuante em seu desenvolvimento, pois suas visões de mundo contemplam não só a escolha pelo seu estudo, mas também sua interpretação sob o objeto escolhido.” (Silva, 2014).

Assim, vejo que minha principal tarefa é articular o arcabouço teórico disponível, aos recortes selecionados, de modo que, juntamente à descrição de minha experiência e problematização e análise do fenômeno em questão, o resultado seja um caminho possível de interpretação do significado do fenômeno (Bicudo, 2018). Isso significa dizer que não serão dadas **respostas** às perguntas colocadas acima. Serão, por outro lado, expostas análises, interpretações ao fenômeno observado, por intermédio de dados coletados e um acervo bibliográfico de teorias diversas. Consoante a Ricoeur (1971 *apud* Melo, 2016), procuro demonstrar uma interpretação particular e provável, com base no conhecimento científico aqui mobilizado, consciente de que sua validação reside, também, na possibilidade de ser invalidada, afinal, “Nem na crítica literária nem nas Ciências Sociais há aquilo que é a última palavra. Ou, se há, chamamos isto de violência” (p. 303).

A busca por compreender um fenômeno parte, também, do entendimento de que a compreensão é um tipo de experiência prática, que ocorre sempre de maneira diferente em cada um e constitui quem somos no mundo (Silva, 2014). Por conseguinte, o fenômeno observado se mostra a quem o olha, no encontro entre o ver e o visto no hoje, no agora. Porém, o que se mostra a mim é o que eu percebo, e o que eu percebo hoje pode não ser o que eu venha a

perceber amanhã (Bicudo, 1994; 2018). Assim, hermenêutica-fenomenologicamente, é importante que eu descreva minhas percepções e compreensões do que vejo, do que aconteceu no passado e acontece neste agora, já que a teoria aqui manuseada se alicerça “na dialética entre explicação e compreensão, mediada pela interpretação.” (Silva, 2014, p. 14).

(...) o círculo hermenêutico proposto por Ricoeur admite que não existe *a interpretação*, mas *diferentes interpretações*, o que não quer dizer que qualquer interpretação tem a mesma legitimidade ou valor de verdade; pelo contrário, é preciso que a interpretação proposta seja suficientemente vigorosa e consistente, a ponto de sobreviver ao conflito de interpretações concorrentes. (Melo, 2016, p. 304)

Tais postulados se alinham à Linguística Aplicada na medida em que pressupõem “(...) o permanente exercício de uma forma de pensar e de produzir conhecimento de natureza crítica, reflexiva e necessariamente interdisciplinar.” (Melo, 2016, p. 304), manejando objetividade/subjetividade, compreensão/explicação na relação das partes e o todo, na apreensão da estrutura do fenômeno posto e no processo de interpretação a ser descrito. Desemboco, enfim, também na autoetnografia, metodologia com a qual tive acesso e conhecimento por meio do meu orientador, e na qual essa pesquisa se inseriu antes mesmo de ser escrita.

Aspectos pós-coloniais, propostas de pós-modernidade, o desejo pela subversão dos discursos e pelo surgimento de novos saberes me aproximaram do autoetnográfico, à medida em que expresso e exponho minhas experiências, emoções e questionamentos em pesquisa, em busca da valorização do corpo, especialmente o feminino, e das emoções (Ono, 2018). Ainda, tal qual propõe a autoetnografia, busco, neste trabalho, romper com os fazeres científicos cartesianos, objetivos, com os binarismos, trilhando o caminho do subjetivo, do humano e da conexão corpo/mente/contexto, ciente da contingencialidade que determina esse texto, minhas interpretações e a mim mesma (Ono, 2025).

Por se tratar de uma pesquisa cujo olhar busca a subjetividade constitutiva dos dados - fatores do discurso, da colonialidade e da mediatização que agem na construção de significação das mulheres gestantes - os recortes são analisados à luz do interpretativismo. Primeiramente por uma atitude decolonial, mais uma vez em contraposição a soberania da visão positivista/cartesiana no fazer científico, tanto nas Ciências Naturais como nas Sociais. Além disso, observar e descrever a interpretação de um fenômeno requer pesquisa documental dos vários significados que o constitui, abarcando questões relativas a poder, saber, ideologia,

história e subjetividade (Orlandi, 1996). Portanto, o que me interessa é o fator qualitativo, particular, que só é passível de ser tocado através da linguagem, de modo a chegar o mais próximo possível da realidade constituída pelos autores sociais

Assim, a linguagem é, ao mesmo tempo, a determinante central do fato social, como visto acima, e o meio de se ter acesso a sua compreensão através da consideração de várias subjetividades/interpretações dos participantes do contexto social sob investigação e de outros pesquisadores. (Moita Lopes, 1994, p. 333).

Isto posto, a composição do *corpus* da dissertação parte de um momento socio-histórico-cultural muito particular, no qual a grande maioria da população brasileira tem acesso – e acessa além da conta - às redes sociais, chamando atenção mundial ao país por sua atuação na mídia. A alta do Instagram, por exemplo, e de blogueiras como Virgínia Fonseca, que acumula mais de 50 milhões de seguidores em sua conta atualmente, acabaram por se tornar fatores atuantes e influenciáveis também em minha gestação e parto, assim como nos de muitas outras mulheres. Portanto, recorro a publicações em contas do Instagram de mulheres blogueiras, com grande número de seguidores e influência em diversas áreas, como na música, no esporte e na moda. Destas publicações produzi capturas de telas e recortes que compõem o *corpus* a ser analisado e discutido, à luz de teorias e demais dados bibliográficos coletados em documentos oficiais das entidades de saúde federais e estaduais.

O *corpus*, as análises do mesmo e discussões tomam forma a partir da última seção do primeiro trimestre, a saber, item 2.3 do sumário, e se desenrolam ao longo do segundo e terceiro trimestre da dissertação, de números 3 e 4 respectivamente. Portanto, visando uma leitura mais fluida e palpabilidade para o fenômeno, cada capítulo conta com uma certa quantidade de figuras, sendo elas ilustrativas para a temática textual, como é o caso daquelas dispostas no item 1 e 2, ou motivo de análises, como as do item 2.3 para frente. Adianto que, tendo em vista o caráter autoexplicativo de alguns recortes, como é o caso da **Figura 7**, que se encontra na página 26, não vi necessidade de discorrer sobre os mesmos no texto, evitando rodeios e repetições.

Assim, nas próximas seções e capítulos, continuo a trazer dados bibliográficos, que orientam quanto à gestação e parto, e mobilizo recortes, a maioria provenientes de postagens no Instagram de blogueiras brasileiras, a serem analisados e interpretados à luz de teorias decoloniais, da midiaticização e dos letramentos. Relembro que o fenômeno aqui descrito há de ser problematizado e interpretado conforme a minha perspectiva de pesquisadora, estudante, profissional, mãe, esposa. Não trago verdades absolutas e nem acredito que elas existam. Passo,

então, para a próxima seção, na qual discorro acerca do parto normal e da cirurgia cesariana, suas características e a influência de fatores externos na escolha das gestantes para o seu parir.

2.3 A DOR DO PARTO E A RODA DO DINHEIRO CESARISTA

Antes de nascer uma mãe ou um bebê, antes de um exame de gravidez positivo, e antes mesmo de pensarmos em sermos mães, já existe em nós a ideia do que é ser mãe, do que é uma gestação, e do que é um parir um filho. Ao longo de nossas vidas, para além do fato de todos nós, seres humanos e demais mamíferos, termos nascido de uma mãe e passado pela experiência do nascimento, fatores sociais, culturais e históricos, bem como nossas leituras, corroboram nossas versões do que é gerar, parir e maternar.

Linguisticamente falando, somos constituídos pelo interdiscurso, pelo já-lá (Orlandi, 1999). Nós, sujeitos, temos nossos próprios discursos embebidos em todos os dizeres que já foram ditos, presentes em nós como memória discursiva. Desta forma, quando penso em parir, por exemplo, essa palavra já está carregada de sentidos historicamente construídos, que me antecedem, é o já-lá antes de mim. De certa forma, posso me limitar pelo já-lá. Mas posso, também, questioná-lo e questionar a mim, a minha construção identitária, de modo a dar cabo daquilo que me proponho a realizar. Isso pode significar romper paradigmas, internos e externos.

A confirmação da gravidez desencadeia um processo de reorganização da percepção de si e de sua relação com o mundo que a cerca. A mulher começa a conviver com a idéia de estar grávida, e com isso há o envolvimento de um repertório de elementos internos desta mulher, como seu self, os símbolos com os quais identifica a situação de ser mulher grávida, perspectivas e referências de seu grupo social próximo, o que acaba interferindo na vivência das repercussões da gravidez. (Camacho *et al.*, 2010, p. 120)

Cada indivíduo, em sua diversidade, interpreta e vivencia a gestação e a maternidade à sua maneira. No entanto, quando falamos de parir, de nascer, até hoje, só conhecemos duas formas: por meio de um parto normal, ou de uma cirurgia cesariana. O parto - ou parto normal, parto natural, parto vaginal - é a forma ancestral de se parir, a qual foi a única existente por muitos anos, até o advento da medicina e o surgimento das cirurgias cesarianas (Vendrúsculo e Kruehl, 2015). Afirma-se que, em quase todo o mundo, até as décadas de 40 e 50 do século XX, os partos aconteciam nos domicílios, sendo a parturiente acompanhada de parteiras e familiares (Brasil, 2022). Conforme a Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal (2022), entende-se por parto o nascimento vaginal que ocorre, geralmente, entre 37 e 42 semanas de gestação,

sendo marcado pelo início espontâneo do trabalho de parto, em pacientes com risco habitual e cujo resultado são mãe e recém-nascido em boas condições.

Por outro lado, a cirurgia cesariana consiste no ato cirúrgico de incisar abdômen e parede do útero gestante para retirar o bebê. A prática da cesariana diminuiu o uso do fórceps - “instrumento criado para extrair os bebês em casos de partos difíceis que poderiam resultar em mortalidade materna e perinatal” (Maldonado, 2002, *apud* Vendrúsculo e Kruehl, 2015) - no entanto, por se tratar de uma cirurgia que, à priori, deve ser feita somente para salvar vidas, só é indicada em situações de

[...] desproporção fetopélvica; discinesias; placenta prévia; pré-eclâmpsia grave; distocias de partes mole; formas graves de diabetes; antecedentes de operações ginecológicas; sofrimento fetal; prolapso; procúbitos e procedências do cordão umbilical; câncer genital; herpes; primíparas idosas e, para alguns casos de cesariana anterior (Maldonado, 2002, p. 78 *apud* Vendrúsculo e Kruehl, 2015).

Convencionalmente, temos o entendimento de que a via de nascimento é uma escolha, um direito da mulher, e desta forma, podemos optar por um parto normal ou uma cesariana. Inclusive, este direito passou a ser respaldado por lei, conforme a com a Resolução CFM Nº 2.144/2016, ao afirmar que é direito da gestante **optar pela realização da cesariana**, “desde que tenha recebido todas as informações de forma pormenorizada sobre o parto vaginal e cesariana, seus respectivos benefícios e riscos.” No entanto, já na Caderneta da Gestante, disponibilizada no atendimento em unidades de saúde do SUS, lê-se:

A cesárea pode ser importante e necessária para salvar a vida da mulher e da criança. Não deve ser, porém, uma opção de parto e sim uma indicação médica, como no caso de o bebê estar atravessado ou em sofrimento, quando o cordão ou a placenta está fora do lugar e impedindo a saída da criança, quando a mãe sofre de uma doença grave, entre outras razões. Cesariana é uma cirurgia de grande porte que pode apresentar riscos para a mulher e para o bebê se for realizada sem a necessidade. (Ministério da Saúde, 2016, n.p.)

Algumas discrepâncias podem ser observadas, desde já, entre as informações fornecidas pelo Ministério da Saúde e pelo Conselho Federal de Medicina. Esta é somente a ponta do iceberg do que tem sido os nascimentos no Brasil e o atendimento ou não à “escolha” das parturientes. Quando nos voltamos à mídia e aos discursos que regem o tema, é possível perceber uma constante tentativa de construção do “parto” bom *versus* ruim, rápido *versus* devagar, doloroso *versus* menos doloroso. Esta se faz presente em nossas vidas desde a infância à vida adulta, da ficção aos noticiários, em favor do poder hegemônico, capitalista, colonial (Mignolo, 2009), medicalizado e intervencionista, coadunando no crescente **optar** pela cesárea

e no auge da cascata de intervenções que vêm depois, sobre as quais tratarei mais adiante. Tal manipulação pode ser observada, por exemplo, nos recortes abaixo, trazidos por Fonseca (2014) em sua tese de doutorado.

Figura 5: Opção parto cesárea



FONTE: FONSECA, 2014, p. 92

Texto alternativo: a figura traz a manchete de uma notícia da revista Caras, publicada em 2014, que diz: “Giovanna Antonelli e Juliana Paes optaram pelo parto cesárea. Veja os benefícios e os riscos.”. Abaixo, há um subtítulo para a manchete e depois, quatro fotos de famosas carregando seus bebês - Flávia Alessandra, Grazi Massafera, Giovanna Antonelli e Juliana Paes. Não ironicamente, as quatro tiveram seus filhos por cirurgia cesariana.

Tal qual descreve Fonseca (2014, p. 92), por mais que a cesariana não seja diretamente recomendada e que seja apontado no texto que existem riscos, a leitura da manchete, juntamente à leitura das imagens, aponta para a ideia de que mulheres bonitas e bem sucedidas, como

Giovanna Antonelli, Juliana Paes, Flávia Alessandra e Grazi Massafera, têm seus filhos por meio de cirurgia cesariana. A **opção** pelo “parto cesárea” (não existe parto cesárea, parto é vaginal e cesárea uma cirurgia) acompanhada de benefícios e “alguns” riscos, como defendida no texto da notícia, tem se tornado cada vez mais comum por ser considerada “muito menos dolorida e mais segura do que o parto normal”. Para além de insustentadas cientificamente, essas informações são falsas.

Figura 6: Cesariana pois: bebê enorme

publicada em 21/7/2013 | atualizada em 21/7/2013

'Parto de Juliana Paes foi cesariana pois bebê é enorme', diz médica

Ao contrário do que foi divulgado, nascimento de Antônio não foi de parto normal. Cordão estaria enrolado no pescoço do bebê na hora da cirurgia.

do EGO, no Rio

44 comentários [Twitter](#) 13 [Recomendar](#) 1,5 mil



Juliana Paes (Foto: Reprodução / Youtube)

Ao contrário do que foi divulgado pela clínica Cardcall, que coletou as células-tronco do filho de **Juliana Paes**, o parto de Antônio foi cesariana e não normal.

O menino **nasceu às 00h18 deste domingo, 21**, com 3.980 kg e 53 centímetros, na clínica Perinatal, no Rio.

Segundo a agência FotoRio News, a médica Elizabeth Martins, que fez a cirurgia, esperou pelo parto natural até meia-noite.

SAIBA MAIS

Juliana Paes recebe visitas de familiares e amigos famosos na maternidade

"O parto teve que ser cesariana. O bebê é enorme e ela é muito guerreira", disse a médica. Ainda segundo Elizabeth, o cordão umbilical estava enrolado no pescoço de

FONTE: FONSECA, 2014, p. 91.

Texto alternativo: notícia da revista online Ego Globo, cuja manchete diz: “‘Parto de Juliana Paes foi cesariana pois bebê é enorme’, diz médica”. No subtítulo, lê-se: “Ao contrário do que foi divulgado, nascimento de Antônio não foi de parto normal. Cordão estaria enrolado no pescoço do bebê na hora da cirurgia.”.

Este texto está repleto de desinformação. A manchete dá a entender que bebês grandes não podem nascer via parto normal. O subtítulo, ao trazer a informação referente ao cordão

enrolado no pescoço, sugere que este seria mais um motivo para a realização da cirurgia. No entanto, conforme as recomendações das Diretrizes de Assistência ao Parto Normal (2022), dispostas no **Apêndice A**, a circular cervical de cordão umbilical (o cordão enrolado no pescoço do bebê) não indica necessidade de cesariana, e deve ser manejada durante o trabalho de parto. Quanto ao peso do bebê, o *American College of Obstetricians and Gynecologists* (ACOG) (2020) recomenda considerar realização de cirurgia cesariana apenas quando o peso fetal for maior do que 5kg, em gestantes sem diabetes, e peso fetal maior do que 4.5kg, em gestantes com diabetes gestacional ou prévia. Ainda, há de se levar em conta que o peso fetal estimado por ultrassonografia tem uma margem de erro de até 15%.

Figura 7: A novela mexicana do parto

Para o público adolescente, a novela *Malhação* (Rede Globo, 2010) de classificação livre, representou um nascimento por parto durante o qual uma adolescente dá à luz em posição deitada, com uma figura masculina que empurra sua barriga e dirige seus puxos. Além disso, durante a ação, a adolescente expressa ‘medo de morrer’.

Ainda na esfera da ficção televisiva, para o público adulto, temos as representações do nascimento pelas telenovelas, as quais sistematicamente transmitem “um conceito, sem base científica, de que a cesárea é um procedimento mais seguro que o parto normal, pela condição de ser programado e livrar a mulher do sofrimento imposto pela dor do trabalho de parto.” (Pereira et al, 2011, p. 5). Nesse cenário, devido ao alcance e a penetração do gênero e com o objetivo de mostrar como a “mídia influencia na formação de opinião da massa e a necessidade de mudança dessa forma errônea de apresentar o ato de parir e sua relação cultural e emocional”, Garbulho (2012) reuniu duas coletâneas de cenas de nascimentos em telenovelas e seriados brasileiros.

FONTE: FONSECA, 2014, p. 85.

Texto alternativo: a figura consiste em uma captura de tela do texto de Fonseca, 2014, no qual a pesquisadora descreve um parto normal representado na novela *Malhação*, da Rede Globo, em 2010. No caso, uma adolescente, com medo de morrer, dá à luz deitada, e um homem empurra sua barriga e dirige os puxos (forças). Também está escrito que, para o público adulto, os nascimentos em telenovelas transmitem a ideia de que a cesárea é mais segura e livra a mulher da dor do trabalho de parto.

As figuras 5, 6 e 7, retiradas de um texto de 2014, apontam que, já na última década, alguns estavam enriquecendo às custas de cesarianas mal indicadas, outras estavam **optando** por cesarianas com base em desinformação, e outras estavam sendo bombardeadas de mais desinformação pela mídia, seja na televisão, seja na revista. O que temos hoje - 57,2% dos

nascimentos no Brasil em 2020 ocorreram por meio de cesarianas, sendo que, nos hospitais privados, esta taxa chega a 84% no mesmo ano (Agência Nacional de Saúde Suplementar, 2022) - indica que as estratégias do sistema têm dado certo, visto que “taxas de cesáreas maiores que 10% não estão associadas com redução de mortalidade materna e neonatal.” (Organização Mundial de Saúde, 2015, p. 1). Consequentemente, um número enorme de mulheres e bebês têm sido submetidos à cirurgias desnecessárias, sem real indicação, em virtude de “benefícios” mascarados, lucro e uma agenda sem imprevisibilidades para médicos cesaristas. Não seria a imprevisibilidade parte crucial do nascimento? O corpo da mulher pode ser previsível? Ou estamos sendo descorporificadas?

Sigo levantando questionamentos e reflexões nos capítulos e seções que se seguem. Assim, no capítulo seguinte, trago, em cada seção, recortes de exemplos mais atuais de nascimentos, com o intuito de problematizar as vivências atuais de gestação e parto, chamando a atenção à toda uma linha do tempo construída com base no soterramento da potência feminina, da autonomia, da intimidade e das experiências, no sentido de que nos fala Bondia (2002). Para tanto, construo as análises com base em Crary (2023), Han (2014), Moraes (2006), dentre outros, chamando ao despertar dos corpos, à valorização da experiência e ao palmilhar de outros caminhos.

3: SEGUNDO TRIMESTRE

TEORIA E REALIDADE

O segundo trimestre de uma gestação acontece do quarto ao sexto mês, ou entre as 14 e 26 semanas. É um período em que, geralmente, a mulher grávida se sente mais disposta, visto que os sintomas iniciais, como náuseas e sonolência, já passaram. O bebê está cada dia maior e mais formado, já respira e se movimenta, e inclusive é possível que seja notado pelo corpo da mamãe - a barriga está cada vez maior, e pode ser que transpareça a movimentação do bebê (Ministério da Saúde, 2016). Como nem tudo são flores, e gestação representa mudanças intensas nos sistemas bioquímico, fisiológico e anatômico da mulher, é também no segundo trimestre que prevalecem queixas de pirose (azia), varizes e edemas e obstipação (prisão de ventre) (Galhanas e Frias, 2022). Portanto, o acompanhamento pré-natal com médica(o) obstetra, ou/bem como com enfermeira(o) obstetra, e a constante busca de informação são essenciais para o bem estar do binômio mãe e bebê.

Nesta dissertação, este segundo trimestre também representa um bebê, no caso meu texto, cada vez maior e bem formado, sendo que algumas discussões já foram levantadas e analisadas à luz de teorias. Não fortuitamente, também não se encerra no primeiro trimestre a busca pela informação. Neste capítulo, procuro alinhar alguns recortes bem atuais à pressupostos teóricos, delineando reflexões que encaminham a colonialidade e os interesses capitalistas como grandes atuantes sobre a mulher que pare e os nascimentos, corrompendo, influenciando e modificando essas realidades com vistas ao lucro. Assim, o capítulo está dividido em três seções. Na primeira, “O nascimento instagramável”, os recortes dão vazão a análises que tocam a exposição e a espetacularização das vidas em nossa sociedade, bem como as possibilidades e as recomendações para os nascimentos, com base nas diretrizes oficiais do Ministério da Saúde (2015) e da Conitec (2016).

Em 2.2, “Corpo Descorporificado”, trago problematizações que se dirigem à falta de conexão entre corpo/mente/contexto e a atuação das mídias, com destaque ao afastamento da mente com o corpo da mulher no momento do nascimento: descorporificação e ciborguização. Discorro sobre presença, relação corpo/mente e deiscência do corpo, convidando ao acordar e trazer o corpo de volta, em especial no parto, mas, também, na vida em geral. Por fim, na seção 2.3, “Influência, Marketing e Sociedade da Exposição”, levanto questionamentos que tangem os limites da comercialização dos corpos, recorrendo a Han (2014; 2018; 2019), Cesarino

(2022), entre outros, para apontar corpo/gestação/parto como territórios tomados pela exposição e pelo marketing lucrativo.

3.1 O NASCIMENTO INSTAGRAMÁVEL

Figura 8: *Please the crowd*



FONTE: BIANCARDI, 2025.

Texto alternativo: captura de tela de um post do Instagram de Bruna Biancardi, esposa do jogador de futebol Neymar. O post é composto por um carrossel de fotos, e na foto selecionada a *influencer* está deitada na maca de cirurgia, olhando para a janela da sala de parto, onde podemos ver Neymar, sentado em uma cadeira, segurando a filha recém-nascida no colo. Do lado de fora da sala, encostadas no vidro, estão em média nove pessoas, mulheres e homens, algumas com as mãos no vidro, tentando ver a bebê.

No dia cinco de julho de 2025, nasceu a segunda filha do jogador de futebol Neymar com Bruna Biancardi, *influencer* digital. Como de costume nos dias atuais, a conta do Instagram dos papais serviu para fazer uma cobertura total do evento: foram postados vários *stories* com fotos e vídeos narrando o que estava acontecendo e o que estava por vir no nascimento da bebê Mel. Em uma sociedade digitalizada, em que o sujeito é empreendedor de si mesmo e se autoexplora (Han, 2014), os limites entre o público e privado já são praticamente imperceptíveis. Atendendo às demandas mercadológicas e a estética capitalizada da era da imagem (Piovezani Filho, 2003), Bianca e Neymar fazem de suas vidas privadas um espetáculo público. Foi divulgado pelos papais, e depois, claro, pelos portais de notícia da internet, que a mamãe Bruna entrou em trabalho de parto e foi logo encaminhada a uma “cesariana de emergência”. Ênfase à decoração delicada disposta no quarto particular do hospital, aos mimos para as visitas, aos parentes e amigos presentes nesse momento especial, ao encontro da recém-nascida, no colo da mãe, já belíssima, maquiada, vestida num robe branco, com a irmã mais velha junto ao pai.

Também não se pode esquecer de dar ênfase aos profissionais envolvidos, claro, a *publi* (abreviação informal para *publicidade*, comumente utilizada nas redes sociais para indicar um conteúdo patrocinado ou pago por marcas) tem que valer. Videomaker, equipe de identidade visual, fornecedores de lembrancinhas, decoração, flores, sem se esquecer de mencionar hospital particular, médicos cirurgiões, obstetras, enfermeiros. Tudo isso é parte importante de uma vida social, econômica e cultural definida pela inevitável e permanente internet (Crary, 2023). Em um mundo de *influencers* digitais, assistimos, passivamente, a um filme interminável de uma realidade maquiada, editada e financiada pelas mais diversas fontes de dinheiro. Cada *influencer*, em seu(s) nicho(s) determinado(s), trabalha para promover, para além de si próprio, as marcas que o patrocinam e profissionais que os atendem. Com isso, o nascimento de um bebê não é mais tão somente o desabrochar de uma nova vida, um momento feminino e familiar, mas sim o *frame* perfeito para holofotes, lucro, autopromoção e divulgação de empresas.

Diante de tanto *glamour*, a cesariana de emergência após início espontâneo do trabalho de parto é óbvia, inquestionável, dispensa comentários. Com isso, trago a possível interpretação

de que a emergência era evitar o sofrimento do parto normal. Evitar a dor, o grito, a natureza feminina. Pular os pródromos, a fase latente, a fase ativa, o período expulsivo e a dequitação. O que são essas coisas? Pra que saber? *Cut it out!* (Fonseca, 2014). E assim foi. E assim tem sido. Bruna Biancardi é um exemplo, daqueles com grande visibilidade, que representa mais uma dentre milhões de outras mulheres que seguem o mesmo caminho. Às vezes, são influenciadas. Outras, percorrem a trilha que vinha sendo concretada na infância, na adolescência, no primeiro trimestre gestacional, no segundo e no terceiro. Que bom que os bebês nascem e as mães se recuperam. Mas será que não poderia ser diferente?

Acredito que sim, poderia. Digo isso ancorada nas tabelas que compõem os **Apêndices A e B**, as quais trazem algumas das principais recomendações dispostas nas Diretrizes do Ministério da Saúde e do Conitec (2022; 2016), que indicam a assistência ideal para o parto normal e para a cesariana. Todas as recomendações são baseadas em revisões sistemáticas de literatura, almejando um cuidado adequado na assistência prestada às parturientes, e estão divididas em tópicos relacionados aos aspectos principais do cuidado, como quanto aos profissionais que assistem ao parto; aos cuidados gerais; às formas de analgesia não farmacológicas e farmacológicas; e ao vínculo mãe-bebê. Conhecer as diretrizes e a forma ideal de ser tratada, as opções que temos, o que deve e o que não deve ocorrer, pode garantir à mulher confiança, respaldo e controle sobre o seu corpo, suas necessidades e de seu bebê no momento do nascimento e no pós-parto imediato.

Dessa forma, vejo que a imagem de Bruna, sozinha na maca, observando sua bebê sendo apresentada a outras pessoas, no colo do pai, fala muito mais do que a própria Bruna poderia pretender ao postá-la. Um olhar mais problematizador pode fazer enxergar a projeção da articulação entre patriarcado e colonialidade (Ochoa, 2018), na qual a mulher que pare se torna coadjuvante no processo em que foi central, junto a vida que gerou, elevando, no lugar, a figura masculina do pai. Esse espetáculo público da vida privada transmite cenas que dialogam com a lógica da cultura do consumo de massa (Piovezani Filho, 2003), salientando aquilo que se deseja vender: cesarianas, famílias de propaganda de margarina, filhos que pertencem ao pai. Para além de um momento de encontro, vejo desencontro e solidão materna, falta de informação e, na busca pelos *takes* perfeitos, violação do íntimo para a espetacularização pública, e, logo, falta de respeito para com a hora de ouro ou hora dourada:

A primeira hora de vida do bebê é tão importante para seu futuro que é conhecida como hora dourada ou hora mágica. Durante esse período, o contato pele a pele deve ser estimulado o mais cedo possível, segundo a Organização Mundial de Saúde e diversas outras entidades. Ele facilita

a amamentação, diminui a mortalidade e traz muitos benefícios para mãe e bebê. (Pinheiro, 2020)

Essa mulher recém-parida, aberta sobre uma maca sozinha, me parece não ter o tempo de descanso que merece: tão logo foi executada sua tarefa, já é hora de trabalhar, afinal, seu corpo e sua vida privada são sua fonte de lucro. E sua bebê, que acabou saiu do ventre, escuro, silencioso e quentinho, já se encontra separada de sua mãe, conhecendo outras pessoas, à luz forte do centro cirúrgico e dos flashes, tendo seu nascimento e primeiros momentos de vida tornados públicos. Esse encontro poderia esperar para que outro pudesse demorar, se alongar, conectar. Consigo sentir daqui peitos cheios de leite, braços e barriga vazios, sem bebê no útero, no colo ou mamando. Bruna é mais uma *quantified self* (Han, 2014) em um mundo de totalitarismo de dados e informação, empreendedora de si e contribuidora com uma indústria do vazio, do desumano, do não sentir. Que bom que, pelo menos, ela lucra com isso.

Quando o assunto é desmantelamento da vida privada, lucro e cirurgia cesariana, a influenciadora digital Virgínia Fonseca dá show. Ela teve três filhos: a primeira em 2021, a segunda em 2022, e o terceiro em 2024, todos via cesariana e com cobertura à nível de *reality*: foram feitas publicações e *stories* em sua conta do Instagram antes, durante e depois das cirurgias, com muitas fotos, filmes e muita repercussão na mídia. No *screenshot* da figura abaixo, podemos perceber que Virgínia publicou a foto 15 dias depois do nascimento de seu terceiro filho. A blogueira possui, hoje, em julho de 2025, 52,7 milhões de seguidores em sua conta do Instagram. É certo que muitas das milhões de pessoas que viram essa publicação ficaram chocadas com a recuperação milagrosa do corpo de Virgínia após o terceiro filho.

Figura 9: O pós-“parto” milagroso



FONTE: FONSECA, 2024.

Texto alternativo: a figura é uma captura de tela de uma publicação da *influencer* Virgínia Fonseca em sua conta do Instagram. Na imagem postada, a influenciadora está posando para tirar uma foto em frente ao espelho, usando o que parece ser um pijama de bolinhas preto e branco, com calça e camiseta. A camiseta do pijama está erguida, de modo que podemos ver a barriga *trincada* de Virgínia. Quanto ao cenário, é possível perceber que ela se encontra em uma academia. A postagem foi feita em 23 de setembro de 2024.

Não sei você, mas eu ainda tinha uma barriga de “grávida de seis meses” até pelo menos 120 dias após o meu parto. Não acredito que minha barriga tenha voltado ao “normal” até hoje, quase dois anos após. Mas Virgínia exibe uma barriga de tanquinho com quinze dias depois de uma cesariana. Postagens como essa atuam ao encontro do que descreve Han (2014) sobre o

capitalismo da emoção. Diferentemente do *sentimento*, a *emoção*, ou o *afeto*, são essencialmente mais fugazes, mais curtos, menos profundos, por isso sua descarga é favorecida na comunicação digital. Desta forma, as emoções que uma publicação como essa causa em quem está do outro lado da tela são usadas pelo regime neoliberal e seus atores como recursos para alcançar maior produtividade, lucro, desempenho, cirurgias - cesarianas, estéticas.

De repente, a racionalidade atua de forma rígida e inflexível. Em seu lugar, entra em cena a emocionalidade, que está associada ao sentimento de liberdade que acompanha o livre desdobramento individual. Ser livre significa deixar as emoções correrem livres. O capitalismo da emoção faz uso da liberdade. A emoção é celebrada como expressão da subjetividade livre. A técnica neoliberal de poder explora essa subjetividade livre. (Han, 2014, p. 65)

Assim, estabelecida a **psicopolítica** neoliberal, somos profundamente atingidas pelas emoções, tendo nossas ações influenciadas e sendo eficientemente controladas pelo sistema. Na busca pelo esteticamente aprovado e valorizado, num jogo entre autoestima e estética, nos encontramos diminuídas por uma influenciadora condicionada, cujo corpo foi construído por intervenções médicas e hormonais. Os corpos são pressionados por um padrão inalcançável, que se impõe com vigor quando passamos pelo mesmo momento, por mais que as condições sejam diferentes. Num eterno afetamento pela emoção, causado pela grande circulação das vidas públicas de pessoas privadas no regime neoliberal, e numa conjuntura de discursos cesaristas, com nascimento “facilitado”, rápido, prático e indolor, somados a blogueiras com dinheiro, beleza, milhões de seguidores e filhos que nascem por cesarianas, temos, certamente, uma ponte larga para mais milhões de cirurgias cesarianas, e até mesmo estéticas.

A pressão estética e capitalista sobre a mulher, mais do que nunca, a leva a determinados caminhos, nem sempre os melhores, mas sempre com o ar de uma “livre escolha”, na busca por um ideário de felicidade que é sempre “líquido, efêmero e insaciável e precisa ser sempre abastecido.” (Prado, 2007 *apud* Santos & Costa, 2018). Voltar a ativa, aparecer “no *shape*” e posar bela e magra logo após o nascimento de um filho têm se tornado desejos e objetivos das gestantes e parturientes (me incluo nessa), especialmente daquelas que são blogueiras e que trabalham com a exposição de seus corpos e suas vidas. Na verdade, porém, o que parecemos precisar é tempo hábil para descansar, curar, e conectar com o ser e a família que nasceu.

No capítulo seguinte, adentramos no segundo trimestre gestacional e do empreendimento na construção dessa compreensão do fenômeno. São apresentados alguns outros recortes de postagens de blogueiras, a serem relacionados, também, com as Diretrizes (2022, 2016) e com o arcabouço teórico, especialmente no que tange sociedade midiaticizada,

corpo e letramentos. Objetivo argumentar como este último pode trazer luz à questão, rumo a construção da análise do fenômeno e a um (re)posicionamento frente às estatísticas.

3.2 CORPO DESCORPORIFICADO

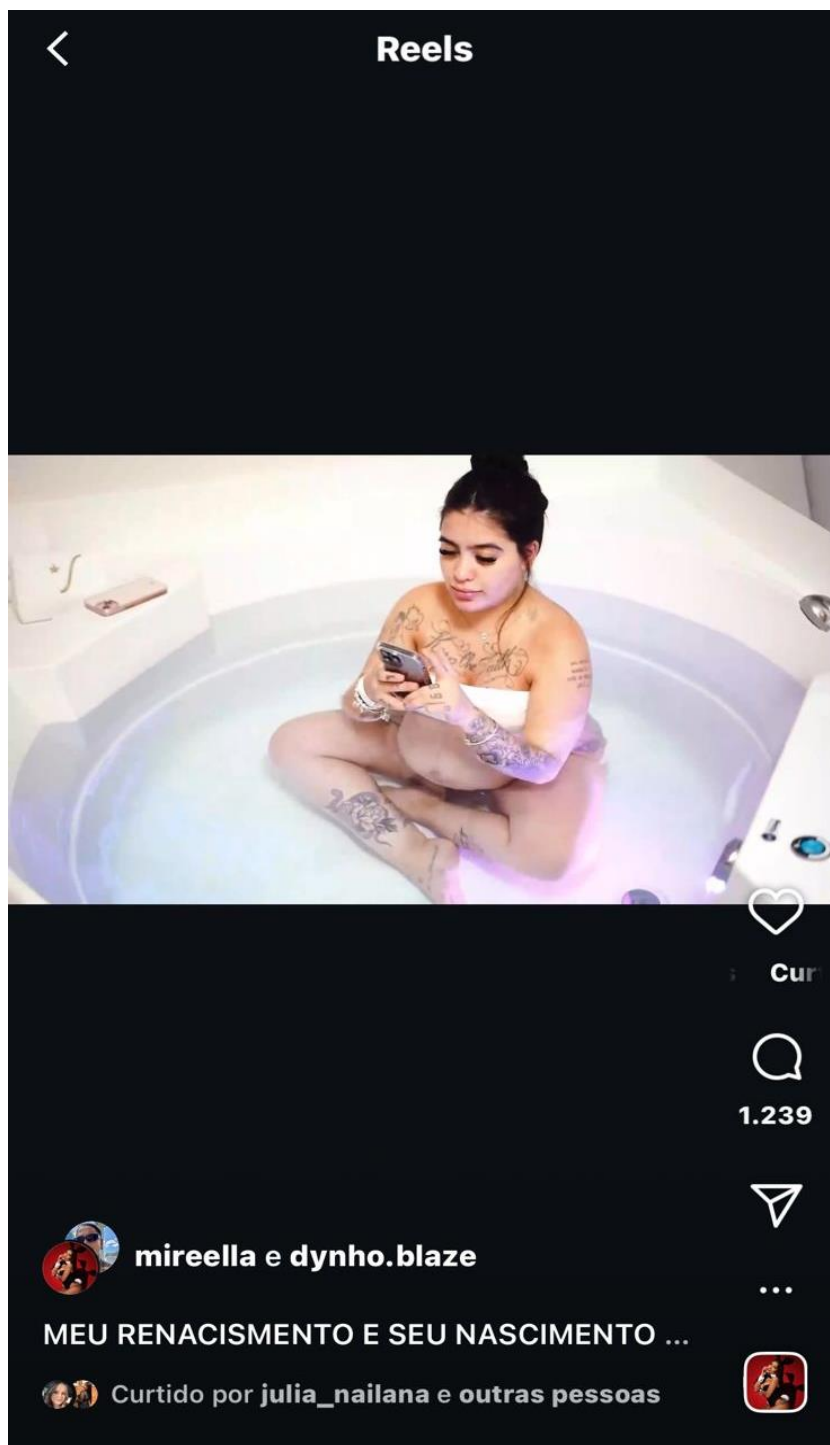
A igreja diz: o corpo é uma culpa. A ciência diz: o corpo é uma máquina. A publicidade diz: o corpo é um negócio. O corpo diz: eu sou uma festa.
(Eduardo Galeano)

A frase célebre acima, de Eduardo Galeano, denuncia, para além das diferentes vozes que atuam sobre o corpo, uma tendência - *trend*, como dizem nas mídias sociais. Esta diz respeito à dominação, massificação e controle sobre o que é corpo, sobre como ele deve ser/estar no mundo, a quem ele deve obedecer. Essa *trend* advinda da modernidade não tem vistas de acabar, sendo que, em suas diferentes nuances, nosso corpo é relegado a um segundo plano, cindido entre matéria e pensamento - ideal cartesiano condensado na frase “Penso, logo existo” - deixado à obscuridade e contra-racionalidade. Assim, falar sobre um corpo dominado requer que falemos de um corpo colonizado. Isto porque, a partir do momento em que povos e terras americanas foram invadidos, invalidados e subjugados, a colonialidade tomou conta de todos os nossos modos de existência, conforme pontua Mignolo (2008) ao citar as três dimensões da matriz colonial do poder: a colonialidade do ser, do poder e do saber. Isso significa dizer que foram e são controladas a economia, a autoridade, a natureza e os recursos naturais, o gênero e a sexualidade e a subjetividade e o conhecimento.

Desta forma, tomando como colonizados nosso corpo e nossas maneiras de ser-fazer-pensar, em um sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal (Grosfoguel, 2008), temos como missão dar lugar a opções decoloniais, outras formas e fontes de conhecimento que, por muito tempo, vêm sendo desvalorizadas e soterradas. Dentre estas, proponho a reflexão sobre um corpo esvaziado de sua potência de composição, criação e sensação, submerso na hiperexcitação, proporcionada pela fluidez da tecnologia, e na perda da singularidade (Foucault, 1982 *apud* Souza & Costa, 2018). A fuga para tal condição vem com o convite à uma configuração inversa: a que traz o corpo de volta (de Souza, 2019); a do corpo intenso de devir (Souza & Costa, 2018), a do corpo que se permite sentir e se afetar.

Tudo isso pressupõe uma reorganização do nosso conhecimento sobre o mundo e sobre nós mesmos.

Figura 10: Corpo aqui, mente ali



FONTE: FERNANDEZ, 2023.

Texto Alternativo: A figura foi recortada de um vídeo, postado no Instagram da cantora de funk Mirella, aqui referenciada como Fernandez (2023). Nela,

temos, ao centro, a cantora, submersa em uma banheira branca, de pernas cruzadas, segurando um celular com as duas mãos, olhando para ele. Ela está com o cabelo preso em um coque, usando apenas um top branco e uma pulseira, que parece ser do hospital.

A imagem acima foi retirada de um vídeo no qual Mirella¹ está passando pelo trabalho de parto. No momento desta captura de tela, podemos perceber que a cantora está em algum lugar ao longo da primeira fase do seu trabalho de parto, quando as contrações vêm e vão ainda com algum espaçamento, com o intuito de dilatar o colo do útero para a passagem do bebê. É possível notar que, em conformidade com as Diretrizes do parto normal (2022), ela está experienciando um método não farmacológico de alívio da dor, a imersão em água. Neste quesito, trago deslocamentos para problematizar esse momento: em um trabalho de parto ativo, deveria caber *stories*, rede social, ausência? Penso que trabalho de parto ativo requer foco, concentração, conexão entre corpo/mente/ambiente, mãe e bebê, que também está se esforçando para nascer. O corpo, durante essa fase, experiencia deslocamentos ósseos, dilatação, movimentação intensa. Se já foram contratadas pessoas para cuidarem das fotos e filmagens, não poderia a gestante apenas contemplar? Experienciar?

Aqui, dois lados da moeda se encontram. A influenciadora grava conteúdo e tem acesso a informação em seu celular, ao mesmo tempo. Com as gravações e fotos, divulgadas em formato de *stories* ou publicações na rede social, público e privado se imbricam, espetacularizando um momento, a meu ver, muito particular. Mais uma vez, como em tantas outras, o corpo feminino não pode parar, não pode descansar, é ferramenta de trabalho e de geração de lucro. Com o rolar da tela, por outro lado, a informação relega a experiência a um segundo plano. Como afirma Bondia (2002, p. 21-22), “a informação não faz outra coisa que cancelar nossas possibilidades de experiência.”, nesse sentido, a atenção ao acontecimento do parto é rapidamente substituída por outros estímulos, outros acontecimentos rápidos e fugazes nas redes, impossibilitando o silêncio, a memória e a experiência.

As cenas seguintes do filme, dividido em partes, postado pela influenciadora, trazem imagens dela sendo encaminhada à sala de cirurgia, e então sendo preparada para a cirurgia cesariana, modo pelo qual veio ao mundo sua filha. Conforme os portais de notícias, informados pelo casal e replicado na **Figura 11**, abaixo, a cantora foi submetida à cirurgia **duas horas** depois

¹ Mirella, ou MC Mirella, é uma cantora, compositora e dançarina brasileira de funk, que se tornou famosa por hits como “Abusada” e “Quer mais?”. Atualmente, sua visibilidade se dá, também, pelo seu trabalho como *digital influencer*, participação em *reality shows* e produção de conteúdo adulto em plataformas.

do rompimento da bolsa. À época do acontecimento, corria nas mídias sociais a (des)informação de que Mirella havia optado pela cesárea porque o trabalho de parto estava “demorando demais”.

Figura 11: Tentativa de parto normal



FONTE: QUEM, 2023.

Texto Alternativo: Imagem de uma notícia publicada no Instagram. À esquerda, há uma foto de Mirella, grávida, e seu esposo em uma piscina. À direita, podemos ver o nome da página que publicou a notícia, no caso, Quem, e uma legenda, que diz: “Nasceu! 🤰 MC Mirella deu à luz Serena, sua primeira filha, fruto da relação com Dynho Alves. Mirella tentou o parto normal, porém acabou sendo encaminhada para a cesariana cerca de duas horas após a bolsa romper. O nascimento de Serena foi confirmado por Ianka Cristini, indicada pelo casal como a pessoa que compartilharia a informação em primeira mão. Ray Marcele, amiga de Mirella, também confirmou o nascimento da pequena. Parabéns aos pais e saúde para ela ❤️”.

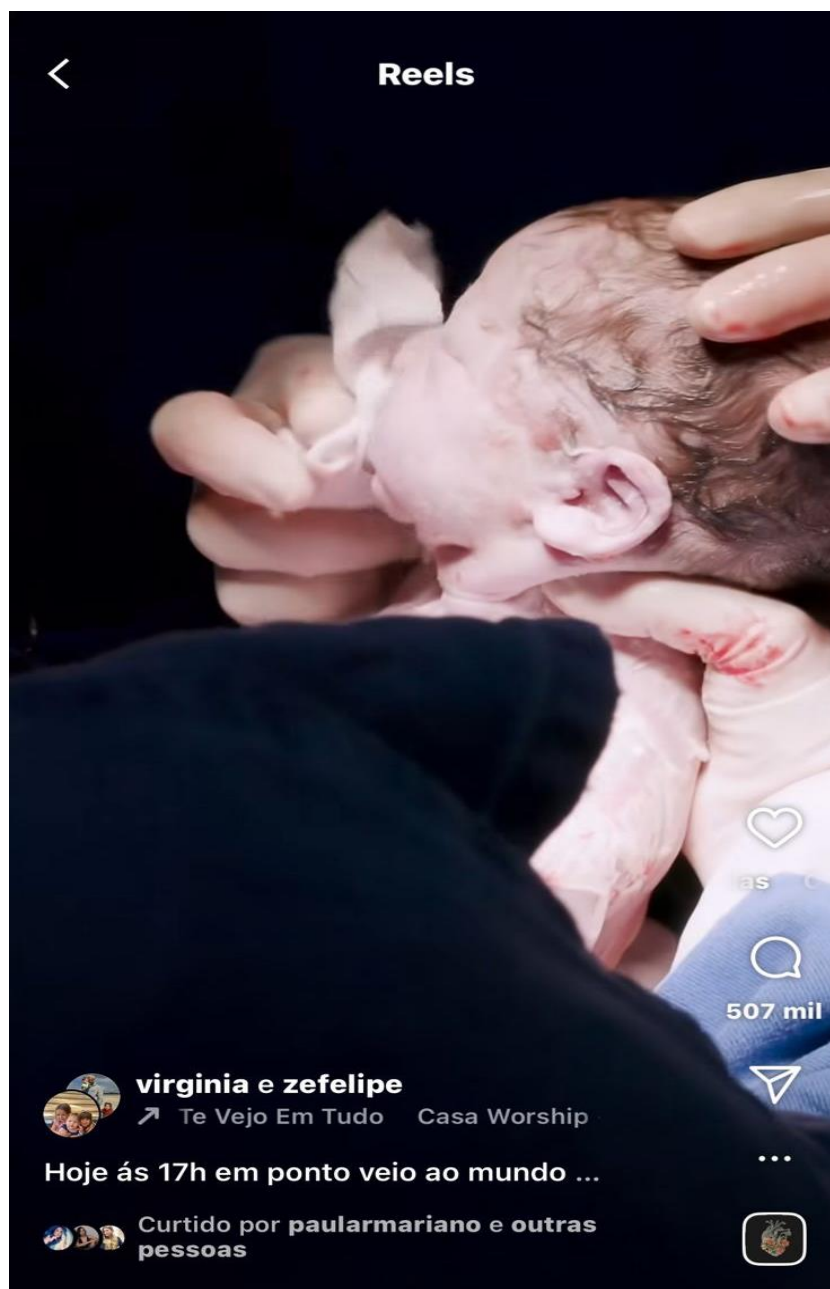
No caso, atenção à recomendação de n.º quarenta e sete das Diretrizes ao parto normal (2022) seria útil: “As mulheres devem ser informadas de que a duração da fase ativa do primeiro período do parto (fase de dilatação) de 5 cm até a dilatação cervical total, geralmente não se estende além de 12 horas nas nulíparas, e, geralmente, não se estende além de 10 horas nas

multíparas.” (p. 11). Informação, disposição e potencialização das funções sensíveis do corpo são algumas das chaves que evitam a frustração, o parto desejado mas sem sucesso. A cesariana, em si, realizada no caso de Mirella, pode não ser um problema. A desinformação e a falta de informação são. A aceleração de um processo natural demorado, o pular das etapas, a fuga do que é desconhecido são sintomas de que não temos nos permitimos ser afetados, não nos “ex-pomos” e muito menos padecemos diante da vida, talvez tenhamos sido meros sujeitos do saber, do julgar, do poder e do querer (Bondia, 2002).

Reitero que o ponto aqui não é criticar a realização de cirurgias cesarianas ou quem recorre a ela. Mais uma vez, relembro que a cirurgia cesariana salva vidas, e, assim como o parto normal dói, e muito, a cesariana também dói. A maior preocupação durante o nascimento de um filho é que ele nasça saudável e que mãe e bebê fiquem bem. Me interessa, com este trabalho, problematizar o **excesso**, as causas para tal e a desinformação que cerca o evento, bem como trazer encaminhamentos por meio dos letramentos críticos. A questão é que, como no caso acima, o insucesso no parto ocorre, muitas das vezes, pela falta de informação; pelas expectativas errôneas; pelo manejo incorreto do trabalho de parto; por equipe clínica e parturiente/acompanhante em páginas diferentes, levando à frustração, experiências ruins com o parto/nascimento e possível depressão pós-parto.

Portanto, convido as(os) leitoras(es) a refletir: quantas mulheres você conhece, que tiveram seus filhos por meio de cesáreas eletivas - agendadas, fora do trabalho de parto? Quantas você conhece que tentaram o parto normal, mas acabaram em cesarianas? Quantas vezes você ouviu falar da emoção de segurar um bebê quente, recém saído do útero, que apaga toda a dor sentida no parto ou na cirurgia? E quantas ouviu falar da peridural, ou raquianestesia - método farmacológico para alívio da dor, comumente aplicado para a realização de cesáreas, ou do “pique” durante o parto normal?

Figura 12: Sujeira?



FONTE: FONSECA, 2024.

Texto alternativo: Na captura de tela acima, retirada do vídeo do nascimento do filho de Virgínia Fonseca, vemos, ao centro, a cabeça de um bebê, que aparentemente está sendo retirado do útero. A mão de uma pessoa, com luva, o segura pelo pescoço, enquanto uma mão de outra pessoa limpa o rosto do bebê, com um papel ou lenço, e a outra mão está apoiada sobre sua cabeça, tocando seus cabelos.

A **Figura 12** vem completar a cena: apesar de ser comprovado cientificamente que a substância que envolve o bebê recém-nascido - o vernix caseoso - é importante para sua adaptação no ambiente extrauterino, e que sua retirada precoce pode trazer malefícios (Pinto *et*

al., 2022), nossa cultura ainda enxerga que o bebê sai *sujo* do útero, e vê a necessidade de limpá-lo antes de entregá-lo à mãe. A esse respeito, como bem coloca Koury (2016), a antropologia dispõe de análises que colocam a noção de *sujeira* como algo construído socialmente, disposto coletivamente na dimensão da desordem social, da anomalia, do imoral e até mesmo do impuro e do diabo.

Num eterno fazer e refazer da manutenção da moralidade, em que os sujeitos são imersos em uma cultura emotiva densa e controladora, o sujo é um elemento que conduz à ideia de evitação e impedimento, algo que deve ser impedido e excluído. Assim, os esforços privados e públicos para combatê-lo são estimulados e “considerados como possíveis ajudas para a unificação da experiência positiva da ordem.” (p. 189). Desqualifica-se o saber popular e, inclusive, como no caso do vérnix, científico, sobre higiene e saúde. Tal qual a relação com a menstruação, as secreções humanas que envolvem o bebê ao sair útero causam constrangimento e nojo ao outro, que age imediatamente para “resolver o problema”, tirando do recém-nascido sua proteção natural.

O trabalho de de Brito (2013), que apresenta uma tentativa de dar “voz ao corpo e corpo à voz”, ao problematizar os mecanismos de poder que agem sobre os corpos, traz considerações e textos muitos caros à discussão que proponho aqui. Retomando, também, a perspectiva cartesiana de cisão entre corpo e mente, bem como considerações foucaultianas sobre indivíduo e os esquemas de docilidade que dominam e treinam os corpos (Foucault, 1987), a pesquisadora encontra em relatos indígenas o choque cultural com o domínio do pensar sobre o sentir

O Papalagui pensa tanto que para ele pensar se tornou costume, necessidade, até obrigação, coação. Tem de estar sempre pensando. É difícil para ele não pensar, é difícil viver com todas as partes do corpo ao mesmo tempo. É comum ele viver só com a cabeça enquanto todos os sentidos dormem profundamente. (Tuiavii in Scheurmann, 2012, p. 22 *apud* de Brito, 2013, p. 25)

O Papalagui, no caso, é o homem branco colonizador que enxertou o caminho pelo qual hoje caminhamos. Tal qual à época do relato, continuamos a anestesiarmos nossos corpos em vários níveis, privilegiando somente aquilo que alimenta nossas mentes. O excesso de sentir é violento, mas o bloqueio do sentir, sem necessidade, também (informação verbal).² O despertar do corpo é urgente. Precisamos sentir estranhamentos, sensações, o cheiro do bebê que acabou de nascer, a temperatura de seu corpo, as substâncias que nosso corpo produz, que são ouro. Portanto, valorizar o corpo, torná-lo vibrátil, deiscendo às pressões, torções, sensações, é valorizar e realmente experimentar a vida por completo, de “corpo e alma”.

² Fala da prof.^a dr.^a Icélia Caires Moreira em observação na correção do presente trabalho.

A seção seguinte traz mais especificidades dos nascimentos na era do digital. Mobilizo pesquisadores de áreas diversas, como Cesarino (2022), Han (2014; 2018); Bridle (2019) e Berardi (2020), com o intuito de refletir nosso modo de vida, a midiatização e a exposição, em especial no que diz respeito ao gestar e ao parir na contemporaneidade. Para além de trazer o corpo de volta (de Souza, 2019), faço, agora, um convite para trazer o íntimo de volta, o familiar, o exclusivo. Não no sentido capitalista, almejando lucro, mas num sentido revolucionário para os dias de hoje, de desligar as câmeras e os espectadores, para vivenciar, ou experienciar, nas palavras de Bondía (2002), um momento em corpo e alma, com presença.

3.3 INFLUÊNCIA, MARKETING E SOCIEDADE DA EXPOSIÇÃO

Claramente, encontramos-nos hoje novamente em uma crise, em uma transição crítica, pela qual uma outra revolução, a saber, a revolução digital, parece ser responsável. Mais uma vez, uma formação dos muitos ameaça uma relação de poder e de soberania. A nova massa é o enxame digital. Ela apresenta propriedades que a distinguem radicalmente da clássica formação dos muitos, a saber, da massa. (Han, 2018, n.p)

As redes sociais, no caso, aqui, o Instagram, são plataformas de compartilhamento e acesso à informação, à linguagem, seja ela sonora, visual ou verbal (Santaella, 2007). No modelo atual do Instagram, com tela de rolagem infinita, algoritmização, *influencers digitais*, tráfego pago e *publi posts*, os usuários perdem cada vez mais de vista o controle e a noção daquilo que aparece para si e das causas daquilo estar aparecendo, passando a uma posição cada vez mais passiva, em moldes cada vez mais influenciáveis (Cesarino, 2022) - Han, 2018, caminha para o lado da relação de não passividade com a informação, da necessidade em produzir e comunicar ativamente, como simultaneamente consumidores e produtores, o que também faz sentido para esta seção. Em meio à multidão de perfis na rede social, vivenciando a “liberdade” de expressão e ansiando por *likes* e *views* nos *stories*, nos embriagamos do Instagram, vidrados na tela do celular, bombardeados de informações e enquadramentos dos quais não sabemos o suficiente, sem que possamos avaliar verdadeiramente as consequências dessa embriaguez (Han, 2018)

A era digital veio para ficar. Nos encontramos submersos, em êxtase, “surfando”, todos os dias, várias horas ao dia, na internet através de nossos dispositivos móveis. À primeira vista, temos a impressão de que a mesma é uma mão na roda – encontramos respostas às nossas perguntas mais complicadas, somos parte de grupos, temos acesso à produtos de todo canto. Estar interconectado com todo o mundo 24/7 é uma coisa boa! São muitas as oportunidades para trabalho, para entretenimento, fazemos amigos e mantemos contatos, tem lugar para todos.

Essa é a melhor das facetas do complexo internético, e é justamente a que podemos ver, a que querem que vejamos.

Um sistema que perpassa os mais diversos âmbitos de nossas vidas não apenas incrementa nossas aptidões, mas as molda e nos dirige, seja para bem, seja para mal (Bridle, 2019). Não somos mais capazes de viver ou pensar sem a internet, nos encontramos completamente emaranhados nela, e é justamente por isso que precisamos enxergá-la e entendê-la como um todo, não apenas suas partes boas. Neste momento, é necessário que suspeitemos, questionemos de onde vem, quem projetou e para quê, e quais dessas intenções permanecem no que diz respeito ao complexo internético. Bridle (2019) em seu livro “A nova idade das trevas”, nos guia à compreensão de que vivemos hoje uma nova era das trevas, na qual somos conectados à informação o tempo todo, mas essa abundância de informações gera um conhecimento dissociado, do qual emergem narrativas simplistas, teorias da conspiração e política pós-factual.

As ciências, cada uma progredindo em sua direção à parte, até o momento pouco dano nos causaram; mas algum dia a junção do conhecimento dissociado abrirá perspectivas tão apavorantes da realidade, e da posição temível que nela temos, que ou ficaremos loucos com a revelação ou fugiremos da luz mortal na paz e segurança de uma nova idade das trevas. (Lovecraft, 1926, *apud* Bridle, 2019, n.p)

Na mesma linha, Crary (2023) destaca como o complexo internético é inseparável do capitalismo 24/7 e suas propostas de acumulação, extração, circulação, produção e construção em escala global. O autor afirma que a velocidade e a ubiquidade das redes maximizam as capacidades capitalistas de destruição do meio ambiente e dissolução da comunidade. Neste sentido, ao invés de “nichos” e comunidades que abraçam as diferenças, é possível enxergar isolamento, desempoderamento e erosão da sociedade civil através de simulações online monetizadas de relações sociais. Existe, no lugar da emoção, da individualidade ou da comunidade, um regime hegemônico de mercado que produz comportamentos em massa e hipersincroniza a consciência, destruindo culturas locais e colocando o indivíduo sob o crivo do cálculo e da computação (Crary, 2023).

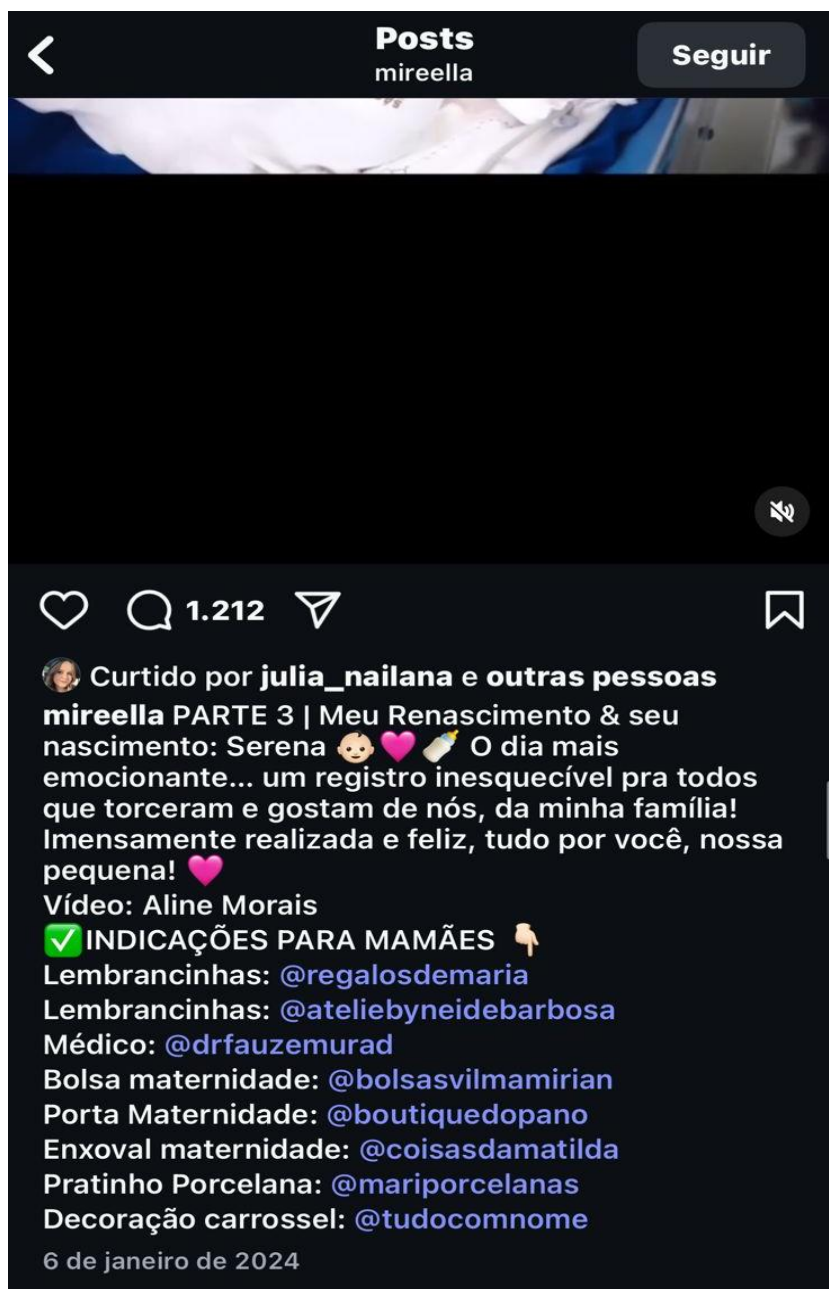
No livro “Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder”, Han (2014) ilustra como o sistema capitalista junto às mídias sociais digitais opera por meio das emoções, agindo na psique humana para chegar ao que o autor chama de “era da psicopolítica digital”. Isso significa que, hoje, o poder do regime neoliberal age de forma sutil, flexível e inteligente, de forma que o sujeito submisso não é nunca consciente de sua submissão. Assim, somos todos

submissos em um sistema que nos seduz pelo ato da curtida, e nos leva a superexposição nas redes sociais, gerando dados sem que sejamos obrigados a entregá-los. Somos, pelo contrário, “livres”, buscando “otimização pessoal”, alcançando bons níveis de “rendimento” com nossos conteúdos nas redes. Tudo isso para, ao final do dia, nos sentirmos esgotados, insuficientes e nunca bons o bastante como os demais.

Conforme observa Cesarino (2022), a formação de uma massa, ou um enxame, a que se refere Han (2018), não é fortuita: mobiliza-se, por meio de sistemas algorítmicos, saberes interdisciplinares com o intuito de capturar e sincronizar a consciência dos usuários, visando, também, a maximização do tempo de tela e a extração de dados, e produzindo uma sugestibilidade típica de multidões. Assim, ao rolar a tela do Instagram, por exemplo, entramos em um mundo personalizado, selecionado especialmente para nós, cheio de positividade e vitrines das vidas que queremos ter, com preços acessíveis (ou não) e caminhos para chegar lá (ou não). Nos encontramos escravos do desejo, da produção de imagens e corpos otimizados, nos contrapondo às facticidades, como o tempo, a morte, a dor e o próprio corpo (Han, 2018) e elevando futilidades aparentemente permanentes: “A imagem digital não floresce ou reluz, pois a negatividade do murchar está inscrita no florescer e a negatividade da sombra, no brilho.” (n.p).

Independente de felizes ou não com as condições de vida atuais, é difícil vislumbrar para nós a opção do *I’m out*, não quero mais. Nas palavras de Bridle (2019, n.p.): “A rede que nos traz conhecimento nos envolve, refratando nossa perspectiva em 1 milhão de pontos de vista, ao mesmo tempo nos iluminando e nos desorientando.”. Portanto, a perspectiva que aqui se desdobra não é mais do que uma compreensão que emana de dentro do próprio sistema, de uma pessoa que o vive, mas que, no entanto, vê a necessidade de desertar, no sentido de que nos fala Berardi (2020), de buscar outros planos e modos de relação, produção e cuidado, resistir à hiperconexão e recuperar a capacidade dizer não, como um gesto político a nível pessoal e coletivo. Assim, dou seguimento ao meu projeto com a problematização das figuras abaixo, que mostram parte da influência exercida pelas blogueiras no quesito nascimento no Brasil.

Figura 13 - Somente o necessário



FONTE: FERNANDEZ, 2024.

Texto Alternativo: a captura de tela mostra a legenda de uma postagem de Mc Mirella, a qual trata do nascimento de sua filha. Nela, lê-se: PARTE 3 | Meu Renascimento & seu nascimento: Serena 🍼💕🍼 O dia mais emocionante... um registro inesquecível pra todos que torceram e gostam de nós, da minha família! Imensamente realizada e feliz, tudo por você, nossa pequena! 📌 Vídeio: Aline Moraes ✅ INDICAÇÕES PARA MAMÃES 📌 Lembrancinhas: @regalosdemaria Lembrancinhas: @ateliemyneidebarbosa Médico: @drfauzemurad Bolsa maternidade: @bolsasvilmamirian Porta Maternidade: @boutiquedopano Enxoval maternidade: @coisasdamatilda Pratinho Porcelana: @mariporcelanas Decoração carrossel: @tudocomnome

Na **Figura 13**, a recomendação dos prestadores de serviços toma maior parte do espaço do texto. Assim, o que parece mais relevante, o nascimento ou a *publi*? Han (2018) foi certo ao afirmar que a imagem digital apaga tanto o nascimento quanto a morte. Aqui, a presença permanente são os prestadores de serviço e a influência sobre outras tantas pessoas, as quais entrarão em contato com aqueles, de modo que se mova a roda do capitalismo. Desde quando passamos a normalizar que, para nascer uma criança, precisamos de pratinhos de porcelana, decoração na maternidade, bolsas bordadas e lembrancinhas? Como um vírus, de que fala Han (2018), esse tipo de conteúdo se espalha rapidamente na rede, e, mesmo com significância pequena, gera replicação do comportamento e, de repente, me pareceu um absurdo eu não entregar lembrancinhas no nascimento de meu filho.

A meu ver, a elevação desses acessórios a um *must have* nos nascimentos só serve para nos distrair e para soterrar outras partes, mais importantes e deixadas a escanteio. E vamos para outra cesárea. Passeamos por vídeos e publicações de vidas editadas nas mídias sociais como quem passeia pelas vitrines de um shopping. Quando o assunto é gravidez e nascimento, o que comprar e quais serviços contratar são *headlines* nas vitrines das blogueiras, uma vez que o trabalho delas é justamente esse: influenciar a comprar. Nessa toada, somos telespectadores e consumidores de espetáculos reais, enquanto as *influencers* digitais são as estrelas do show, vendendo seu modo de gestar, seu modo de parir, de viver e consumir. Partindo de Derrida (2001) e Moreira (2016), o que não deveria ficar de fora dessa equação é justamente a percepção de que a construção desse espetáculo tem como mola propulsora o mal de arquivo. Trata-se de uma versão editada do real, na qual só passa pelo “filtro” do arquivo para a composição da memória (ou da vitrine) aquilo que se quer mostrar, o que rende, o que gera lucro, tudo muito bem selecionado e controlado.

Entretanto, a essa percepção cabe também pontuar que, influenciador ou não, somos todos operários de uma mesma colméia, por mais que desempenhemos funções e usufruamos de prazeres distintos e desiguais. A influenciadora que seleciona, recorta e edita para postar, faz do seu corpo um objeto de trabalho, vende sua vida e se expõe ao olhar e julgamento de milhões e milhões de pessoas na internet. No girar dessa roda, a pausa para descanso, a privacidade ou licença maternidade são mínimas - se existirem. Mas os vídeos, as fotos, os fãs, a influência e o lucro são muitos e são constantes. Se compensa ou não, não cabe a mim dizer, afinal, sou mera mortal. O que posso fazer é problematizar e buscar a reflexão. Com isso, trago a **Figura 14**, retirada do vídeo de nascimento do filho da blogueira Bruna Biancardi (2025), que reafirma a tendência - ou *trend*, para ser mais *tech* - da decoração, das flores e lembrancinhas nos nascimentos da atualidade, bem como da necessidade de se fazer vídeos mostrando tudo isso

aos espectadores do Instagram, afinal, esse é o produto da venda da vida privada dessas mulheres.

Figura 14: Decor, check



FONTE: BIANCARDI, 2025.

Texto Alternativo: a figura consiste em uma captura de tela de uma cena do vídeo do nascimento da filha de Bruna Biancardi. É possível observar uma parede com armários suspensos e uma bancada, todos de madeira, decorados. A decoração, nas cores branca e amarela, segue o tema de mel, em conformidade com o nome da recém-nascida. Há vários arranjos de flores

brancas, delicadas, nichos em formato de colméia, e o que parecem ser velas aromáticas amarelas.

Estou falando de *trend*, mas comportamento em massa e hipersincronização da consciência (Crary, 2023) também caem bem. Não seriam essas *trends* mais uma amostra da sociedade do desempenho e suas novas formas de coerção (Han, 2018)? Relembro que, consoante a Palermo (2019), as formas de gestão e controle coloniais - das quais também trata Han (2014; 2018), mas por outros termos e caminhos - regulam a vida em todas as suas esferas, perpassando todos os sujeitos em seus modos de viver-pensar-conhecer. O parto e os nascimentos dizem respeito diretamente ao corpo feminino, e o que estamos vivenciando, o que tento problematizar com esta dissertação, é que esses eventos vem sendo tomado de todas as formas possíveis, controlado e desconfigurado pelo poder colonial e pelas ferramentas de cerceamento dos sistemas capitalistas, como as redes sociais.

O fato de os três nascimentos (de Mirella, Virgínia e Bruna) também ocorrerem via cirurgia cesariana seria uma ironia do destino? As mobilizações aqui apreendidas apontam para a ideia de que tudo está interligado: um modo de vida acelerado não tem como abrir espaço para um parto demorado; um corpo anestesiado e controlado não pode sentir dor; uma vida espetacularizada e monetizada, que acontece em torno de consumo/lucro, não experiencia os eventos, mas sim usa do dinheiro para fazer da experiência um processo rápido, indolor, lucrativo e influenciável. Assim, gestação e parto não acontecem, passam, o mais rápido possível, com o menor “dano” ao corpo possível, afinal, os corpos blogueiros são empresas que não param.

Enfim, vejo a **Figura 15**, abaixo, como mais uma evidência de que caminhamos cada vez mais para o excesso, para a maximização do desempenho e a autoexploração (Han, 2019), de mãos dadas ao sucesso do sistema capitalista. A visão sobre o gestar e sobre o nascimento humano estão, hoje, ofuscadas pelo medo da dor e da morte, pela monetização de cada procedimento e segundo, pela busca do corpo esteticamente perfeito e lucrativo. O resultado são mulheres como Virgínia, que trabalham – produzindo conteúdo e marketing – inclusive nos nascimentos de seus filhos, expondo suas intimidades aos milhões de seguidores no Instagram, e envolvem nada menos do que **quatorze** profissionais na sala de realização de sua cesariana, fora os contratados para criação dos cenários e demais elementos (in)dispensáveis. Não se trata de um momento familiar, cujos protagonistas são mãe e bebê, mas sim de um evento lucrativo e superlotado, um verdadeiro *reality show* patrocinado por nós, espectadores e consumidores.

Figura 15 - Com quantas mãos se faz um parto?



FONTE: FONSECA, 2023.

Texto Alternativo: temos uma captura de tela do vídeo do nascimento do último filho da blogueira Virgínia, postado no Instagram. Na cena capturada, Virgínia está deitada sob uma maca, coberta por um lençol azul, vestindo o que parece ser uma camisola de hospital, com seu bebê, enrolado em um pano e com uma touca, deitado sobre seu peito. O bebê está sendo segurado por uma mão da influenciadora, e pelas mãos de uma profissional de saúde, em pé atrás da maca, sorrindo para a foto. Além desta profissional, que segura o bebê, podemos ver mais quatorze pessoas, dentre homens e mulheres, profissionais

e o pai da criança, todas vestidas com roupas de hospital e touca, dispostos atrás da maca, sorrindo para a foto.

O próximo trimestre, dividido em 3.1, Subjetividades e os Letramentos, e 3.2, Intervenção *contraintervencionista*, relaciona a construção das subjetividades às teorias dos Letramentos (Castro-Gómez, 2005; Foucault, 1997; Duboc, 2014; Luke, 2018; Menezes de Souza, 2011; Monte Mór, 2013; 2000), e aponta intervenções possíveis que caminham de acordo com o que se propõe nos Letramentos, almejando dar luz à questão da leitura enquanto prática social, bem como à criticidade enquanto um processo de suspeita e problematização sob uma autorreflexão, com destaque à relevância da leitura crítica frente ao excesso de informação ao qual somos expostos. Conscientização e empoderamento são algumas das palavras-chave do capítulo no qual construo essa reflexão, com vistas a propor deslocamentos acerca do que constitui nossos paradigmas com relação ao fenômeno aqui descrito.

4: TERCEIRO TRIMESTRE

DESAFIOS E POSSIBILIDADES

..

Chegamos, enfim, ao terceiro e último trimestre! O caminho até aqui não é/não foi fácil, mas a sensação de estar chegando ao final pode trazer uma ansiedade boa, misturada a pontadas de saudade do que ainda nem acabou. O terceiro trimestre gestacional compreende as 27-41 semanas de gestação (Ministério da Saúde, 2016), e traz consigo novos desafios. A barriga está cada vez maior, e o bebê, já com seus primeiros quilinhos, está com menos espaço disponível lá dentro, e deve se movimentar com vigor. Essas mudanças podem causar na gestante alguns desconfortos, como dores nas costas, dificuldades para respirar e dormir, hemorróidas, inchaços nos pés, rosto e tornozelos, sensibilidade mamária, e até mesmo azias intensas (Unicef, s/d). É, também, no terceiro trimestre que se iniciam as contrações de treinamento - ou Braxton Hicks - que são caracterizadas por endurecimento momentâneo da barriga, e são uma forma do corpo se preparar para o nascimento.

Neste período, o bebê já está quase todo formado, mas ainda não está “maduro”. Por isso, o Ministério da Saúde (2016) reforça: “É preciso ter paciência para esperar o tempo certo de nascer. A natureza sabe o melhor momento! Antecipar o parto sem necessidade é prejudicial para você e seu bebê.” (n.p). Portanto, esse é o momento de relaxar, procurar descansar, mentalizar um bom desfecho para a gravidez e buscar conversar com quem possa passar confiança e tranquilidade. Com a contagem regressiva para o nascimento, acredito que este não é o momento de buscar mais informações, procurar saber sobre relatos de parto, nem passar tempo lendo fóruns de maternidade. Com a flutuação hormonal e a ansiedade do momento, o hiper estímulo causado pelo excesso de informações na internet pode fazer mal.

Assim, neste capítulo da dissertação a intenção é, também, atravessar os desconfortos buscando um diálogo mais tranquilo, com possibilidades e recomendações *contraintervencionistas*. Em ritmo de encerramento, dividi o capítulo em duas seções: 3.1, Subjetividade e os letramentos; e 3.2, Intervenção anti-intervencionista, nas quais, inicialmente, conduzo à minha compreensão mais ampla do fenômeno observado e interpretado ao longo dessas páginas, para então sugerir deslocamentos para o corpo, o gestar e o parir por meio dos letramentos, calcados na ânsia por um de(s)colonizar, almejando o fortalecimento e a retomada do controle pelos corpos que parem.

4.1 SUBJETIVIDADE E OS LETRAMENTOS

As análises tecidas, desde a última seção do primeiro capítulo e em cada parte do capítulo dois, coadunam em atravessamentos e controle das subjetividades por parte dos sistemas planetários (Cesarino, 2022) aos quais estamos submetidos. Neste sentido, abordando as ciências sociais, a “invenção do outro” e a Modernidade/globalização, Castro-Gómez (2005) disserta sobre o projeto humanístico de submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem através da razão, para superar seu grande adversário: a natureza e seus segredos. “O papel da razão científico-técnica é precisamente acessar os segredos mais ocultos e remotos da natureza com o intuito de obrigá-la a obedecer nossos imperativos de controle.” (p. 80).

Castro-Gómez (2005) assinala que o controle se dá por meio da existência de uma instância central que o coordena, que são os Estados-nação. Estes são entendidos como o lócus que formula metas e formas de vida coletiva através de critérios racionais estabelecidos cientificamente, de forma que seja possível ao Estado direcionar os desejos, interesses e emoções dos cidadãos aos caminhos definidos por ele mesmo. Essa cientificidade se estabelece através das ciências sociais: estas são ferramentas de observação do mundo que se quer governar, sobre o modo como a realidade social funciona, e desta forma fornecem ao Estado a legitimação de suas políticas reguladoras. Ao ligar todos os cidadãos ao processo de produção, submetendo o tempo e corpo deles às normas definidas através do *conhecimento científico*, cria-se perfis de subjetividade estatalmente coordenados.

Esse processo de criação de perfis é denominado a “invenção do outro”. Entendo esse processo através da noção subjetiva que se cria em nossas mentes de “cidadão”: ao estarmos inseridos em instituições formais e reguladoras, que se impõem através da palavra escrita, gradativamente nos constituímos a partir da nossa imagem refratada por elas. Desta forma, temos nossas vontades, obscuridades e pensamentos intrusivos colocados em uma caixa submersa em nosso subconsciente, de modo que somente nossa identidade homogeneizada e encaixável no projeto moderno da governamentalidade apareça. Ao se voltar aos dias atuais, Castro-Gómez (2005) relata um “fim” da modernidade, mas ressalta que este fim não significa que a governamentalidade acabou: “[...] o projeto da modernidade chega a seu “fim” quando o Estado nacional perde a capacidade de organizar a vida social e material das pessoas. É, então, quando podemos falar propriamente da globalização.” (p. 84).

Aqui a grande questão é uma governamentalidade sem governo, cujo caráter nebuloso, por vezes, torna as ferramentas de controle imperceptíveis. Neste sentido, a globalização é tomada como libidinosa, pois não mais reprime as diferenças, mas as estimula e as produz, agindo no imaginário do consumidor pela produção de bens simbólicos e pela sedução

irresistível. A produção da subjetividade, pelo contrário do que se pensa, é construída através dos recursos oferecidos pelo próprio sistema. De maneira análoga, Moreira (2016), Han (2014; 2018), e anteriormente Foucault (1997; 2006), bem como Crary (2023) e Bridle (2019) - a maioria desses já usados anteriormente para tecer as análises - trazem apontamentos e problematizações que, juntos, colaboram para a compreensão das subjetividades e processos de controle que aqui tento tratar.

As várias perspectivas afluem para a ideia de que, por meio das ferramentas de controle, o sistema capitalista/moderno formata as representações identitárias dos sujeitos. Hoje, para além das instituições da vida cotidiana, os dispositivos e mídias digitais compõem parte importante do arsenal de ferramentas do sistema, atuando grandemente através do discurso, o qual é utilizado como modo de subjetivação: somos atravessados e assujeitados por eles (Foucault, 1997; Moreira, 2016). Estamos imersos em um contexto político, social, histórico e cultural que valoriza a monetização, a exposição e a espetacularização da vida íntima (Han, 2018; Piovezani Filho, 2003), que se fortalece no enfraquecimento da potência dos corpos, em especial femininos. Vivemos tempos de fragmentação das comunidades e isolamento (Crary, 2023), de midiatização, excesso e ubiquidade de informação - estamos o tempo todo informados sobre tudo, mas não sabemos a fundo sobre nada.

Isso posto, a escolha pela teoria dos Letramentos, sobre a qual me debruço nesta seção, veio da vontade de mudar as coisas. Tenho um rebuliço em minha cabeça que não se contenta, não se cala e não me permite que eu me contente com as coisas como elas são. Como sei que muitos por aí partilham do mesmo rebuliço, tenho uma confiança enorme de que essa inquietação conjunta pavimenta estradas. Tuahir, personagem de Mia Couto, sabe do que estou falando: “O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar, a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro.” (Couto, 2007, p. 5). Pensar em presentes/futuros outros, no tocante à gestação e parto, tomando como ponto de partida as problematizações e análises feitas até aqui, é uma tarefa complexa e multifacetada. Envolve temáticas e áreas do saber diversas, macro e micro estruturas sociais, bem como pessoas, cada uma com seu modo de saber-viver-pensar (Palermo, 2019), suas leituras e sua bagagem. A curiosidade é o que iguala as pessoas envolvidas. Para abarcar e mobilizar debates nas mais diversas searas aqui levantadas, o pontapé inicial é a curiosidade por saber mais.

Como manifestação presente à experiência vital, a curiosidade humana vem sendo histórica e socialmente construída e reconstruída. Precisamente porque a promoção da ingenuidade para a criticidade não se dá automaticamente, uma das tarefas precípuas da prática educativo-progressista é exatamente o

desenvolvimento da curiosidade crítica, insatisfeita, indócil. Curiosidade com que podemos nos defender de “irracionalismos” decorrentes ou produzidos por certo excesso de “racionalidade” de nosso tempo altamente tecnologizado. (Paulo Freire, 1996, n.p.)

A ingenuidade se combate com curiosidade crítica, indócil, como diz Paulo Freire. Quanto mais suspeitamos, perguntamos, questionamos a nós e ao mundo, mais buscamos o conhecimento e mais nossa curiosidade se criticiza. Esse movimento se dá através da leitura - do mundo, e então das palavras, e das palavras, e então do mundo (Freire, 1997). Isso é Letramento Crítico aplicado. No âmbito educacional, tomando a escola e os estudos como meios para a transformação social, essa corrente filosófica pedagógica proporciona a seus adeptos visões outras da educação, da leitura e da significação, de modo que se torna possível ao educador semear em seus alunos o despertar de uma consciência crítica. Isso não significa dizer que existe uma fórmula, um método para a aplicação dos conceitos dos letramentos, pelo contrário: não é possível que se categorize ou encaixote o que e como um professor deve fazer/agir para atingir os seus alunos e lhes tornar cidadãos críticos – isso é muito pretensioso e desconsidera a pluralidade de contextos, indivíduos e necessidades das salas de aula do mundo. Então o que são e para que servem os Letramentos?

Tendo como marco teórico o manifesto do Grupo Nova Londres, Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais (1996), os Letramentos, ou no caso Multiletramentos, representam uma filosofia educacional que parte de uma perspectiva sociocultural para propor abordagens de ensino e aprendizagem preocupadas com os contextos sociais, culturais, políticos, econômicos e históricos nos quais os estudantes se inserem. Apesar de o manifesto ser um texto impactante e até hoje tomado como referência, saliento que, já em meados da década de 60, Paulo Freire discorria sobre o assunto no Brasil, tomando a língua como um ato político de expressão de ideologias e os Letramentos como condição para a justiça social frente à opressão (Freire, 1997; Monte Mór; Duboc; Ferraz, 2021). De 1960 aos dias de hoje o conceito foi revisitado, reformulado, adaptado ao contexto atual e ainda está em constante transformação.

Centradas no texto, na leitura e na significação, as perspectivas freireanas apontam como tarefa dos Letramentos Críticos o despertar do aprendiz para as verdades presentes em um texto e para a construção de significação que ele faz a partir da leitura. A intenção aqui é desvelar os interesses e relações desiguais de poder que permeiam os discursos, bem como “aprender a escutar as próprias leituras dos textos e palavras [...] perceber como, enquanto leitores, a *nossa percepção* desses significados e de seu contexto está *inseparável* de nosso próprio contexto e

os significados que dele adquirimos.” (Souza, 2011, grifos do autor). Esse processo de leitura objetiva a conscientização e empoderamento dos aprendizes, em oposição a práticas educacionais que valorizam a memorização e a educação bancária, cuja figura principal é o professor detentor e transmissor do conhecimento. Tal visão da educação enquanto um ato político e da linguagem enquanto expressão ideológica marca a primeira geração dos estudos dos Letramentos em nosso país, na época chamados de Pedagogia Crítica (Monte Mór; Duboc; Ferraz, 2021).

A segunda geração desses estudos é chamada de Novo Letramento e entra em voga nos anos 80, retomando ideias de Freire, mas posicionando agora a linguagem enquanto discurso e a criticidade como maneira de revelar as verdades de um texto. Cronologicamente, após essa corrente brasileira, surge o manifesto internacional do Grupo Nova Londres (1996), que traz para o jogo o termo Multiletramentos, considerando a multiplicidade de discursos e de formas de texto associadas às tecnologias e multimídias. Reitero que se trata de um documento rico, cuja formulação levou em conta a

crescente multiplicidade e integração de modos significativos de construção de significado, em que o textual também está relacionado ao visual, ao sonoro, ao espacial, ao comportamental e assim por diante. [E também] as realidades do aumento da diversidade local e da conexão global. Lidar com diferenças linguísticas e culturais agora se tornou central para a pragmática de nossa vida profissional, cívica e privada. Quando a proximidade entre a diversidade cultural e a linguística é um dos fatos-chave do nosso tempo, a própria natureza da aprendizagem de línguas muda (Grupo Nova Londres, 1996, p. 106-107).

A terceira geração brasileira, os Multiletramentos/Novos Letramentos/Letramentos Críticos, agora oficialmente Letramento(S), surge a partir da década de 90. Essa corrente toma a linguagem enquanto prática social e, portanto, a educação e os letramentos como condição para agência e cidadania ativa. A terceira geração parte dos conceitos de Freire, como as outras ondas de estudos dos Letramentos, e posiciona o elemento da criticidade enquanto um processo de suspeita e problematização sob uma autorreflexão, sob um olhar para o outro enquanto um não-eu meu para perceber o eu que me constitui (Freire, 2005, *apud* Souza, 2011; Monte Mór; Duboc; Ferraz, 2021)

Como uma resposta à observação de Freire (1996 [1968]) sobre a forte colonialidade manifestada na relação brasileira entre opressor-oprimido – uma relação desigual, fechada, colonialista e escravagista na sociedade brasileira hierárquica dos anos 1960 que não foi superada desde os velhos tempos – a

reconceituação da agência e da cidadania tem feito muito sentido, considerando que essas atitudes são vistas como estratégias e habilidades que favorecem a decolonialidade. [...] propósitos sociais e educacionais para permitir a coexistência agonística de identidades plurais (Monte Mór; Duboc; Ferraz, 2021, p. 138, tradução nossa)

O grande desafio se encontra na construção de uma práxis preocupada com a diversidade econômica, sociocultural e epistêmica presente nas salas de aula, que problematize o *status quo* instaurado pela Modernidade/Colonialidade e caminhe para a reexistência e reconstituição dos sujeitos, saberes e culturas que há anos vem sendo invisibilizados e deslegitimados. O trabalho de um professor que leva seus alunos ao (auto)questionamento, que viabiliza discussões em temáticas variadas e proporciona momentos de troca de leituras de mundo pode culminar na desobediência epistêmica proposta por Mignolo (2008), na reconstrução da subjetividade dos sujeitos, bem como na abertura de espaço para ontoepistemologias pluriversas através de gerações de cidadãos em formação nas escolas. A escola é um ambiente extremamente fértil, pois

(...) quando desenvolvemos leitura, temos a oportunidade de buscar uma proposta que agregue novos pontos de vista e novos olhares aos textos que nos envolvem. Isto quer dizer que manteremos um constante exercício de desenvolvimento do olhar. Quem sabe uma busca por não deixar nossas visões cristalizarem (Monte Mór, 2000, p. 16).

Assim, a escola pode, ou deve, também, ser lugar de mobilizações que tratem das subjetividades, dos atravessamentos dos sujeitos, da mediação e da espetacularização das vidas, e, por que não, de gestação e parto. Mas, para além da escola, nossa atuação em sociedade é, também, lugar de Letramentos. Porque uma vez atravessados por essa filosofia, é possível percebê-la em todo lugar. A própria vida é uma escola. Em cada troca, se olharmos bem, estamos partilhando visões de mundo, enxergando nossos eus pelos olhos de não-eus, trocando e construindo leituras. E em cada ambiente, em cada situação vivida, cabem pessoas dispostas a trabalhar nas brechas (Duboc, 2019), que levantem questionamentos e debatam situações de injustiça ou desigualdade, que busquem a criticidade onde ela faltar entre os pares.

4.2 INTERVENÇÃO CONTRAINTERVENCIONISTA

É sempre bom saber que não pensamos sozinhos. Existe, sempre, em algum lugar, alguém pensando como nós. E romper com o silêncio e a inércia do pensamento ensimesmado

proporciona diálogos, encontros de ignorâncias e de saberes, que constroem novos saberes, novos caminhos. Foi assim que eu, de cara com a minha ignorância frente ao mundo novo da gravidez e parto, ao me perceber crua, insuficiente do conhecimento necessário, rompi com o meu silêncio e fui buscar informação em outros lugares, com gente informada e disposta a me ensinar. E que bom que eu fiz isso. Peço licença (poética, acadêmica?) para contar o meu caso.

Desde antes do positivo no teste de gravidez, eu gostaria de, se um dia Deus me abençoasse desse tanto, ter um filho por meio de um parto normal. Acontece que, quando a bênção veio, ela veio muito maior e melhor do que eu imaginava: pouco antes de mim, a minha cunhada, Carolina, havia passado pela experiência da gestação e teve seu filho por cirurgia cesariana, por mais que não fosse esse seu desejo. Em 2023, quando eu engravidei do meu primeiro filho, a Carol também estava grávida. E estava disposta, determinada a não passar pela cesariana novamente. Foi ela quem me rezou o beabá: comigo foi assim; o médico Dr. fulano fez isso; no hospital tal aconteceu aquilo; você precisa se preparar; você precisa de profissionais bons do seu lado; seu esposo precisa aprender tudo junto com você; se você quiser, esse é o caminho. Carol, se você um dia ler esse texto, muito obrigada!

A orientação da minha cunhada foi fundamental para que eu acordasse e buscasse a ajuda e a informação necessária. Na internet, tudo que eu via me remetia, inevitavelmente, ao imaginário do parto impossível e sofrido, tal qual explanei nos capítulos anteriores. Segui o protocolo: fui ao posto de saúde abrir o meu pré-natal. Durante a consulta, a enfermeira me perguntou se eu já pensava no parto, eu respondi que gostaria de tentar o parto normal. A resposta veio - infelizmente - conforme o esperado: “É, tem que ver se vai dar né, se a criança não for muito grande...”. Em seguida, primeira consulta com o médico obstetra da unidade: “Exames e remédios. Você deve fazer repouso. Nada de atividades físicas. Dúvidas? Espero que não. Obrigado, tchau.”. Que balde de água fria. Não me senti acolhida, não me senti encorajada, não sanei minhas dúvidas e ainda fiquei deprimida por não mais poder fazer atividades físicas, que já faziam parte da minha rotina há anos.

Mais uma vez, obrigada Carol! A Carol me apresentou uma enfermeira obstetra. Marquei consulta. Foram pelo menos duas horas no consultório. Durante toda a minha gestação, tive a oportunidade de ser acompanhada por um médico obstetra (diferente do primeiro, claro) e pela Ane Schadeck, uma das primeiras e únicas enfermeiras obstetras - ou parteiras urbanas - da cidade de Três Lagoas. E a Ane me ensinou muito, fez um trabalho impecável, me apresentou a gestação e o nascimento de formas que eu nunca imaginaria, e me apresentou também a categoria das enfermeiras obstetras. Hoje, posso dizer que a Ane, aqui personificada para representar outras diversas enfermeiras obstetras, faz uso dos pressupostos teóricos dos

letramentos críticos diariamente, conscientemente ou não. Além das consultas que se estendem por horas, durante as quais são realizadas escuta ativa, orientação e empoderamento, ela ainda atua na cidade com oficinas, como essa, da qual a **Figura 16** traz o convite abaixo.

Figura 16: Preparação para o parto



FONTE: SCHADECK, 2025

Texto alternativo: A imagem consiste em um convite para uma oficina de preparação para o parto, com o seguinte subtítulo: “Conheça o processo, informação é poder!”. Abaixo, um pequeno texto diz: “A chegada de um bebê é um dos momentos mais intensos e transformadores da vida. Participar de um curso de preparação para o parto é uma forma de viver essa experiência com mais segurança, consciência e tranquilidade.”. Nos cantos superior e inferior esquerdo da imagem, estão dispostos desenhos florais. No canto inferior direito, há o desenho de um casal heteroafetivo, em que a mulher é branca, possui cabelos longos e pretos, usa um vestido azul

claro de bolinhas e está grávida e posicionada de cócoras. O homem, branco de cabelos curtos e pretos, está de pé ao seu lado direito, segurando suas mãos, usando camiseta laranja e calça rosa. Abaixo, em letras estilizadas, constam os nomes das organizadoras: Doula Aline Gonçalves, EO Ane Lori Schadeck e Florescer com Amor.

Tive a oportunidade de participar de uma dessas oficinas durante a minha gestação, na qual foram abordados temas como: métodos para alívio de dores em gestantes, a fisiologia do parto, a necessidade do plano de parto individual, violência obstétrica, dentre outros, sempre em tom de empoderamento e incentivo, para que tudo corresse com tranquilidade e conforme o que cada gestante desejasse. Espaços como esse funcionam como salas de aulas: a curiosidade que move uma gestante com direção à informatividade, no contato e diálogo entre os saberes proporcionados nos encontros, se torna uma curiosidade crítica, indócil, insatisfeita com aquilo que tentam nos impor (Freire, 1996). Os processos que decorrem desse tornar-se crítico encaminham à autorreflexão e à percepção do não-eu e, logo, do eu que me constitui (Souza, 2011), abrindo um leque de possibilidades e caminhos outros a serem vislumbrados.

Há de se salientar que, até onde sei, o acompanhamento gestacional e de parto, bem como os encontros promovidos pela Ane são particulares, contando com apenas algumas vagas sociais gratuitas. No entanto, com o mesmo intuito e de maneira totalmente gratuita, também são ofertados, mensalmente, nas Unidades Básicas de Saúde do SUS pelas equipes de Estratégia Saúde da Família (ESF), os chamados Grupos de Gestantes. Infelizmente, apesar de fazer parte das estratégias da Rede Alyné (2023), o Grupo ainda não é um programa federal obrigatório, portanto, pode não ocorrer em todo o Brasil. A **Figura 17**, abaixo, traz um convite de um Grupo de Gestantes da unidade na qual eu trabalho, que ocorreu durante a época do carnaval deste ano, 2025.

Figura 17: Folia das Gestantes



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2025.

Texto alternativo: a imagem é um convite digital em que, no canto superior esquerdo existe um guarda-chuvas colorido com confetti nas pontas; ao centro em cima está escrito FOLIA DAS, abaixo existe o desenho de um pandeiro com fitas e confetti, e abaixo do pandeiro está escrito GESTANTES, em letras grandes e rosas. Mais abaixo, estão três itens alinhados à margem esquerda, que são: roda de conversa; acompanhamento pré-natal; delicioso lanche. Ainda ao centro, mais abaixo, em letras maiúsculas brancas grifadas em rosa, lê-se ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL. No canto inferior esquerdo consta data e horário: 28/02, grande e rosa, e 14H, grande e laranja, abaixo da data. No canto inferior direito, está posicionado um desenho de uma mulher grávida com uma máscara de carnaval, e abaixo dela o desenho de um tambor colorido. O fundo. Os escritos

estão sobre um fundo branco com bordas arredondadas e rosas, e sobre esse fundo branco existe outro fundo roxo com algumas estrelas aleatórias.

Além desses, o grupo PET Enfermagem, do curso de Enfermagem da UFMS, câmpus de Três Lagoas, possui o projeto “Laços de Vida”, que visa ofertar cursos e oficinas para gestantes, em especial aquelas atendidas pelas unidades de saúde da cidade, com o intuito de criar um espaço de trocas, informatividade e fortalecimento de vínculos. Dos grupos aos quais tive/tenho acesso, como esse, do PET, sei que uma das maiores dificuldades é ter público. Não porque não existem gestantes, mas porque elas não comparecem. Não ficam sabendo, ou não acham interessante, ou não conseguem as condições para irem. Mais um motivo que justifica meu esforço com esta pesquisa. Dar visibilidade à esse tipo de trabalho significa aumentar o alcance e, logo, as chances de cada vez mais mulheres se apoderarem de informação e tomarem o controle de seus corpos e de suas vidas, gestações e partos.

É importante, também, como já dito anteriormente, que a gestante não carregue o peso da gestação e das escolhas sozinha. O provérbio africano “é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança” é sempre atual e pertinente, afinal, crescemos e vivemos assim, em comunidade. Por isso, é de grande relevância que, em um momento tão delicado como a gravidez, não estejamos a sós. Que possamos vivenciar cada etapa tendo o apoio e a segurança de alguém ao nosso lado, seja o (a) parceiro(a), a mãe, o pai, amigos ou demais parentes. No meu caso, ter meu esposo estudando, aprendendo, carregando o peso, literalmente, como na **Figura 18**, comigo, tornou tudo mais leve e prazeroso. Na hora do nascimento, também é com essa pessoa que devemos contar para que nossos direitos sejam respeitados e que nossas escolhas prevaleçam frente a um sistema que tenta nos corromper. Por isso a importância de não participar sozinha, inclusive, nos cursos e encontros para gestantes - duas pessoas, juntas, munidas de informação, são melhores do que uma só, em especial uma gestante que, no momento de seu parir, não deve/consegue agir/pensar para além do grandioso trabalho que está envolvida: trazer uma vida ao mundo.

Figura 18: Peso/2



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2023

Texto alternativo: a imagem consiste em uma foto com um homem ao centro, cujo rosto está coberto por um emoji amarelo sorrindo, fazendo sinal de jóia com as duas mãos. Ele está de camiseta laranja, e sobre a camiseta usa algo como um avental, com seios e uma barriga grandes. Ao fundo, à esquerda, é possível ver outro homem de costas, de calça jeans, tênis e camiseta preta. À direita, existe mais um homem usando este mesmo avental com seios e barriga, bem como outras pessoas cortadas pelo limite da foto.

Quando é chegada a hora, não há nada mais *contraintervencionista* do que uma gestante e um(a) acompanhante críticos, munidos de informação e vontade de experienciar seu momento; e uma equipe de assistência ao pré-natal e ao parto multiprofissional, atualizada e respeitosa, formada, por exemplo, por doula, enfermeira(o) obstetra e pediatra. O meu parto foi caseiro, inesperado e acompanhado apenas pelo meu esposo, por uma doula, Aline Gonzalez, que aliviou muitas das minhas dores e angústias, como mostro na **Figura 19**, e por uma enfermeira obstetra, Ane Schadeck, que conduziu o parto muito tranquilamente, sem nenhuma intervenção. Sei que, dadas as condições do sistema neoliberal em que vivemos, são poucas as mulheres que têm acesso à esse tipo de equipe. No entanto, o exercício das enfermeiras obstetras é regulamentado e funcional dentro do SUS, conforme a Resolução Cofen nº 524/2016 (Cofen,

2016), bem como a presença e a atuação das doulas, por meio de programas de voluntariado ou contratadas pelas gestantes (Brasil, 2024).

Figura 19: Trabalho em equipe



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2023.

Texto Alternativo: ao centro da foto, está uma mulher, grávida aparentemente em posição de quatro apoios no chão. Ela se apoia com as duas mãos sobre um tatame verde e recosta a cabeça, com os cabelos presos em um coque, sobre um sofá, com os olhos e boca apertados, com expressão de quem sente dor. Ela está usando apenas um top preto, com alças e sustentação por uma faixa preta com bolinhas brancas. Ao fundo, à direita, está outra mulher, de olhos fechados e expressão calma, cabelo preso em coque, usando blusa de frio preta, segurando um pano, laranja, amarelo e azul, enrolado sobre a lombar da gestante.

Dito isso, reforço as proposições até aqui debatidas: existem, em toda e qualquer seara de nossas vidas, inclusive no âmbito da gestação e parto, influências neoliberais e coloniais que atuam contra a pluriversalidade, os modos outros de saber-viver-pensar que não aqueles hegemônicos impostos sobre nós. O complexo internético, financiado pelo mesmo sistema, impulsiona os paradigmas e subjetividades que convergem com os interesses do capital. Se o

que é hegemônico não nos oferece aquilo que de bom podemos ter, como é o caso da informação, do empoderamento, da equipe multiprofissional no SUS, do experienciar das coisas, busquemos nossos próprios meios. Que busquemos, então, fortalecer e propagar propostas que rompem com esses paradigmas, que possibilitem deslocamentos e reconstruções para nossas subjetividades.

5: O ATO FINAL

Figura 20: Culminância



FONTE: ACERVO PESSOAL DA AUTORA, 2023

Texto Alternativo: na imagem, podemos ver um quadro ao centro, posicionado sobre uma mesa branca e recostado em uma TV ligada. No quadro, está escrito “Florescer do Kevin 15.09.2023”, e existe uma flor, um rostinho feliz e um coração espalhados sobre o quadro, em volta da escrita. Sobre o quadro e a mesa, está pendurado um varal de flores brancas com luzes, que recosta também sobre um enfeite redondo, laranja, que está sobre a mesa, em frente ao quadro.

A imagem da **Figura 20** marcou a transição do parto ao nascimento de meu filho, no dia 15 de setembro de 2023. Hoje, recorro a ela para marcar, neste texto, o ponto final de minhas teorizações. Me insiro, com este trabalho, no entrelugar do teste de gravidez positivo ao romper da bolsa e trabalho de parto. Nascido o bebê, é assunto para outras pesquisas e problematizações. Com isso, pretendo, aqui, retomar os principais conceitos abordados nos três

trimestres, especialmente no que concerne aos atravessamentos das subjetividades da mulher grávida. Relembro algumas asserções teóricas para, enfim, encerrar este trabalho com o convite ao despertar dos corpos, à composição decolonial e crítica das subjetividades, e ao deslocar das perspectivas, mirando a construção de outros presentes/futuros possíveis.

Ao longo de cada trimestre desenvolvido neste trabalho, como que uma mulher grávida, gesto e desenvolvo duas hipóteses: a primeira, de que o discurso midiático, de mãos dadas com o capitalismo colonial/moderno (Quijano, 2005), atua na construção dos sujeitos, no caso, aqui, das gestantes, com vistas ao consumo/lucro, tendo como resultado uma padronização de escolhas e comportamentos, como a realização de cirurgias cesarianas, mesmo quando não indicadas. E a segunda, de que os Letramentos, quando colocados em prática, tanto dentro como fora da sala de aula, podem colaborar para a desconstrução e deslocamentos de certas verdades que envolvem os corpos e os nascimentos, empoderando as mulheres e devolvendo a elas o poder de escolha.

Desta forma, as problematizações feitas a partir da última seção do primeiro trimestre e ao longo de todo o segundo trimestre desta dissertação, bem como a análise dos recortes, palmilham uma confirmação para a primeira hipótese. Assim, diante das mobilizações desenvolvidas com relação a atuação das *influencers digitais* no tocante ao gestar e ao parir, bem como com relação às recomendações das diretrizes de assistência ao parto normal e à cirurgia cesariana, foi possível observar que nosso modo de vida acelerado não abre espaço para um parto demorado; um corpo anestesiado e controlado não pode sentir dor; uma vida espetacularizada e monetizada, que acontece em torno de consumo/lucro, não experiencia os eventos, mas sim usa do dinheiro para fazer da experiência um processo rápido, indolor, lucrativo e influenciável.

As discussões levaram a noção de que gestação e parto não acontecem, passam, o mais rápido possível, com o menor “dano” ao corpo possível, afinal, os corpos blogueiros são empresas que não param. Foi possível perceber que caminhamos cada vez mais para o excesso, para a maximização do desempenho e a autoexploração (Han, 2019), de mãos dadas ao sucesso do sistema capitalista. Conclui-se que a visão sobre o gestar e sobre o nascimento humano estão ofuscadas pelo medo da dor e da morte, pela monetização de cada procedimento e segundo, pela busca do corpo esteticamente perfeito e lucrativo.

Na contramão, como uma fagulha de esperança, já no terceiro trimestre da dissertação, aparecem os Letramentos, sugerindo uma práxis preocupada com a diversidade econômica, sociocultural e epistêmica, que problematize o *status quo* instaurado pela Modernidade/Colonialidade e caminhe para a reexistência e reconstituição dos sujeitos, saberes

e culturas que há anos vem sido invisibilizados e deslegitimados. Assim, trabalhos que levam ao (auto)questionamento, que viabilizam discussões em temáticas variadas e proporcionam momentos de troca de leituras de mundo podem culminar na desobediência epistêmica proposta por Mignolo (2008), na reconstrução da subjetividade dos sujeitos, bem como na abertura de espaço para ontoepistemologias pluriversas. Essas noções caminham ao encontro do que propõe a segunda hipótese, sendo que o texto escrito representa apenas uma parte, deveras particular, do que os Letramentos em ação podem representar. Vejo, com a dissertação terminada, que a “comprovação” da hipótese depende, em muito, de outros contextos, de situações outras ocorridas na vida real de pessoas reais, e que a minha experiência pessoal, de quem aqui escreve, e sugestões aqui propostas, ficam como incentivo para que essas situações outras possam realmente vir a acontecer.

Por isso é relevante levar os Letramentos aos mais diversos cantos e espaços do mundo, de modo que as pessoas possam se apropriar dessa corrente filosófica e atuar em suas comunidades. Ainda, vejo grande relevância, também, em dar visibilidade às questões que envolvem a mulher grávida e parturiente no Brasil, tal qual a problemática do excesso de cirurgias cesarianas no país e o discurso de medo que circunda o parto normal, para que possamos caminhar rumo à construção de outras verdades, para além das hegemônicas impostas sobre nós, que nem sempre indicam os melhores caminhos e soterram outras possibilidades.

Assim, espero que essa pesquisa colabore com o rol de pesquisas em Linguística Aplicada, abrindo espaço para casamentos entre áreas até então consideradas opostas ou distantes, bem como para métodos ainda não tão convencionais de se fazer pesquisa, que sejam frutíferos e democráticos para atender as especificidades de pesquisa de cada pessoa. Espero poder alimentar discussões e mobilizações com relação ao corpo da mulher, seu espaço e sua voz da gestação ao parir, e também contribuir para a construção de conhecimentos e caminhos pluriversais, anti hegemônicos e *constraintervencionistas*.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. Ficha Técnica: Indicadores do Programa de Qualificação de Operadoras 2024 (ano-base 2023). Disponível em: <https://acesse.one/M2jVT>. Acesso em: 07 abril 2025.
- AMERICAN COLLEGE OF OBSTETRICIANS AND GYNECOLOGISTS (ACOG). ACOG Practice Bulletin No. 216: Macrosomia. *Obstetrics & Gynecology*, v. 135, p. e18–e36, 2020.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.
- BERARDI, Franco “Bifo”. Crónica de la psicodeflación. Publicada em 18 de março de 2020. Tradução de Emilio Sadier. Disponível em: Lobo Suelto. Acesso em: 06 ago. 2025.
- BIANCARDI, Bruna. Nossa Mel chegou, pra completar e adoçar ainda mais as nossas vidas!. 5 jul. 2025. Instagram: @brunabiancardi. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DLv31QJuSL3/?igsh=dGc4eTB5dXE4Ym1m>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Pesquisa Qualitativa e a abordagem fenomenológica: o percurso da professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo. [Entrevista concedida a] Manuelle P. da Costa Simeão e Luciane Ferreira Mocrosky. *ACTIO*, Curitiba, v. 3, n. 3, p. 236-252, set./dez. 2018.
- _____. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. *Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico*. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. p. 15-22.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação (Online)*, n.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.
- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Nota Técnica nº 13/2024. Brasília, DF, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2024/nota-tecnica-no-13-2024-cosmu-cgaci-dgci-saps-ms.pdf/view>>. Acesso em: 16 dez. 2025.
- BRASIL. Saúde e Vigilância Sanitária. Ministério da Saúde investe no atendimento humanizado de gestantes em todo o país. Brasília: Ministério da Saúde, 27 out. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2020/10/ministerio-da-saude-investe-no-atendimento-humanizado-de-gestantes-em-todo-o-pais>. Acesso em: 4 abril 2024.
- BRIDLE, James. A nova idade das trevas: a tecnologia e o fim do futuro. São Paulo: Todavia, 2019.
- CAMACHO, Karla Gonçalves; VARGENS, Octavio Muniz da Costa; PROGIANTI, Jane Márcia; SPÍNDOLA, Thelma. Vivenciando repercussões e transformações de uma gestação: perspectivas de gestantes. *Ciencia y Enfermeria XVI*, 2010. p. 115-125.
- CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha: transcrição paleográfica. Lisboa: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, 2010. Disponível em: <https://antt.dglab.gov.pt/wp->

content/uploads/sites/17/2010/11/Carta-de-Pero-Vaz-de-Caminha-transcricao.pdf. Acesso em: 6 ago. 2025.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da "invenção do outro". In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 80-87.

CAVALCANTI, M. C. A propósito da lingüística aplicada. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. n. 7, p.5-12, 1986.

CESARINO, Letícia. O mundo do avesso: verdade e política na era digital. [S.l]: Ubu, 2022.

CONITEC. Diretrizes de Atenção à Gestante: a operação cesariana. Brasília- DF: 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/relatorios/2016/relatorio_diretrizes-cesariana_final.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM (COFEN). Resolução nº 524, de 19 de outubro de 2016. Estabelece normas para a atuação do enfermeiro obstetra e obstetriz na assistência à mulher no ciclo gravídico-puerperal. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 20 out. 2016. Disponível em: https://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-05242016_45538.html. Acesso em: 16 dez. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE. Recomendação n.011, de 07 de maio de 2021. Recomenda orientações ao Poder Executivo Federal sobre o Programa Parto Adequado. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/recomendacoes-cns/1731-recomendacao-n-011-de-07-de-maio-de-2021>. Acesso em: 05 abril 2024.

CRARY, Jonathan. Terra arrasada: além da Era Digital, rumo a um mundo pós-capitalista. São Paulo: Ubu, 2023a.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto et al. São Paulo: Editora 34, 1995.

DE BRITO, Kalassa Lemos. Dando voz ao corpo, dando corpo à voz: subjetividades de um corpo-vida. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, p. 122. 2013.

DE SOUZA, L. M. T. M. Decolonial pedagogies, multilingualism and literacies. *Multilingual Margins: A journal of multilingualism from the periphery*, v. 6, p. 9-15, 2019.

DUBOC, Ana Paula. Letramento crítico nas brechas da sala de línguas estrangeiras. In: TAKAKI, Nara Hiroto; MACIEL, Ruberval Franco. Letramentos em terra de Paulo Freire. *Pontes*, 2014, p. 209-227.

_____. Falando francamente: uma leitura bakhtiniana do conceito de “inglês como língua franca” no componente curricular Língua Inglesa da BNCC. *Revista da Anpoll*, Florianópolis, v. 1, nº 48, p. 10-22, Jan./Jun.2019.

FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. Colonialismo digital: por uma crítica hacker-fanoniana. São Paulo: Boitempo, 2023.

FERNANDEZ, Mirella. MEU RENASCIMENTO E SEU NASCIMENTO □ Pequena Serena 26.12.2023 ∞ | PARTE 1 Música: @muryllo Vídeo por Aline Morais. [S.l.]. 31 dez. 2023. Instagram: @mireella. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C1iHSgBRMp2/?igsh=MWJreTVvbGU0ZXEWMQ%3D%3D>. Acesso em: 10 jul. 2025.

_____. Parte 2 | MEU RENASCIMENTO & SEU NASCIMENTO: Serena □ 🤩 Eu não tenho palavras pra esse momento, obrigada @drfauzemurad por cuidar de nós duas e ter realizado meu parto!!! 🙏 @drfauzemurad Vídeo: Aline Morais. [S.l.]. 5 jan. 2024. Instagram: @mireella. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C1u8GBsxyhH/?igsh=YzNqY2M0cHF2bjE1>. Acesso em: 10 jul. 2025.

_____. PARTE 3 | Meu Renascimento & seu nascimento: Serena 🤩 □ 📺 O dia mais emocionante... um registro inesquecível pra todos que torceram e gostam de nós, da minha família! Imensamente realizada e feliz, tudo por você, nossa pequena! □ Vídeo: Aline Morais ✓ INDICAÇÕES PARA MAMÃES 📌 Lembrancinhas: @regalosdemaria Lembrancinhas: @ateliemyneidebarbosa Médico: @drfauzemurad Bolsa maternidade: @bolsasvilmamirian Porta Maternidade: @boutiquedopano Enxoval maternidade: @coisasdamatilda Pratinho Porcelana: @mariporcelanas Decoração carrossel: @tudocomnome. [S.l.]. 6 jan. 2024. Instagram: @mireella. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C1xhCsCRv3i/?igsh=MWU3MWVrY3B4NjZjcw%3D%3D>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FONSECA, Luciana Carvalho. “Eu quero cesárea” ou “Just cut it out!”: Análise Crítica do Discurso de relatos de parto normal após cesárea de mulheres brasileiras e estadunidenses à luz da Linguística de *Corpus*. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 470. 2014.

FONSECA, Virgínia. Boa tardeee!! Segundou por cá 🙌. [S.l.]. 23 set. 2024. Instagram: @virginia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DARBK5Luj1R/?igsh=MWRvdDAzeGxrM3B1dA%3D%3D>. Acesso em: 10 jul. 2025.

_____. Hoje às 17h em ponto veio ao mundo nosso José Leonardo!! Chegou com 3.590kg e 49.5cm 🙌 eu sou só GRATIDÃO, nosso príncipe é perfeito, cheio de saúde e já amado por todos!!! Peço a Deus que lhe dê saúde, paz, amor, sabedoria, humildade e sucesso sempre!! Te amamos Ze Leonardo!! Vc é LINDO e sua família ta feliz deeeemais com sua chegada meu amor 😍💙 Ps: dps solto mais fotinhos p vcs viu?! Toda honra e glória a Deus💖💜💙 📺 @griffefilms. [S.l.]. 8 set. 2024. Instagram: @virginia. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C_rPxdDsEot/?igsh=Y2QzcHJlZDJvczg4. Acesso em: 10 jul. 2025.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. A “Governamentalidade”. In: Estratégia, poder-saber: ditos e escritos, vol. IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 281-305.

_____. Microfísica do poder. Trad. Roberto Machado. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1997.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GREGOLIN, Maria Cristina Leandro Ferreira. *Análise do discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2003.

GROSFOGUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 80, p. 115-147, 2008.

HAN, Byung-Chul. *Psicopolítica - O neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Tradução de Maurício Liesen. 2014.

_____. *A sociedade do cansaço*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2019.

_____. *No enxame: perspectivas do digital*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Petrópolis: Vozes, 2018.

JAPIASSU, Hilton. O sonho transdisciplinar. *Revista Desafios*, v. 3, n. 01, p. 3-9. 2016. Disponível em: <https://11nq.com/sonhotransdisciplinar-japiassu>. Acesso em: 15 jul 2025.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Cultura emotiva e moralidade na análise antropológica sobre a sujeira. *Revista REIA*, ano 3, v. 3, p. 172-194. 2016.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: Moita Lopes, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

LUKE, Allan. Regrounding critical literacy: representation, facts and reality. In: ALVERMANN, Donna E; UNRAU, Norman J.; SAILORS, Misty; RUDDALL, Robert B.. *Theoretical Models and Processes of Literacy*. 7 ed. USA: Routledge, 2018. p. 349-361. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/333692361_Regrounding_Critical_Literacy. Acesso em: 04 abril 2024.

MELO, Maria Lúcia de Almeida. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 296-306, 2016.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I.F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. In: PEREIRA, R.C.; ROCA, P. *Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: _____. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 35-54.

_____. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. 2008, p. 287-324.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Caderneta da Gestante. 3ª ed. Brasília - DF, 2016.

_____. Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal: versão preliminar. Brasília - DF: 2022.

_____. Importância do pré-natal. Biblioteca Virtual em Saúde, 2016. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/importancia-do-pre-natal/>. Acesso em: 23 jul. 2025.

_____. Pré-natal. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/g/gravidez/pre-natal>. Acesso em: 23 jul. 2025.

_____. Saúde do Homem. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-do-homem#:~:text=O%20objetivo%20da%20PNAISH%20%C3%A9,de%20risco%20e%20vulnerabilidades%20associados..> Acesso em: 23 jul. 2025.

_____. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Rede de Atenção Materna e Infantil (Rede Materna e Infantil – Rede Alyne): diretrizes. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2023.

_____. Rede Cegonha: diretrizes. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2011.

MOITA Lopes, L. P. (Org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. Linguística Aplicada como lugar de construir verdades contingentes: sexualidades, ética e política. Gragoatá, Niterói, n. 27, p. 33-50, 2009

_____. Da aplicação de lingüística à lingüística aplicada indisciplinar. In: PEREIRA, R. C.; ROCCA, P. (Org). Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009. p. 11-24.

_____. Linguística Aplicada indisciplinar. [Entrevista concedida a] Cláudia Zilmar da Silva Conceição. Grau Zero — Revista de Crítica Cultural, v. 3, n. 2, p. 333-340, nov. 2015.

_____. Pesquisa Interpretativista em Lingüística Aplicada: a linguagem como condição e solução. In: DELTA, Vol 10, nº2, p. 329-338. 1994.

MONTE MÓR, Walkyria. Visíveis cenas invisíveis: o desenvolvimento do olhar (Investigações sobre a leitura). Claritas: revista do Departamento de Inglês da PUC, n. 6, 2000.

MOREIRA, Icléia Caires. O processo de subjetivação do indígena em material didático subsidiado pelas (novas) tecnologias. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Sul, p. 133. 2016.

_____. Crítica e letramentos críticos: reflexões preliminares. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; FRANCO MACIEL, Ruberval. (Orgs). Língua Estrangeira e Formação Cidadã: Por entre Discursos e Práticas. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 31-50.

MUÑOZ, Jessian L.. Avaliação da paciente obstétrica. MANUAL MSD - Versão para profissionais de saúde. 2024. Disponível em: <https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/ginecologia-e>

obstetr%ADcia/abordagem-%A0-gestante-e-cuidados-pr%A9-natais/avalia%C3%A7%C3%A3o-da-paciente-obst%A9trica. Acesso em: 23 jul. 2025.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: designing social futures. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-64.

OCHOA, Karina. Feminismos de(s)coloniales. In: MORENO, Hortensia; ALCÁNTARA, Eva (org.). Conceptos clave en los estudios de género. [s.l.]: Ú-Tópicas Ediciones, 2018. p. 109–121

ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores. Veredas Temática: Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares, v. 22, n. 1, p. 51-62, 2018.

_____. Reviver o passado, sentir o presente e imaginar o futuro: desangulamentos autoetnográficos. Pensares em Revista, São Gonçalo - RJ, n. 33, p. 228-253, 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. Declaração da OMS sobre Taxas de Cesáreas. 2015. Disponível em: https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/161442/WHO_RHR_15.02_por.pdf. Acesso em: 19 jul. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. Linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

_____. Análise de Discurso: princípios & procedimentos. Campinas: Pontes, 1999

PENNYCOOK, Alastair; MAKONI, Sinfree. Innovations and Challenges in Applied Linguistics from the Global South. Nova York: Routledge, 2020.

PINHEIRO, Chloé. Golden hour: o que é a “hora dourada” do parto?. Sociedade Brasileira de Pediatria, 2020. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/golden-hour-o-que-e-a-hora-dourada-do-parto/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

PINTEREST. Rizoma. Disponível em: <https://pin.it/4FORFSgXz>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PINTO, Lara Patente; CASTRO, Estéfany Oliveira; SOARES, Carmen Luisa Laube; OLIVEIRA, Yasmin Freire de Coelho; SIMÕES, Bárbara dos Santos. Os impactos das influências culturais da retirada do vernix caseoso precocemente e suas consequências ao recém-nascido: uma revisão integrativa. Revista de Pediatria SOPERJ: Rio de Janeiro, n. 23 (2), p. 69-72, 2023.

PIOVEZANI FILHO, Carlos Félix. Política Midiatizada e mídia politizada: fronteiras mitigadas na pós-modernidade. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003. p. 49-66.

QUEM. Nasceu! 🍌 MC Mirella deu à luz Serena, sua primeira filha, fruto da relação com Dynho Alves. Mirella tentou o parto normal, porém acabou sendo encaminhada para a cesariana cerca de duas horas após a bolsa romper. O nascimento de Serena foi confirmado por Ianka Cristini, indicada pelo casal como a pessoa que compartilharia a informação em primeira mão. Ray Marcele, amiga de Mirella, também confirmou o nascimento da pequena. Parabéns aos pais e saúde para ela ❤️. [S.l.]. 26 dez. 2023. Instagram: @quem. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/C1U0cYaJTUN/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 29 jul. 2025.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-130

RATTNER, Daphne. Parto normal ou cesárea? O que toda mulher deve saber (e todo homem também). Interface: Comunicação, Saúde, Educação, Botucatu, v.9, n.17, p.409-18, mar./ago. 2005.

SANFELICE, Clara Fróes de Oliveira; ABBUD, Fernanda de Souza Freitas; PREGNOLATTO, Olívia Separavich; DA SILVA, Michelle Gonçalves; SHIMO, Antonieta Keiko Kakuda. Do parto institucionalizado ao parto domiciliar. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, vol. 15, núm. 2, março-abril, 2014, pp. 362-370. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, Brasil.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídoto ao midiacentrismo. MATRIZES. n.1. Out 2007

SANTOS, Andreia Mendes dos; COSTA, Fábio Soares da. Filosofia da Corporeidade: transversalizações de um corpo intenso de devir. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 223-237, jan./mar. 2018.

SCHADECK, Ane Lori. 🧡💡 Workshop de Preparo para o Parto – Convite Especial para Casais! 🌟💡🧡 Estão se preparando para a chegada do bebê? 🧡💡 Nosso workshop foi pensado com muito carinho para acolher, informar e fortalecer o casal nesse momento tão especial! 🧡💡 O que vocês vão encontrar:
 ✅ Orientações práticas sobre o trabalho de parto e suas fases
 ✅ Técnicas de respiração, alívio da dor e posições
 ✅ Papel do acompanhante durante o parto
 ✅ Espaço para tirar dúvidas com profissionais atualizadas e humanizadas
 📅 Data: 21/06/2025
 🕒 Horário: 15:00 horas MS
 📍 Local: Espaço Conexão Surya
 🎟 Vagas limitadas! Inscrições pelo link na bio ou pelo WhatsApp: (67)98437-4518
 🧡💡 Participar juntos fortalece o vínculo e traz mais segurança para esse momento único! Esperamos vocês!
 🧡💡 #WorkshopDeParto #PreparaçãoParaOParto #CasaisGestantes #NascimentoComAmor #PartoHumanizado #GravidezConsciente. [S.l.]. 12 jun. 2025. Instagram: @enfobstetraaneschadeck. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DKzQXIZA-ZJ/?igsh=Znk2OGw5OXRRrOGVi>. Acesso em: 15 jul. 2025.

SCHEIFER, Camila Lawson. Transdisciplinaridade na linguística aplicada: um processo de desterritorialização - um movimento do terceiro espaço. RBLA, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 919-939, 2013.

SILVA, Eduardo Dias da. Hermenêutica-fenomenológica como metodologia em Linguística Aplicada. Revista Intertexto, v. 7, n. 1, 2014, p. 1-20.

SOUZA, Lynn Mario Menezes de. Para uma redefinição de letramento crítico: conflito e produção de significação. In.: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis. Formação de Professores de Línguas: ampliando perspectivas. Paco Editorial, 2011, n.p.

UNICEF. Seu guia do terceiro trimestre: dicas para as semanas 29 a 40 da sua gravidez. S/d. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/seu-guia-do-terceiro-trimestre>. Acesso em: 30 jul. 2025.

VENDRÚSCULO, Cláudia Tomasi; KRUEL, Cristina Saling. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Humanas*, Santa Maria, v. 16, n. 1, 2015, p. 95-107.

WALSH, C. Estudios (inter)culturales en clave de-colonial. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 12, p. 209-227, enero/jun. 2010.

APÊNDICE A - Recomendações das Diretrizes de Assistência ao Parto normal (2022)

Profissionais que assistem ao parto	• A assistência ao parto de risco habitual, que se mantenha dentro dos limites da normalidade, pode ser realizada tanto por médico obstetra quanto por enfermeira obstétrica ou obstetriz. • Os gestores de saúde devem proporcionar condições para a implementação de modelo de assistência que inclua a atuação integrada e conjunta de médicos, enfermeiras obstétricas e obstetrizes na assistência ao parto de risco habitual, por apresentar vantagens em relação à redução de intervenções e maior satisfação das mulheres.
Cuidados gerais durante o trabalho de parto	• Mulheres em trabalho de parto tem o direito ao mais alto padrão de saúde atingível, incluindo o direito a uma assistência digna e respeitosa durante toda a gravidez, parto e puerpério, assim como o direito de estar livre da violência e discriminação. Portanto, devem ser tratadas com respeito, ter acesso às informações baseadas em evidências e serem incluídas na tomada de decisões, perguntando-lhes sobre seus desejos e expectativas. • Os profissionais devem estar conscientes da importância de sua atitude, do tom de voz e das palavras usadas, bem como a forma como os cuidados são prestados. O atendimento deve se basear no compromisso do sistema de saúde e dos profissionais que prestarem o serviço com uma assistência à saúde materna e neonatal segura
Apoio físico e emocional	• As parturientes devem receber apoio contínuo e individualizado durante o trabalho de parto e parto. • O apoio contínuo por pessoa de escolha da gestante não dispensa o apoio oferecido pela equipe de saúde que presta assistência ao parto. • A parturiente não deve ser deixada sozinha, exceto por períodos muito curtos de tempo ou por sua solicitação.

	• As mulheres devem ter acompanhantes de sua escolha durante o trabalho de parto, parto e pós-parto, não invalidando o apoio dado por pessoal de fora da rede social da mulher.
Dieta durante o trabalho de parto	Para parturientes de risco habitual, recomenda-se a ingestão oral de líquidos e alimentos durante o trabalho de parto.
Manejo da dor no trabalho de parto	Os métodos de alívio da dor podem ser classificados em: • métodos com evidências científicas de que promovem alívio efetivo da dor: analgesia farmacológica regional ou inalatória; • métodos que, segundo evidências científicas atuais, podem promover alívio efetivo da dor: imersão em água, relaxamento, acupuntura, massagem; • métodos sem evidência suficiente de que promovam alívio efetivo da dor: hipnose, biofeedback, aromaterapia e TENS. Antes da analgesia farmacológica, os métodos não farmacológicos para alívio da dor devem ser oferecidos.
Abordagem não farmacológica da dor	• Os profissionais de saúde devem comunicar às mulheres as opções disponíveis para alívio da dor em suas instalações de parto e discutir as vantagens e desvantagens dessas opções, de acordo com as convicções da mulher, salvaguardando a segurança materna e fetal. • A deambulação e livre movimentação materna é permitida, notadamente no primeiro e segundo período do trabalho de parto. • Técnicas como massagem ou aplicação de compressas mornas são recomendadas para parturientes de risco habitual que desejam alívio da dor durante o trabalho de parto, dependendo da preferência da mulher. • Métodos como bola de parto, técnicas de respiração e relaxamento, banhos de chuveiro, musicoterapia podem proporcionar redução na dor, mesmo que modesta e com baixos níveis de evidência, com

	custo e risco mínimos, podendo ser utilizados de maneira associada e conforme disponibilidade e desejo da mulher. • Sempre que possível deve ser oferecido à mulher a imersão em água para alívio da dor no trabalho de parto.
Abordagem farmacológica da dor	• A solicitação materna por analgesia de parto é motivo suficiente para sua realização, independente da fase do parto e do grau de dilatação, inclusive para a analgesia epidural, salvo contraindicação médica e após esgotados os métodos não farmacológicos disponíveis.
Eliminação de mecônio no trabalho de parto	• A eliminação de mecônio durante o trabalho de parto, de forma isolada, não é indicação de cesariana.
Assistência ao primeiro período do parto	• A fase latente do primeiro período do parto é caracterizada por contrações uterinas dolorosas e alterações variáveis do colo do útero, incluindo algum grau de apagamento e progressão mais lenta da dilatação de até 5 cm, para nulíparas e múltiparas. • A fase ativa do primeiro período do parto é caracterizada por contrações uterinas dolorosas regulares, um grau substancial de apagamento cervical e dilatação cervical mais rápida de 5 cm até a dilatação completa para nulíparas e múltiparas.
Duração do primeiro período do parto	• As mulheres devem ser informadas de que a duração padrão da fase latente do primeiro período do parto (fase de dilatação) não é estabelecida e pode variar amplamente de mulher para mulher.

Políticas na admissão para o parto	• Até que mais evidências estejam disponíveis, uma gestante que se apresenta às instalações de saúde em trabalho de parto deve ser admitida e apoiada adequadamente, mesmo no início do trabalho de parto, a menos que sua preferência seja aguardar o trabalho de parto ativo em casa. • Para as mulheres admitidas durante a fase latente do primeiro período, as intervenções médicas para acelerar o trabalho de parto e o parto devem ser evitadas se o bem-estar materno e fetal estiver assegurado. • Para as mulheres admitidas na fase latente e seus acompanhantes, salas limpas e confortáveis devem estar disponíveis, com espaço para caminhar e com fácil acesso a banheiros limpos, além de comida e água. • Os planos de parto precisam ser individualizados de acordo com as necessidades e preferências da mulher. • Todas as mulheres que se apresentam a uma unidade de saúde em trabalho de parto devem ser avaliadas clinicamente de acordo com a prática clínica recomendada, que inclui a realização de um exame de toque vaginal digital, mediante consentimento da mulher, para ser avaliada quanto ao trabalho de parto. • A depilação perineal/púbica de rotina antes do parto vaginal não é recomendada. • A administração de um enema na admissão para o parto não é recomendada. • A pelvimetria clínica de rotina na admissão da parturiente não é recomendada para gestantes saudáveis de risco habitual. • A cardiotocografia de rotina não é recomendada para a avaliação do bem-estar fetal na admissão do parto de início espontâneo, em gestantes saudáveis de risco habitual. • A ausculta pelo ultrassom Doppler ou com o estetoscópio de Pinard é recomendada para a avaliação do bem-estar fetal na admissão do trabalho de parto.
--	---

Cuidados e monitoração no primeiro período do parto	• As parturientes de risco habitual sem analgesia devem ser estimuladas a se movimentarem e a assumirem posições verticalizadas durante o trabalho de parto, respeitando-se o desejo e o conforto da mulher. • As parturientes com analgesia devem ser estimuladas a assumirem a posição que considerem ser mais confortável, respeitando-se o desejo e o conforto da mulher.
Intervenções e medidas de rotina no primeiro período do parto	• O uso de amniotomia isoladamente para prevenir a demora no trabalho de parto não é recomendado. • O uso de amniotomia precoce, associada ou não à ocitocina, para prevenir a demora no trabalho de parto não é recomendado. • Diante da suspeita de falha de progresso no primeiro estágio do trabalho de parto, considerar a realização de amniotomia se as membranas estiverem íntegras. Deve-se explicar à parturiente o motivo deste o procedimento e avisar que o mesmo pode aumentar a intensidade e dor das contrações. • O uso de ocitocina para prevenção de atraso no trabalho de parto em mulheres recebendo analgesia peridural não é recomendado. • O uso de agentes antiespasmódicos para prevenção de atraso no trabalho de parto não é recomendado. • O uso de fluidos intravenosos com o objetivo de encurtar a duração do trabalho de parto não é recomendado. • O trabalho de parto pode não acelerar naturalmente até que um limiar de dilatação cervical de 5 cm seja atingido. Portanto, o uso de intervenções médicas para acelerar o trabalho de parto e nascimento (como a amniotomia, o aumento de ocitocina ou cesariana) antes desse limite não é recomendado, desde que as condições fetais e maternas estejam dentro da normalidade.
Puxos	• Deve-se apoiar a realização de puxos espontâneos no segundo período do parto em parturientes sem analgesia, evitando os puxos dirigidos.

Definição e duração do segundo período do trabalho de parto	• Com analgesia epidural, o segundo período de parto pode se prolongar em até uma hora, quando comparado com a mulher sem analgesia.
Cuidados com o períneo	• Para reduzir o trauma perineal e facilitar o parto espontâneo são recomendadas técnicas de proteção perineal que podem incluir: massagem perineal, compressas mornas e técnicas hands on, respeitando as preferências da mulher e as opções disponíveis. • Não realizar episiotomia de rotina na assistência ao parto vaginal. • Após desprendimento do polo cefálico, deve-se verificar a presença de circular cervical de cordão umbilical, que deve ser desfeita realizando-se alça anterior, passando pela cabeça ou pelo corpo do feto, à medida que é expulso. Na impossibilidade da retirada da circular, realizar o pinçamento e secção do cordão umbilical.
Falha de progresso o segundo período do parto	• No prolongamento do segundo período do parto a parturiente deve ser assistida por um médico obstetra. • Caso o puxo espontâneo seja ineficaz ou se solicitado pela mulher, deve-se oferecer outras estratégias para auxiliar o nascimento, tais como suporte, mudança de posição, esvaziamento da bexiga e encorajamento. • Se houver prolongamento do segundo período do parto, ou se a mulher estiver excessivamente exausta, promover medidas de apoio e avaliar a necessidade de analgesia/anestesia.
Interação mãe-filho	• Na ausência de complicações maternas ou neonatais, deve ser garantido o contato pele a pele no parto a termo com recém-nascido saudável. • O aleitamento materno, dentro de uma hora após o nascimento deve ser garantido.

Referências

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretriz Nacional de Assistência ao Parto Normal: versão preliminar. Brasília - DF: 2022.

APÊNDICE B - Recomendações das Diretrizes de Atenção à Gestante: a operação cesariana (2016)

Oferta de informações	• É recomendado fornecer informações para as gestantes durante a atenção pré-natal, parto e puerpério baseadas em evidências atualizadas, de boa qualidade, apontando benefícios e riscos sobre as formas de parto e nascimento, incluindo a gestante no processo de decisão.
Apresentação Pélvica	• Em apresentação pélvica, e na ausência de contraindicações*, a versão cefálica externa é recomendada a partir de 36 semanas de idade gestacional, mediante termo de consentimento livre e esclarecido. • A versão cefálica externa deve ser ofertada às mulheres e realizada por profissional experiente com esta manobra, em ambiente hospitalar. • As contraindicações para a versão cefálica externa podem incluir o trabalho de parto, comprometimento fetal, sangramento vaginal, bolsa rota, obesidade materna, cesariana prévia, outras complicações maternas e inexperiência do profissional. • Em situações nas quais a versão cefálica externa estiver contraindicada*, não puder ser praticada ou não tiver sucesso, a cesariana é recomendada para gestantes com fetos em apresentação pélvica. • A cesariana programada por apresentação pélvica é recomendada a partir de 39 semanas de idade gestacional. Sugere-se aguardar o início do trabalho de parto.
Gestação múltipla	• Em gestação gemelar não complicada cujo primeiro feto tenha apresentação cefálica, é recomendado que a decisão pelo modo de nascimento seja individualizada considerando as preferências e prioridades da mulher, as características da gestação gemelar (principalmente corionicidade), os riscos e benefícios de operação

	cesariana e do parto vaginal de gemelares, incluindo o risco de uma cesariana de urgência/emergência antes ou após o nascimento do primeiro gemelar. • No caso de gestação gemelar não complicada cujo primeiro feto tenha apresentação não cefálica, a cesariana é recomendada.
Nascimentos pré-termo	• Na ausência de outras indicações, a cesariana não é recomendada como forma rotineira de nascimento no trabalho de parto pré-termo em apresentação cefálica
Fetos pequenos para a idade gestacional	• Na ausência de outras indicações, a cesariana não é recomendada como forma rotineira de nascimento em fetos pequenos para idade gestacional.
Placenta prévia	• A cesariana programada é recomendada como forma de nascimento para fetos que têm placentas centro-total ou centro-parcial.
Preditores da progressão do trabalho de parto	• A utilização de pelvimetria clínica não é recomendada para predizer a ocorrência de falha de progressão do trabalho de parto ou definir a forma de nascimento. • A utilização de dados antropométricos maternos (por exemplo, a altura materna ou tamanho do pé) não são recomendados para predizer a falha de progressão do trabalho de parto.
HIV	• Para gestantes em uso de antirretroviral e com supressão da carga viral sustentada, caso não haja indicação de cesárea por outro motivo a via de parto vaginal é indicada.
Hepatite B e C	• A cesariana não é recomendada como forma de prevenção da transmissão vertical em gestantes com infecção por vírus da hepatite B. • A cesariana não é recomendada como forma de prevenção da transmissão vertical em gestantes com infecção por vírus da hepatite C. • A cesariana programada é recomendada para prevenir a transmissão vertical do HIV e Hepatite C em mulheres com esta co-infecção
Obesidade	• A cesariana não é recomendada como forma rotineira de nascimento de fetos de mulheres obesas.

Assistência à mulher com cesariana prévia	• É recomendado um aconselhamento sobre o modo de nascimento em gestantes com cesariana prévia que considere: as preferências e prioridades da mulher, os riscos e benefícios de uma nova cesariana e os riscos e benefícios de um parto vaginal após uma cesariana, incluindo o risco de uma cesariana não planejada. • É recomendado que as mulheres com cesarianas prévias sejam esclarecidas de que há um aumento no risco de ruptura uterina com o parto vaginal após cesariana prévia. Este risco é, a princípio, baixo, porém aumenta à medida que aumenta o número de cesarianas prévias. • Na ausência de outras contraindicações, é recomendado encorajar as mulheres com uma cesariana prévia a tentativa de parto vaginal, mediante termo de consentimento livre e esclarecido. • A cesariana é recomendada em mulheres com três ou mais cesarianas prévias.
Cuidado do recém-nascido	• O contato pele-a-pele precoce entre a mãe e o recém-nascido deve ser assegurado e facilitado. • É recomendado clampeamento tardio do cordão umbilical para o RN a termo e pré termo com ritmo respiratório normal, tônus normal e sem líquido meconial. • É recomendado suporte adicional para a mulher que foi submetida à cesariana para ajudá-las a iniciar o aleitamento materno tão logo após o parto
Ligadura tubária	É recomendado que o modo de nascimento não seja determinado em função da realização da ligadura tubária. (Lei 9.263/96)

Referências

CONITEC. Diretrizes de Atenção à Gestante: a operação cesariana. Brasília- DF: 2016. Disponível em: https://www.gov.br/conitec/pt-br/midias/relatorios/2016/relatorio_diretrizes-cesariana_final.pdf. Acesso em: 20 jul. 2025.

MEMORIAL DESCRITIVO

Fiquei falando com uma pílula que o célebre Doutor Caramujo me deu. Narizinho conta que a pílula era muito forte de modo que fiquei falante demais. Assim que abri a boca, veio uma torrente de palavras que não tinha fim. Todos tiveram que tapar os ouvidos. E tanto falei que esgotei o reservatório. A fala então ficou no nível. (Lobato, 1994, p. 11)

Quando criança, assim como a Emília, personagem das histórias de Monteiro Lobato, eu era engenhosa e muito “faladeira”, como diziam, carinhosamente, alguns familiares. Cresci assistindo ao seriado do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, baseado nos livros de Lobato, e inclusive cheguei a interpretar a personagem Emília em um teatro na escola, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Junto ao Sítio, também fizeram parte da minha infância *O Menino Maluquinho*, *Uma Professora Muito Maluquinha*, *o Abz do Ziraldo*, as revistas da Turma da Mônica... que bom ser filha de uma ótima professora de português. Além disso, também já pequena me apaixonei pela música, e passei tempos e tempos da minha infância cantando com a Xuxa, com cantores célebres – os quais eu não sabia que eram célebres à época – da música popular brasileira no CD (ou disco compacto – que coisa antiga) do Sítio do Pica-Pau Amarelo, e então com a Kelly Key, com Babado Novo... Cultivei uma relação profunda com as palavras, cresci com elas, me emocionei com elas, participei e ganhei um concurso de poesias com elas, aos 7 anos.

Assim como a Emília, agitada, aventureira e abelhuda, eu vivi meus primeiros anos bem moleca. Os anos que passei morando em um condomínio, na cidade de Presidente Epitácio, interior paulista, eu morei mais fora do que dentro de casa. Fiz amizade com senhorinhas muitíssimo interessantes, que me contavam sobre a vida, sobre suas viagens e experiências sobrenaturais. A eterna dona Izabel possuía uma biblioteca incrível em sua casa, e me presenteou com exemplares vermelhos, em capa dura, de livros do Monteiro Lobato. A risonha vó Lourdes já tinha vivido de tudo e mais um pouco, esbanjava alegria e sabedoria. Dona Marlene era uma senhora de muitos números, tinha computador em casa e nos ensinava matemática. Quando eu não estava metida na casa de alguma delas, estava no topo de alguma árvore, com mais sete ou oito crianças, dando motivos para reclamações de outros adultos.

Por muitos anos, graças ao privilégio de ter uma mãe que não desistiu, estudou e trabalhou muito, e à presença de tias, tios e primos muito solícitos, eu pude não me preocupar

com seriedades. Na adolescência, ganhava brinquedos e livros de presente, e me dobrava e desdobrava sobre a cama lendo *Percy Jackson, Jogos Vorazes* e outros romances adolescentes melodramáticos. O falatório, a essa altura, já era mais complexo, e eu era uma menina de muitas palavras. Pude estudar inglês em uma escola de idiomas, e passei a cantar e conversar também em outra língua – coitados dos ouvintes. Porém, apesar de tudo isso, a (des)organização do meu próprio mundo interior, repleto de presenças e ausências, afetos e desafetos, ordem e desordem, fez foi embaçar minha visão sobre mim mesma, não permitindo que eu visse o bom dentro de mim, minhas capacidades e potência.

E foi assim que eu cheguei à universidade: tal qual uma esponja, eu havia absorvido, para além do que é bom, palavras negativas, informações confusas, desencorajamento. Entre os trancos e barrancos da mudança de casa, de cidade, de estado, na confusão da nova rotina, das novas responsabilidades, eu me senti perdida. Ingressar no curso de Letras não era um sonho, foi uma escolha, a qual eu acreditava que precisava sustentar, ver no que poderia dar. E que bom que eu resisti e persisti. Já no primeiro ano, eu me candidatei à vaga de professora do Progele – Programa de Ensino de Línguas Estrangeiras, pensando que não conseguiria falar em inglês, apenas ler e escrever. Cheguei à entrevista, conversei em inglês com o entrevistador, e fui aprovada. Senti medo, não tinha nenhum veículo, não conhecia a cidade.

Com coragem, organização e estudos, conduzi as aulas com êxito até o fim do programa, aprendi a usar o ônibus circular da cidade e ainda consegui economizar o dinheiro da bolsa Capes que recebi para pagar minha carteira de motorista. A participação no programa resultou em um trabalho, feito em coautoria com outros colegas, apresentado no evento Integra UFMS, intitulado “Progele CPTL: oportunidades e experiências para a formação inicial de professores de línguas estrangeiras”. Ainda no primeiro ano da faculdade, com a ajuda do então preceptor do programa, consegui meu primeiro emprego, e passei a dar aulas de inglês em uma escola de idiomas. Trabalhei na empresa por mais de um ano, concomitante aos estudos, ao segundo ano dando aulas no Progeli, e à pandemia do Covid-19. À época, eu já morava sozinha, havia conquistado minha habilitação de motorista e andava de bicicleta e ônibus por toda a cidade, contando com o apoio do meu então namorado, que também cursava sua faculdade.

A pandemia foi cruel, o trabalho ficou exaustivo em *home office*, a vontade de estudar era quase nula. Mas, como um cogumelo no fim do mundo (Tsing, 2021), houve cogumelos na pandemia. Foi em 2020 que eu e meu namorado, agora marido, unimos nossas forças e passamos a morar juntos. Também foi neste mesmo ano que, aquele mesmo professor preceptor do Progeli, agora meu orientador, Fabrício Ono, proporcionou um curso em parceria com a embaixada americana, no qual uma professora norte americana ministrou aulas voltadas ao

ensino de língua inglesa em tempos imprevisíveis. Deste curso, resultou uma apostila, feita à várias mãos, inclusive as minhas, que apresenta diversos recursos para ensino de língua inglesa utilizando tecnologias digitais. Tive a oportunidade, junto aos colegas, de apresentar esse material à professores da rede pública de ensino.

No ano seguinte, 2021, ainda na pandemia, ingressei no programa Residência Pedagógica, a RP. Ter participado da RP me abriu ainda mais os olhos para a importância do professor e do ensino de línguas, bem como da faculdade e do comprometimento com as esferas de ensino, pesquisa e extensão, para que a aprendizagem dos professores em formação seja integral e que o conhecimento ali adquirido ultrapasse as paredes da universidade. Desta edição da RP, eu, Fabrício e Shaenne, colega do programa, produzimos um capítulo, que foi publicado no livro *As experiências do Programa de Residência Pedagógica/UFMS em contexto de pandemia* (2025). Ainda, em coautoria com a colega Amara Canan, apresentei mais uma vez no evento Integra UFMS, com um trabalho intitulado "A distância não é apenas física: contribuições do projeto Formação em tempos de pandemia para professores em Mato Grosso do Sul: Pensando e agindo nas imprevisibilidades por meio das tecnologias de informação e comunicação (TICS). – CPTL/UFMS2020 na prática docente durante a pandemia".

Foi também em 2021 que passei a dar aulas de inglês em uma escola regular na cidade. Conciliei o trabalho com os estudos e a vida de casada, agora finalmente motorizada, com a ajuda de meu pai. Os desafios deste ano foram muitos, manter a sanidade mental parecia quase impossível, e foi quando decidi buscar a ajuda de um psicólogo – com o qual mantenho as terapias até os dias de hoje. Já em 2022, ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, e passei a me dedicar aos estudos em Linguística Sistêmico-Funcional, para então produzir um artigo, em conjunto com o professor orientador, em inglês. Neste mesmo ano, tive a alegria de encontrar meu nome na lista de convocados para um concurso público municipal - eu prestei, em 2021, o concurso para Agente Comunitário de Saúde, e consegui a primeira colocação, e desde então, estava aguardando a convocação, ainda trabalhando na escola.

Enfim concursada, pude dar continuidade e caminhar para a conclusão da minha graduação com uma paz inigualável. Porém, em janeiro de 2023, descobri que estava grávida. Por momentos me desesperei, pensei que não conseguiria concluir o curso, que não teria mais tempo para estudar. Mas, mais uma vez, com o apoio de marido, familiares, professores e colegas, mais a terapia, esse foi um desafio vencido com sucesso, com mais uma participação no Programa de Residência Pedagógica e mais produções de trabalhos. Desta vez, apresentei na V Semana de Letras UFMS/CPTL e I Fórum de Estágio Supervisionado, um banner

intitulado “A RP como forma de (re)encontro da identidade: ainda existe uma professora dentro dessa mãe?”, produzido em coautoria com os professores preceptor e coordenador do programa, e no Integra UFMS o trabalho “Reflexões críticas sobre o papel do professor em formação no programa Residência Pedagógica”, juntamente com uma colega da RP. Em dezembro de 2023, me formei na graduação.

Para a minha surpresa, eu resolvi tentar ingressar no programa de mestrado da UFMS/CPTL, e consegui. Por motivos que ainda estão sendo escavados dentro de minha incompletude, eu não pretendia seguir com os estudos, não acreditava que tinha algo de relevante a dizer para produzir uma dissertação. No entanto, a possibilidade que me foi dada – e alcançada - tem sido muito bem aproveitada, e hoje posso dizer que já rendeu alguns frutos. Em 2024, meu primeiro ano de mestrado, eu apresentei minha pesquisa no I SEELL - Seminário de Estudos Linguísticos e Literários, I Seminário de Dissertações e Teses e I Seminário de Autoavaliação do PPG Letras, com o trabalho “Descolonizar o parir: corpo, discurso e letramentos”. Ainda neste ano, tive a oportunidade de participar como mediadora/debatedora/palestrante do trabalho “Políticas linguísticas e educacionais para LE/LA/LI” no XVI Encontro do 3º Ciclo do Projeto Nacional de Letramentos – Educação Linguística, Formação Docente, Políticas e Decolonialidade, evento internacional realizado na FFLCH, pela USP.

Pouco depois, também pude participar da VI Semana de Letras da UFMS/CPTL e II Fórum de Estágio Supervisionado, com o trabalho “Corpo que sente, ser que resiste”, em coautoria com o meu, finalmente, orientador, Fabrício Ono. Ainda neste mesmo ano, apresentei o trabalho “Parto, pesquisa e letramentos nas relações possíveis”, no I Seminário Sul-mato-grossense de Educação Linguística Crítica: Ontoepistemologias Decoloniais. As participações que tive o privilégio de fazer nesses eventos, ao longo da caminhada do mestrado, me mostraram que posso estar em qualquer lugar, com pessoas com as quais eu jamais imaginaria conversar. Apresentar e debater meu trabalho com o prof. Dr. Lynn Mario Trindade Menezes de Souza, ouvir de perto e conversar com a prof.^a Dr.^a Ana Paula Duboc Martinez Menezes, e tantas outras figuras centrais nos estudos linguísticos, filosóficos, decoloniais e dos letramentos no Brasil nos dias atuais, moveu mais peças do que eu poderia imaginar em minha estrutura emocional, mental, física, corpórea.

Escrevo hoje este memorial com lágrimas nos olhos, de quem se (re)vê, se (re)imagina, se (re)constrói para si e para o mundo. Esse texto que escrevo, faz um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, como quem sai do corpo e se observa de fora. Quanto

crescimento, quantas mudanças, que bom que tudo isso aconteceu e que eu me permiti/me foi permitido viver.

REFERÊNCIAS

LOBATO, Monteiro. A reforma da natureza. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 11.

TSING. Anna Lowenhaupt. O cogumelo no fim do mundo: sobre as possibilidades de vida nas ruínas do capitalismo. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: N-1 edições, 2021.